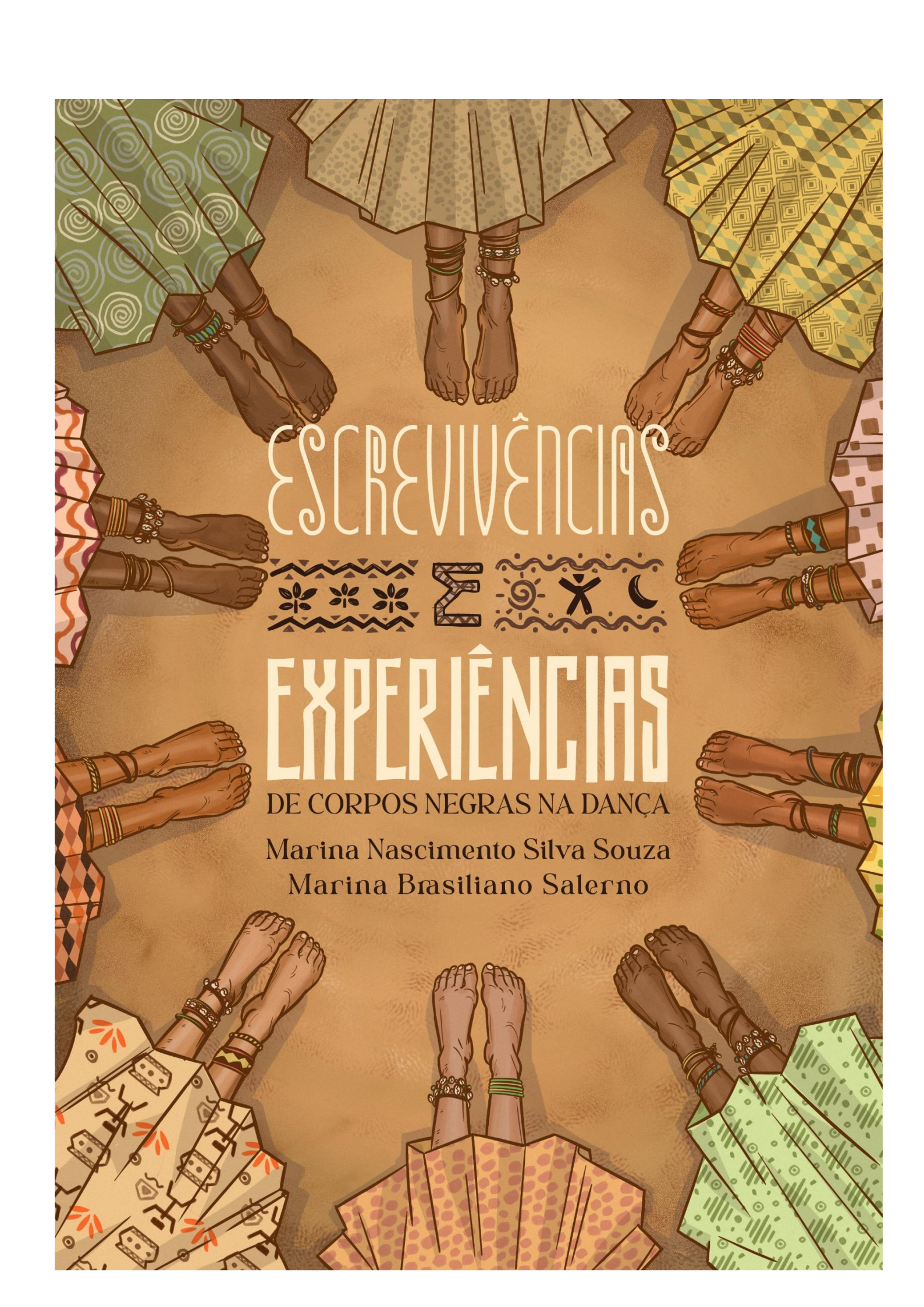


An illustration of several pairs of feet, likely belonging to Black women, arranged in a circle on a sandy floor. Each pair of feet is adorned with multiple colorful beaded and metal anklets. The feet are wearing skirts with various patterns: green with white swirls, beige with black dots, yellow with green geometric patterns, pink with white polka dots, orange with black and white geometric patterns, and green with white vertical stripes. The text 'ESCREVIVÊNCIAS' is written in a white, stylized, serif font across the middle of the circle.

ESCREVIVÊNCIAS



EXPERIÊNCIAS

DE CORPOS NEGRAS NA DANÇA

Marina Nascimento Silva Souza

Marina Brasiliano Salerno



ESCREVIVÊNCIAS



EXPERIÊNCIAS

DE CORPOS NEGRAS NA DANÇA

Marina Nascimento Silva Souza

Marina Brasiliano Salerno

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Aquidauana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais, área de concentração Diferenças e Alteridades.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Marina Brasiliano Salerno.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS**

MARINA NASCIMENTO SILVA SOUZA

ILUSTRAÇÕES: DAVI NASCIMENTO SILVA

ESCREVIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE CORPOS NEGRAS NA DANÇA

AQUIDAUANA, MS
2025

MARINA NASCIMENTO SILVA SOUZA

ILUSTRAÇÕES: DAVI NASCIMENTO SILVA

ESCREVIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE CORPOS NEGRAS NA DANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Aquidauana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais, área de concentração Diferenças e Alteridades.

Orientação: Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marina Brasiliano Salerno (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Alessandra Pio (membro titular externo)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues Gomes (membro titular interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra Eugênia Portela de Siqueira Marques. (membro suplente externo)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa (membro suplente interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

AQUIDAUANA, MS

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os encontros ancestrais que possibilitaram minha chegada até aqui.

Aos meus pais, Maria Conceição Oliveira Nascimento e Dauton Alves da Silva e ao meu irmão Davi Nascimento Silva, que ilustrou esta pesquisa brilhantemente, contribuindo com sensibilidade e imenso significado às narrativas. Aos meus filhos João Guilherme Silva Souza e Maria Elisa Silva Souza, e ao meu marido William Isaias Carvalho Souza por serem colo em todos os momentos.

À minha orientadora, Marina Brasiliano Salerno, que partilha seus saberes e caminha ao lado com muita competência, empatia e generosidade, sempre nos impulsionando na área da pesquisa.

Aos componentes da banca, Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues Gomes, Profa. Dra. Alessandra Pio, Profa. Dra Eugênia Portela de Siqueira Marques e Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa, por aceitarem contribuir com o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em especial à Profa. Dra. Janete, Profa. Dra. Iara e Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa pelas valiosas orientações e suporte.

Ao Prof. Dr. Ricardo Mateus Benedicto e aos componentes do Grupo de Pesquisa em Educação Afrocentrada, pelo aquilombamento genuíno.

Aos meus colegas de pós-graduação, e suas experiências que abriram meus caminhos como pesquisadora, em especial Marcos Leite, Yuri Tomaz, Mateus Fernandes e Carolina Barros.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa que auxiliou a viabilização deste trabalho.

Modupè

SOUZA, Marina Nascimento Silva. *Escrevivências e Experiências de Corpos Negras na Dança* 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2025.

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo identificar os agenciamentos de meninas negras na dança. Esta proposta se inicia a partir da investigação sobre as dinâmicas e trânsitos que envolveram minhas vivências como mulher e bailarina negra em uma cultura hegemônica, permeada por reflexões acerca do apagamento das manifestações culturais africanas na cultura brasileira e da constante divulgação e valorização da cultura eurocêntrica que vivenciei durante minha permanência no balé clássico. Chegando nas impressões obtidas a partir do encontro do meu corpo negro de pesquisadora, com os corpos negros das meninas negras, sujeitas compõem as narrativas plurais dessa pesquisa. Por meio da escrevivência, a reflexão aborda os contextos hegemônicos no ensino da dança, buscando nos conceitos de agência e afrocentricidade, história da dança, balé clássico e danças afro-brasileiras, entender os agenciamentos de bailarinas negras (anônimas e consolidadas, como Mercedes Baptista) apesar dos desafios geracionais similares. A metodologia de escrevivência (Evaristo, 2009) alinha-se à promoção de localização, centralidade e agência negra. O estudo de campo envolveu oficinas de danças populares afro-brasileiras (Maracatu Rural, Frevo) para meninas negras (10-13 anos) em Mato Grosso do Sul. Observou-se o exercício da agência das participantes ao optarem pelas danças afro-brasileiras em detrimento do balé, e identificaram-se concepções estigmatizadas sobre a África e preconceitos religiosos relacionados as manifestações culturais africanas. Após as oficinas, a fragilidade na representação africana e protagonismo negro persistiu, indicando a limitação de esforços individuais sem suporte institucional e familiar. Contudo, o engajamento das participantes demonstrou autonomia e busca por tão valiosos saberes culturais ancestrais. Os agenciamentos manifestaram-se na permanência e no envolvimento das meninas, que se sustentou até o final da experiência. Urge que a divulgação desses conteúdos transcenda iniciativas individuais, demandando responsabilização social e implementação de leis. Esta experiência nos proporcionou o pertencimento, sensação envolvida pelo orgulho em reconhecer-se nas expressões culturais negras.

Palavras chave: Afrocentricidade; Alteridade; Danças Afro-brasileiras; Escrevivência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - MINHAS ANDANÇAS - Sobre os caminhos que percorri	15
1.1 Agência - Conceitos e Reflexões	15
1.2 Definições de agência	18
1.3 Maafa: o processo de fragmentação experienciado pela população negra.....	21
1.4 Afrocentricidade como fonte de agência	27
CAPÍTULO II - Essa menina tão pequenina queria ser bailarina - SEM LUGAR NO BALÉ CLÁSSICO E MEU REENCANTAMENTO PELAS DANÇAS AFRICANAS	35
2.1 Movimento, dança e seus caminhos pela história	35
2.1.2 Os pés no chão das Danças Afro e seus desdobramentos na dança afro-brasileira	37
Maracatu e Frevo - Ao passo do reencontro	42
2.2 Nenhum fio de cabelo fora do lugar	49
CAPÍTULO III - É ANDANDO QUE SE FAZ O CAMINHO	59
3.1 Caminhos possíveis	60
3.1.2 Ferramentas metodológicas acessadas	61
3.1.3 De mãos dadas- Quem faz essa roda girar, cuidados éticos e como foram feitas as análises	50
3.1.4 Procedimentos de levantamento e análise de dados	64
3.2 Estrutura das oficinas: Caminhar, Aprender - Experimentações em danças afro referenciadas	65
CAPÍTULO IV - QUE NOTÍCIAS TRAZEM AS ÁGUAS	71

4.1 O circular das experiências	72
4.2 Conhecimentos e Impressões sobre o continente africano	74
4.3 Vamos Dançar - E assim a agência acontece.....	85
4.4 Crenças e a Cosmovisão ocidental - Sob as armadilhas do olhar.....	94
CONSIDERAÇÕES EM FLUXO - NÓS E OUTROS RIOS - A gente se fortalece	106
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

Só mais uma Silva

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2001) conduzida pela escrevivência (Evaristo, 2009) e fundamentada por meio da revisão bibliográfica (Barros, 2009). Entre outros encontros metodológicos que descreveremos melhor mais adiante, sob o título “ Escrevivências e Experiências de Corpos Negros na Dança”. Podemos entender a escrevivência como um conceito-experiência que conduzirá minha narrativa, que propõe a aventura de revisitar experiências anteriores e dançar novos sentidos (Lima, 2023).

O escrever sobre o que se vive compromete as estruturas hegemônicas ao compartilhar outros saberes em espaços antes liderados pela narrativa única ocidental, por uma perspectiva que teme a interação com o diferente, que anseia por dividir, separar, apagar, para dominar e padronizar. Conduzidas estas conhecidas de longa data pelas protagonistas da escrevivência, as mulheres negras. A subjetividade contida em nossas narrativas trazendo à escrita acadêmica seus temperos, com seus sabores marcantes, envolventes e encantadoras demonstra que nunca fomos indivíduos passivos na construção de nossa sociedade, ignorar nossas epistemologias não as fez desaparecer (Leite; Nolasco, 2019). Sendo assim este encontro com a escrevivência se apresenta como uma escolha muito feliz e pertinente na mediação de uma escrita que pudesse dar conta de um corpo-artista-professora-pesquisadora e os desafios que aparecem no construir de uma dissertação (Lima, 2023). No entanto, conheceremos esta orientação mais de perto nos capítulos seguintes.

Achei pertinente então abrir os trabalhos pela menção de meu nome, Marina Nascimento Silva. Pelo menos o nome que me acompanhou por mais tempo até hoje. O que geralmente vem logo após as concepções obtidas pelo olhar, o que nos apresenta. Deste nome partiram apelidos carinhosos, vindo de meus pais que eu guardo com muito carinho. Talvez eu os mencione mais adiante, mas aprecio que eles estejam seguros só comigo. Mas voltemos ao meu nome, Marina, a que veio do mar, uma

imensidão misteriosa, bela, considerada pela sua força e potencialidade, que alimenta, que nutre e que também finda, que abriga múltiplas expressões. Ora calmo, ora agitado, e só quem conhece intimamente suas instabilidades é capaz de usufruir de um permanecer tranquilo em sua presença. Nascimento de minha mãe, mais autoexplicativo que isto impossível, de quem me deu a vida, que me carregou, me carrega e que também levo comigo, às vezes fisicamente, mas sobretudo por seus ensinamentos. E Silva de meu pai. E somos tantos Silva, neste país, por vezes me pego pensando, se não fossem os atravessamentos que levaram a ser uma Silva, qual seria meu sobrenome? Bom, certamente um assunto espinhoso para uma população que teve suas origens queimadas. Mas, eu sou uma Silva. E esta parceria, mãe e pai, dentro de mim, se apresenta ao mesmo tempo como maremoto e como marolinhas aconchegantes e ondas brincalhonas. Honro meu ponto de partida e os encontros ancestrais que me trouxeram até aqui.

Por muitos anos, no mundo aqui fora, fui só Marina. E pelos olhos não só de Dorival Caymi também era morena, por longos anos não pude ser negra, tive que me pintar, ou será que me pintaram? E sem que eu entendesse as questões que um sobrenome movimenta, ao adentrar em uma escola de balé, me tornei Marina Silva. Na época em que eu iniciei naquela escola, éramos três Marinas e em meio a diversos sobrenomes que ocupavam posições de prestígio social, pude vivenciar a oportunidade de não ser mais uma Silva. Eu era a única Silva. Por questões sociais que refletiremos nos próximos capítulos. Naquele espaço experimentei um lugar de destaque, produzido pela cor que a maioria das pessoas que carregam este sobrenome tem, a cor preta e suas nuances. E tamanha foi minha surpresa ao me encontrar com mais uma Marina agora em meu ingresso na nesta pós-graduação, minha querida orientadora, com seus encantamentos que remetem a força e a generosidade do mar.

Inspirada por esses atravessamentos que envolveram o meu ser e estar nesses espaços como mulher negra, que desenvolveu seus primeiros agenciamentos ainda que (DES) orientados por uma sociedade hegemônica que opera fortemente para oferecer barreiras as performances autônomas de corpos negros, apresento os primeiros passos, impressões e concepções obtidas nesta pesquisa que tem por objetivo compreender as particularidades que impulsionam os processos de agenciamentos de mulheres negras na dança. Vejamos a seguir quais conceitos conduzem cada capítulo, bem como as movimentações que e entrelaces que os mesmos estabelecem com as narrativas aqui compartilhadas.

O primeiro capítulo intitulado “Minhas AnDANÇAS - Sobre os caminhos que percorri”, se propõe a expor as relações que podem ser encontradas entre os conceitos de agência e afrocentricidade, por meio da apresentação das perspectivas de agência obtidas na revisão bibliográfica e as possíveis conexões que podem ser feitas com o paradigma da afrocentricidade. Teoria proposta por Molefi Kete Asante em meados dos anos de 1980 sob a missão de estabelecer e propor orientações centradas nas experiências das populações africanas com o objetivo de resgatar as práticas dessas civilizações e suas contribuições na valorização e legitimação do ser estar das populações negras.

Seguimos com o segundo capítulo sob o título, “Essa menina tão pequenina queria ser bailarina- Sem lugar no balé clássico e meu reencantamento pelas danças africanas”, que lida com as questões que envolvem minha trajetória na área da dança, trazendo inicialmente a contextualização de minhas experiências e relacionando-as com o referencial teórico que abarca a história da dança, uma breve história do balé clássico e como estes atravessamentos conduziram o trabalho de campo estruturado por meio de oficinas de danças afro-brasileiras para meninas negras de uma escola municipal do interior de Mato Grosso do Sul. Reflito então sobre a grande parcela que o balé ocupa em minha formação, com também os ensinamentos que recebi nos espaços educacionais, a expressiva presença das referências ocidentais e todos os seus esforços em manter os conteúdos ali divulgados, sobre uma perspectiva única, de caráter hegemônico (Njeri, 2019). Logo para enfrentar tais questões e sustentar a elaboração das oficinas, finalizo o segundo capítulo situando o leitor acerca das danças afro e danças populares brasileiras, mantendo os holofotes nas manifestações do Maracatu Nação e do Frevo.

Diferente do observado geralmente nas escritas, quando a metodologia que envolve a pesquisa surge logo no início, para assim sinalizar quais ferramentas envolvem a produção do trabalho, este estudo apresenta os aspectos metodológicos durante o terceiro capítulo, intitulado “É andando que se faz o caminho”. Esta organização se dá devido aos relatos que compõem o trabalho de campo, centrais para o tecer desta pesquisa, se localizarem após o referencial teórico, logo, optamos por concentrar este material próximo às impressões obtidas a partir dos encontros com as participantes desta pesquisa. Logo, no momento em questão, relato os caminhos metodológicos acessados para a realização deste trabalho, bem como as características

da pesquisa, o público envolvido, o trabalho de campo que está sendo desenvolvido, como foram feitas as análises e os aspectos éticos que o envolvem.

Diante do exposto os encontros metodológicos observados envolvem a pesquisa qualitativa configurada por apresentar ampla presença de situações permeadas pela expressão e comunicação por meio da linguagem (Minayo, 2001), diálogos e troca de experiências, com seu conteúdo estruturado pela revisão bibliográfica (Barros, 2009) acerca dos conceitos de agência (Ortner, 2007; Asante, 2009) e afrocentricidade (Asante, 2009), e as perspectivas encontradas em pesquisas acadêmicas anteriores, realizadas por meio do estado da arte desses conceitos nos sites da Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses, que compreendem a história da dança, do balé clássico, das danças afro e das danças afro-brasileiras.

Já no trabalho de campo, na qual, sustentada pelo paradigma da afrocentricidade (Asante, 2009) e sua premissa de divulgação e proteção dos elementos culturais africanos, procuro refletir acerca dos agenciamentos das mulheres negras na dança, por meio das impressões deste corpo como produtor de saber, na elaboração e execução de uma oficina de vivências artísticas dançantes afrocentrada direcionadas para meninas negras entre 10 e 13 anos de uma escola municipal do interior do Mato Grosso do Sul, como também os agenciamentos dessas meninas e possíveis questões trazidas por elas e seus atravessamentos.

As oficinas foram registradas em um diário de campo e fizemos duas rodas de conversa, documentadas por áudio e transcritas para sua análise. Os conteúdos obtidos foram analisados, discutidos e sustentados com base no referencial teórico pertinente e estão presentes no capítulo final, o quarto capítulo, sob o título de “Que notícias trazem as águas”, que nos banham com narrativas intensas, compostas por questões urgentes que não podem mais ser ignoradas ao ficarem restritas apenas ao campo das ideias. É preciso agir. Sendo assim, espero, ao entrecruzar tais experiências, reverberar nas reflexões acadêmicas, narrativas potentes e inspiradoras de vozes negras, honrando os apagamentos que outrora sofremos, inquietação que caminha comigo ao longo de minha trajetória e me impulsionou a adentrar na pós-graduação.

Logo, esta pesquisa marca e reafirma meu compromisso ancestral, por meio da restauração de nossas memórias, em incentivar o despertar dos que ainda vagam

desorientados, preparar as gerações futuras e somar com os que já estão neste propósito em direção ao posicionamento digno da população negra.



Capítulo 1

MINHAS AnDANÇAS - Sobre os caminhos que percorri

CAPÍTULO I - MINHAS ANDANÇAS - Sobre os caminhos que percorri

No capítulo I, apresentaremos as compreensões sobre aspectos que entrelaçam a agência e a afrocentricidade. Ele parte de constantes inquietações que foram emergindo ao longo de situações vividas por mim em espaços majoritariamente brancos, seja da forma literal, por não haver outras pessoas negras na partilha da experiência, seja na configuração estrutural da sociedade que opera por essa narrativa desde sempre. Por inquietações localizo, após o encontro com as referências que serão debatidas aqui, a minha agência.

Tal análise colabora com a pesquisa no viés proposto que abarca tanto minhas especificidades, como as também particularidades das demais participantes que contribuíram para o tecer desta proposta, no momento da vivência prática da mesma, já que os dados são envoltos pelas reaproximações com identidades e resistências diante do histórico brasileiro e mais especificamente, do interior de Mato Grosso do Sul. O ser estar em um corpo negro traz marcas que me possibilitaram perceber e receber os olhares e reações dos ambientes que passei, e por ele me encontro com o ser estar de outras meninas por onde passo com a celebração e orgulho de ser quem se é, genuinamente. E com os questionamentos, insatisfações e mudanças que porventura quiserem atravessar esses corpos, sejam despertadas por dentro e não pelas imposições agressivas que vêm de fora.

1.1 Agência - Conceitos e Reflexões

Com o objetivo de ampliar a compreensão acerca das definições do termo agência, apresento aqui as principais interpretações que se conectaram com a proposta do meu trabalho. Ao longo de minhas investigações sobre o termo agência, uma das primeiras perspectivas que identifiquei foram as relacionadas à impulsos pessoais, no qual a pessoa, enquanto indivíduo, entende suas intenções e organiza suas ações para estabelecê-las, exteriorizá-las. Como as qualidades referentes à autonomia, posicionamento e ação, que são coincidentes nas pesquisas, e em função da amplitude que abarca o presente termo, encontram-se também conceitos equivocados e distantes das definições há tempos legitimadas (Hubner, 2021). Logo, ao longo desse processo percebi que a compreensão acerca das especificidades que compõem o conceito de agência requer um esforço considerável de estudiosos de diversas áreas, e a mesma se adequa às situações que ali emergem, não tendo um conceito único e fechado.

Termo chave nas discussões que concernem as relações sociais, os processos de agenciamentos tendem a fluir de acordo com as particularidades das situações, apresentando, se necessário, resistência e elaborando e impondo novas narrativas aos modelos sociais hegemônicos (Furlin, 2013), sendo este um dos principais aspectos que conduzem as reflexões aqui contidas, a divulgação de narrativas que questionam os já consolidados fundamentos coloniais ocidentais.

Com o intuito de caminhar ao lado das reflexões sobre agência apresentados pela perspectiva africana, a partir de autores como, Molefi Kete Asante, Cheik Anta Diop, Nah Dove, Marimba Ani, Renato Nogueira, Katiúscia Ribeiro, Aza Njeri, Abdias Nascimento, Lélia Gonzales, entre outros, e assim estabelecer uma coerência com as narrativas que usufruem do saber legítimo das populações negras, proposta do presente estudo, apresento também definições estruturantes de autores não afrocêntricos, encontradas em torno do conceito de agência.

Em um capítulo sobre agência, na qual pretendo entre outras demandas, fomentar a representação positiva sobre o feminino negro, validada por trajetórias edificantes das mulheres que conheceremos nos próximos capítulos, inicio sua reflexão a partir da importância em se localizar os caminhos percorridos na subjetivação do sujeito (Asante, 2014), para assim entender como as negociações por ele feitas são estabelecidas e recebidas pelo social. Tal subjetivação se dá por meio das relações de poder e interação social “com os sistemas de significação e de representações culturais, nos quais a linguagem é central (Furlin, 2013 p. 396). ” O que tende a neutralizar posições hierárquicas, pois os processos de interação são dinâmicos e específicos à cada situação, por proporcionarem tanto experiências de mobilidade quanto de limitações.

Um exemplo expressivo do evento citado acima, é relatado por Araújo (2022), no qual Venceslau Brás presidente da república no período de 1868-1966, já descredulado por uma lesão na perna, que o deixara enfermo há aproximadamente 5 anos, se consulta com Tia Ciata¹, que o cura após do mesmo passar por diversos tratamentos médicos, sem sucesso. Ou seja, apesar das diferenças sociais observadas nos contextos de ambos,

¹ Hilária Batista de Almeida: Nascida na Bahia em 1854 chegou ao Rio com 22 anos de idade devido à diáspora baiana. Líder comunitária, religiosa e empreendedora. Sua casa tornou-se em núcleo cultural de resistência negra responsável pelo desenvolvimento e consolidação do samba urbano carioca como movimento de cultura popular. Falecendo em 1924 com um legado relevante à cultura popular brasileira, mulher negra, que atuava em diversas frentes devido a necessidade de superar as desafiadoras condições financeiras que esta população negra vivencia ao longo dos tempos (Araújo, 2022).

o lugar de poder de um presidente, e de médicos, não foram superiores aos saberes culturais ancestrais dominados por Tia Ciata.

O exercício da agência da mulher negra no ocidente é composto por um contexto cultural repleto de barreiras e mensagens subliminares de cunho desencorajador do processo. O curto período histórico, porém, devastador, que compreendem as violências massivas contra a população negra durante a escravização de nosso corpos, demandam o desenvolvimento estratégias consistentes acerca do devido posicionamento dos feitos africanos anteriores a esse período, “e requer a compreensão da composição do corpo na cultura de matriz africana” (Lima, 2023 p. 97).

Ainda sobre o exemplo de Tia Ciata, exposto acima, Furlin (2013) destaca a partir de Butler (2010) a identificação de situações de submissão nos processos de constituição do indivíduo, na qual as mesmas operam além do inicial sentimento de incompletude do desejo, pois tais sensações favorecem reflexões de resistência e estruturam possibilidades de confronto e encontro com a concretização do objetivo, ou seja, o que impulsionou a ação. Assim sendo, relacionam-se a possibilidade e potência com a presença da subordinação, pois o ambiente de conflito força o redirecionamento de estratégias vislumbrando a efetivação do desejo. Logo, as interações sociais propostas por Furlin (2013) devem ser compostas por situações de subordinação que irão estruturar por meio da reorientação das experiências fracassadas a capacidade de fundamentação e articulação de possíveis agenciamentos.

Ortner (2007) também reflete sobre a presença de agenciamentos autênticos em situações de dominação em larga escala, como o sistema de escravidão, por exemplo. Apesar do devastador desequilíbrio nas relações de poder contidas nos contextos de dominação, o autor aponta a presença da agência dessas populações subalternizadas e a atribui às características dinâmicas e complexas contidas nas relações de poder presentes nos contextos sociais como um todo, as ocorrências consistentes de tais manifestações. Ao considerar a hipótese acima subentende-se que os agenciamentos não ocorrem somente quando os movimentos de resistência são exteriorizados por meio de ações concretas, pois ao identificá-los em momentos de subordinação, considera-se a postura expressa como agência sem atribuir qualquer juízo de valor à mesma e assumindo a potência do indivíduo para além dos modelos pré-estabelecidos de resistência.

Furlin (2013) identifica o poder como anterior ao sujeito, uma qualidade que está no contexto que o cerca e como o mesmo é constituído a partir das experiências do

meio, dentro de si encontra-se características estruturadas por essa interação, sendo assim, os arranjos resultantes dessa dinâmica possibilitam a elaboração de caminhos e estratégias para as adversidades das relações em sociedade. Para a autora, agência, ou capacidade de ação, emerge dos conflitos entre situações de subalternização, o transcender provocado pelo desconforto do evento anterior e as interações do poder presente no contexto com o poder produto das interações do indivíduo com o meio.

Hall (2000) e Ortner (2007), estão de acordo com a perspectiva acima ao entenderem a pessoa como autor centrado da prática social, que estrutura suas perspectivas por meio da cultura que o cerca, no entanto, esta mesma cultura está sujeita a modificações propostas pelo seu produto. Esta complexidade e mobilidade nas relações questiona a permanência de posições hierárquicas na sociedade (Ortner, 2007). A qualidade dessas relações apresenta-se no reflexo da construção de uma subjetividade digna e eficiente no enfrentamento das adversidades do meio social e é permeada por diversos eventos, ofertados por ambientes e experiências, nos quais o indivíduo consiga identificar seus desejos e articular suas ações para a garantia dos mesmos. Ortner (2007) já afirmava que agência não está submetida apenas aos esforços do sujeito em questão, pois as intenções desses esforços são influenciadas pelo meio e produto dessas interações é permeado pelas relações de poder ali estabelecidas, ou seja, a responsabilidade pelo sucesso do arranjo não pode ser exigida de um único lado.

1.2 Definições de agência

Partimos agora para as definições que cercam o conceito de agência. Equívocos de tradução do presente termo são relatados por Puar (2013). Segundo a autora, o termo agenciamento, no sentido de montagem, com sua tradução para o inglês - *assemblage*, é equivocado. Ela aponta os estudos de Phillips (2006), como caminho adequado a se seguir no sentido de - eventos, conexões, relações, ações e encontros. Puar (2013) localiza nos trabalhos de Deleuze e Guattari (1995), o termo *agencement*, que significa *design*, leiaute, organização, arranjo e relações, tendo como enfoque não o conteúdo, mas as relações, e os padrões ali observados. Ortner (2007), também se preocupa com as possíveis distorções sofridas pelo termo agência, pois em alguns idiomas, como o francês por exemplo, não se encontra um termo compatível, tendo que contar com os esforços dos tradutores para zelar pela coerência da reflexão.

Isto posto, Ortner (2007) apresenta a teoria da agência a partir de três componentes, que envolvem as intenções que a impulsionam, a agência como direito de exercício do indivíduo e construção cultural, e as relações entre agência e poder. O autor posiciona a agência sempre em relação ao processo, afirmando que a mesma não pode ser identificada ou analisada isoladamente. A intencionalidade abrange os aspectos cognitivos e emocionais, está tanto no campo mais prático e sistemático, quanto no dos desejos e impulsos. São desejos articulados em planos de ação para o enfrentamento da vida em sociedade. Tal articulação demanda criatividade e segurança no posicionamento, sendo que todas essas habilidades têm o seu desenvolvimento favorecido a partir das experiências coletivas de legitimação desta exposição de autonomia, tal reforço equilibra as relações de poder a partir da conexão e movimentos de reciprocidade e validação, posicionando as relações de agenciamentos de forma dinâmica, ora individual, ora coletiva, ora a favor do meio, ora contra, sem necessariamente cada aspecto permanecer evidenciado e sem a necessidade do julgamento ético das qualidades dos posicionamentos (Ortner, 2007).

Ao abordar a construção cultural, o segundo componente da teoria da agência, Ortner (2007) posiciona a agência como universal, ou seja, tais negociações entre o despertar do desejo pelo meio, seu exercício e as consequências são eventos comuns que estão ligados à natureza humana, logo, a agência ocorre em todas as sociedades. No entanto, ao considerar a pluriversalidade contida em cada espaço social e suas diferenças, os arranjos estabelecidos serão compatíveis com as especificidades, interesses, contextos e capacidades de gestão de cada sociedade. Logo a agência está sempre ligada ao contexto histórico cultural da sociedade em questão. Para tratar sobre o aspecto da agência e o poder, o autor aponta a característica dinâmica encontrada nos processos de agenciamentos, ou seja, as trocas entre o sujeito e o meio, e o resultado das influências do meio, no posicionamento hierárquico provisório daquele arranjo. Ao entender a agência como a capacidade de afetar tal situação, a partir da reflexão acima, observamos que nenhum estado é permanente, pois diversas outras situações podem surgir e reverter a qualidade do último afeto identificado e assim sucessivamente.

Temos no campo filosófico cultural ancestral africano, um exemplo da explanação acima. Este campo, é um ambiente no qual a população negra acessa seus espólios da maafa, termo conceituado pela antropóloga Marimba Ani, que será debatido no tópico abaixo, e estabelece e consolida uma atmosfera de dignidade e celebração de sua identidade, por meio da notável potência que emana dos laços ali firmados através

dos tempos (Njeri, 2019). As diferenças ali apresentadas, frente ao modelo de contenção, afastamentos dos sentidos e cercados pela razão eurocêntrica sempre despertou interesse e fascinação. Os ritmos, as expressões corporais, a entrega que se revela na alegria, cumplicidade com seus pares durante as celebrações e festividades, somado à hospitalidade característica dos povos africanos, desperta nos brancos, certo estranhamento, curiosidade, culminando na aproximação dessa cultura que, então, entende a população negra, mesmo que momentaneamente, sob relações de poder com dissimulações estratégicas de encantamento e admiração.

Observa-se nesse cenário a presença da agência de poder (desigual), que se evidencia quando um lado dispõe das ferramentas para realizar o desejo do outro lado, essas ferramentas são como fruto da resistência dessas populações, e são utilizadas pelas mesmas como campo de proteção e garantia de permanência para sua agência (Ortner, 2007).

Furlin (2013), define as relações de poder estabelecidas entre as manifestações culturais africanas e os desejos de consumo do ocidente como uma agência que rompe com lógicas hegemônicas vislumbrando arranjos promissores ao que concerne à legitimação das epistemologias da população em questão. Assim, esta dinâmica é composta pelo fluir hierárquico entre intenções, concessões e imposições, nas quais essas qualidades se organizam por meio das sucessivas trocas culturais, e operam de acordo com a demanda, seja ela classificada como resistência ou aspirações sociais. Logo a agência se apresenta como uma ferramenta comum a indivíduos, que performam de acordo com as especificidades dos arranjos sociais, “a serviço de projetos, da autorização ou do empoderamento para perseguir objetivos e fins culturalmente significativos, sejam estes para o bem ou para o mal. ” (Furlin, 2013, p.80).

Em seu uso provavelmente mais comum, o termo “agência” pode ser praticamente sinônimo das formas de poder que as pessoas têm à sua disposição, de sua capacidade de agir em seu próprio nome, de influenciar outras pessoas e acontecimentos e de manter algum tipo de controle sobre suas próprias vidas. Agência, neste sentido, é pertinente tanto no caso da dominação quanto no da resistência. As pessoas em posições de poder “têm” – legitimamente ou não – o que poderia ser considerado “muita agência”, mas também os dominados sempre têm certa capacidade, às vezes muito significativa, de exercer algum tipo de influência sobre a maneira como os acontecimentos se desenrolam. (Ortner, 2007 p. 64)

Assim, sempre que houver um contexto normativo que limita o desejo de ação de um sujeito, o próprio limite ativa a consciência e gera resistência ao poder tornando-se potência, ou seja, produz novas possibilidades que excedem ao poder normativo, ressignificando práticas e comportamentos culturais. É, então, nesses focos de resistência/agência que ocorrem os processos de transformação sociocultural.

A partir do referencial teórico apresentado, com base na filosofia africana, que compreende que o corpo é o canal de conhecimento e transformação (Machado, 2019), enquanto mulher negra, pesquisadora, percebo a alteração na perspectiva que possuo sobre meu próprio corpo. Se por um lado não tive referências de mulheres negras acerca das manifestações culturais que consumi, fui me forjando para ser referência. Meu corpo, atravessado por essa ausência, tratou de entender, ainda que tardiamente, como iria suprir essa falta, e assim o fez. E para permanecer ocupando diferentes espaços, entendeu a potência de sua presença, e hoje celebra e honra esse lugar nos espaços de produção de saberes. O esboço nasceu de uma falta, ele poderia ter se apagado, mas foi ficando cada vez mais nítido, mais forte, se enegrecendo.

1.3 Maafa - o estado de fragmentação experienciado pela população negra

Para iniciar a reflexão sobre a maafa, é necessário relatar como a população africana chegou nesta situação.

A cultura ocidental tende a se posicionar como única, se afasta dos saberes outros em virtude das diferenças ali identificadas, e ao entender tais diferenças como ameaça, as ataca das mais perversas e elaboradas maneiras. Atitudes como esta que constituem um plano de erradicação de saberes, em busca de sua consolidação como universal. Diop (2014) relata as características xenofóbicas do berço norte, que foram desenvolvidas, entre outras particularidades, a partir das hostilidades ambientais vivenciadas pelos países nórdicos, estabelecendo ali uma conduta baseada no medo do diferente e em reações violentas para qualquer manifestação externa, incompatível com suas origens.

A mesma conduta se perpetua através dos tempos, quando procurando consolidar a supremacia de seus saberes científicos, achou por bem destruir e difamar as condutas que não divulgavam sua perspectiva, se posicionando, assim, como única fonte legítima de conhecimento e negando a humanidade dos demais povos, sobretudo as epistemologias africanas (Moore, 2005).

Moore (2005) segue a concordar com Diop (2014) já que ambos apresentam a identificação de condutas racistas muito antes da colonização. Moore (2005) destaca a utilização do fenótipo, pela cultura ocidental, para propor uma hierarquização entre os povos e justificativa para a difamação e degradação da diversidade social. Segundo o autor, se basear nas aparências era uma maneira inquestionável encontrada pela população branca, de potencializar sua teoria, estava explícito que não eram iguais, e que tais diferenças deveriam ser temidas. A partir disso, as populações não brancas conduziram cruéis e extensos testes científicos, como a frenologia que tiveram seus resultados fortemente direcionados para reforçar a teoria de inferioridade intelectual. Hoje em dia sabe-se que na verdade não foram encontrados nenhum dado biológico que comprovasse as diversas crenças de inferioridade intelectual entre outras raças, comparando-se aos brancos.

Após confrontarmos as crenças degradantes responsáveis por posicionar a população negra como inferior, proponho a análise das particularidades das relações de poder. O dinamismo presente nas mesmas, tendo em vista que os processos de agenciamentos podem ser identificados tanto em situações de submissão como de resistência (Furlin, 2013), reforçar a existência da supremacia de uma população sobre outra, não passa de mais uma estratégia pertinente para a permanência dos valores ocidentais. Apesar de se encontrar razões plausíveis para a continuidade das citadas condutas até os dias atuais, a posição da população negra nessas relações não possui, ainda, impacto e permanência capazes de desestabilizar o que foi estruturado, ou seja, ainda que seja observada uma gama de oportunidades voltadas à população negra, nota-se que seguem insuficientes para sair dos contextos individuais e alcançar as mudanças estruturais.

Para reforçar este urgente movimento de regeneração e reorientação da agência das populações negras, Leite e Nolasco (2019) propõe que a conhecida e degradante narrativa constituída sob o regime escravocrata, que divulga imagens das populações negras somente direcionadas à situação em questão, não deve ter mais força que as potentes memórias ancestrais responsáveis por manter a resistência frente ao contexto de exploração experienciado pela população negra. Quando nós, ou as próprias pessoas escravizadas acessam suas memórias e contam suas próprias histórias, trazendo novos elementos, as correntes que aprisionaram aqueles corpos se tornam insuficientes para conter a potência que se estabelece no orgulho de ser. O falar por si tem poder de alterar o passado e enfraquece, desestabiliza as estruturas.

O termo *maafa* é originado do *kiswahili*, uma língua franca africana que significa *o grande desastre*. A antropóloga Marimba Ani vem conceituar e trazer esse termo para explicar a desorientação epistêmica pela qual a população africana sofreu a partir dos traumas históricos do contexto escravocrata, que surgem muito antes da colonização europeia, por meio da invasão árabe a partir do século VIII (Moore, 2005) e então se estende através dos séculos pela população europeia com os tráficos de pessoas sob objetivos mercantis e acúmulo de fortuna (Vitória, 2020).

Maafa representa então a completa devastação e destruição do povo africano. O violento processo de retirada por meio do sequestro das populações africanas do seu eixo civilizatório desencadeou uma série de esforços para justificar a desumanização desta população resultando em múltiplas opressões, que apresentam sequelas até os dias de hoje. O corpo negro tem, assim, sua integridade atingida por meio desse degradante evento, sob a premissa do desenvolvimento e enriquecimento de seus invasores, seguida da separação de sua estrutura familiar e comunidade, culminando na violenta desorientação dos valores desse povo, impedindo-o que mantivesse os laços com sua cultura e sociedade, sendo direcionados a se conduzirem pelos valores ocidentais como meio de garantir sua permanência física, visto que a ontológica estava constantemente em risco. Esse longo processo de agressão, além dos interesses financeiros, se esforçou também para destruir o mínimo sinal de ligação da população negra com sua filosofia, afastando-a de sua ancestralidade e senso de pertencimento, resultando em incertezas terríveis sobre a própria dignidade e humanidade (Mbembe, 2018).

Percebemos, então, que os corpos negros enfrentam, através dos tempos, as mais densas barreiras ao que se refere à validação de suas potencialidades, sobretudo tratando-se de sua entrada e permanência em espaços tradicionalmente estruturados sob o contexto eurocêntrico, por meio da velada justificativa de inferioridade ligada ao conceito de raça (Mbembe, 2001).

Dove (2003), discute o comum estado de alienação que pessoas negras vivenciam, consequência do distanciamento cultural estabelecido pela colonização. A presença da colonialidade se mostra como um fator naturalizado em nossa sociedade. Essas sequelas acompanham as experiências dos indivíduos nela inseridos, sendo que, quanto mais afastados esses indivíduos estão do modelo de humanidade estabelecido

pelo padrão ocidental, maiores são as barreiras por ele encontradas em sua jornada (Njeri, 2019).

Sendo a subjetivação do indivíduo atravessada por experiências culturais, e tais experiências serem primordiais para a formação de sua identidade, quando tuteladas por um padrão hegemônico que posiciona o indivíduo como inferior, o indivíduo se constitui a partir de uma imagem fragmentada, que ao não corresponder com a realidade de sua cultura, defende, sem que o mesmo perceba, a sua auto depreciação, fortalecendo-o para confirmar o movimento de difamação imposto pela cultura do dominador, sob o desejo de ser visto e aceito como pertencente (Hooks, 2019).

Dove (2003) localiza tais indivíduos como pessoas “ europeizadas”, e que são nutridas pelo meio para reforçar uma conduta de autofagia. Segundo a autora, esta situação pode ser reconhecida, quando os próprios negros se apresentam vigilantes e disseminadores de uma sociedade que foi alicerçada sob sua submissão. E pode ser observada constantemente em espaços no quais a representação simula um conceito de representatividade, no momento em que apenas a presença de um indivíduo identificado como negro, tem a pretensão de ditar e sanar as complexas demandas que uma comunidade necessita, como forma de sobrepor anos de inferiorização, desumanização e distanciamento de sua cultura.

Mbembe (2001) relata o esforço dos estudiosos ocidentais sobre África, em produzir narrativas essencialistas e alimentar o imaginário coletivo com exposições deslocadas sobre a dinâmica cultural da região. O processo colonial tratou de cercar todas as experiências de subjetivação dos povos africanos, afastando-o e difamando sua própria cultura, e favorecendo um ambiente de desconfiança em suas próprias ações e impulsos e a constante necessidade de confirmação e tutela de seus saberes.

O presente contexto no qual as filosofias e metodologias ocidentais foram fundamentadas e direcionadas exclusivamente para o desenvolvimento dessa sociedade, sem espaço para dialogar com epistemologias outras, e sem a preocupação de conhecer, entender e acolher os saberes de outros povos, que vieram a fazer parte desta sociedade por razões diversas, gerou uma necessidade de se estruturar uma metodologia que removesse os aspectos ocidentais do centro, e abarcasse os conceitos e perspectivas

compatíveis com as experiências culturais dos povos africanos, bem como realoca-los na história.

Com o objetivo de evidenciar que os sentimentos ligados a maafa, não estão restritos ao período da escravidão, identifico em nossas jornadas como estudantes, as diversas etapas do ensino escolar básico, que passamos sendo cercados por informações equivocadas e essencialistas tanto sobre o território africano, quanto o oriente. O território africano tende a ser relacionado com hábitos selvagens, com locais desassistidos politicamente, cenário de pobreza e abandono, fechando o ciclo composto exclusivamente por difamações, com o período da escravidão. Práticas como estas contribuem para um distanciamento dos alunos que identificam-se, mesmo que só fenotipicamente, com essas populações, por uma densa nuvem de terror (propensão de experiências similares) e vergonha (comparação a uma imagem digna de piedade e desvalorizada por todos). Transformando nossas primeiras experiências com o sistema educacional em experiências traumáticas, na qual somos posicionados às margens da humanidade (Njeri, 2019).

Sobre essa complexa situação, Maldonado Torres (2006), chama a atenção para a articulação de áreas de estudo como a sociologia, a ciência política e a economia durante o século XIX, que se relacionavam com contextos de interesses próprios, ou seja, europeus, e como determinaram a antropologia e o orientalismo para lidar com territórios outros. Sendo a antropologia responsável por divulgar uma imagem primitiva e carente pela intervenção civilizatória ocidental do continente africano, e o orientalismo encarregado em afirmar os estereótipos exóticos do Oriente e sua suposta decadência. Estratégias estas, segundo o autor, desenvolvidas para sustentar sua política de controle e dominação das novas colônias, e sua imagem de supremacia frente a África e o Oriente.

Alves, Jesus e Shoulz (2015), afirmam que apesar do contexto de desgraça coletiva em que se configurou o sistema escravocrata, é importante lembrar, que os mesmos estavam plenamente conscientes da potência de sua origem e sobretudo do valor cultural que suas histórias carregavam. Visto que mesmo sob as constantes práticas de difamação de sua cultura, lideradas antes pelos colonizadores, e que hoje seguem a permear negativamente o inconsciente coletivo, resistem através de da

presença da filosofia africana entre nós, composta pela religião, culinária, comunidades quilombolas, dança, capoeira que constituem assim as práticas civilizatórias brasileiras.

Sobre o modelo estabelecido, que ainda opera firmemente na nossa sociedade, os autores afirmam: “Todas elas eram guiadas por uma filosofia da história eurocêntrica, que as impedia de ver os não-europeus como contemporâneos. ” (Maldonado Torres, 2006, p. 111).

O presente contexto pode resultar em um estado, que Asante (2014) descreve como *desagência*, - estado em que o indivíduo se retira de suas próprias ambições e direciona seus pensamentos e força motriz na execução e manutenção dos objetivos do outro, consequência de uma subjetivação promovidas pela dominação eurocêntrica. Alves, Jesus e Shoulz (2015), estão de acordo com Asante (2014) ao alertarem sobre as sequelas psicológicas que tendem a acompanhar a população negra através das gerações, que contribuem a partir de uma visão distorcida de si, para um distanciamento crítico das práticas civilizatórias e consequente inércia em seus processos de agenciamentos.

O contínuo massacre sofrido pelos povos africanos, compostos por experiências devastadoras de invasões de seus territórios, dominação de sua população, assassinatos, abusos, sequestro, aprisionamento, que constituiu o processo de colonização e anos de escravidão de corpos negros, proporcionou uma subjetivação desses indivíduos, a partir de um espelho quebrado, de aspectos de inferioridade, insuficiência e desumanidade que refletem nos seus descendentes até os dias de hoje.

A reflexão sobre a maafa africana é urgente pois centraliza essa experiência, por mais terrível que tenha sido, sob a perspectiva dos povos africanos. Ao tratarmos abertamente sobre esse assunto, partindo de uma escuta séria das partes envolvidas iniciaremos uma tentativa mínima de reparação e de reconhecimento da humanidade desses povos. Após identificar e refletir sobre as narrativas, primeiramente se referindo a mesma por uma nomenclatura que faz sentido à experiência da população em questão, seguido da escuta genuína dos acontecimentos, pode-se iniciar os verdadeiros esforços na divulgação dessas narrativas e no desenvolvimento de estratégias que se responsabilizaram pelos impactos indelévels que essas condutas proporcionaram às populações negras.

Ao enfrentar esses desafios como compromisso ético, passaremos a identificar e valorizar os processos civilizatórios africanos que estabelecem uma rede de significações com a cultura da sociedade brasileira, sustentando e validando o pertencimento das populações negras e contribuindo assim para a garantia de sua humanidade e todos os direitos que estão relacionados com a ela.

1.4 Afrocentricidade como fonte de agência



Participantes da pesquisa durante sessão de fotos. Fonte: Arquivo pessoal - Fotógrafa Jaqueline Costa Coelho.

Durante meu despertar como mulher negra, senti a necessidade de buscar as origens das condutas e processos civilizatórios que conduziram a minha ancestralidade e que mesmo sem saber carregou comigo através dos tempos. Essa aliança é tão forte, os passos dos meus ancestrais foram tão firmes, os sons de seus corpos ecoaram tão alto, que estou aqui, de volta. E falar de afrocentricidade é um dos aspectos estruturantes da filosofia africana, é falar da filosofia africana pois nossos conceitos não se separam, andam de mãos dadas para proteger os que dela vieram.

A filosofia africana é orientada pela ética do cuidado, conduta esta que se faz por meio da conexão com o ambiente, suas interações, diálogos e reflexões que conduzem seus povos através dos tempos ao bem viver comunitário, no qual o

indivíduo se sustenta e se constitui por experiências compartilhadas, pelas constantes trocas que são ali estabelecidas. O coletivo que nos permite existir em nossas singularidades. A valorização do indivíduo, no coletivo, na qual valorização do pertencer o posiciona como essencial para todos, e todos, essenciais para ele. Suas experiências, quando individuais, são validadas pelo coletivo. De maneira circular, no sentido dinâmico e horizontal que as relações são vivenciadas, o corpo é o grande condutor desta experiência. A sabedoria ancestral apresenta o exemplo, que é absorvido pelas gerações vigentes que recebem, reagem, reconstroem e devolvem suas expressões sempre sob os sentimentos de alerta, sintonia, cuidado e gratidão com os sinais enviados pela natureza, o ser humano nunca está separado da natureza para a filosofia africana. Essa ampla e sensível percepção pode ser entendida como cosmopercepção: estado de sintonia e consciência com o ambiente (natureza) e com os que estão ali presentes (sobretudo os saberes ancestrais), no qual todos contribuem e recebem, em um movimento coletivo, em prol da garantia do bem viver dos envolvidos (Machado, 2019).

A cosmopercepção é um conceito trazido por Oyěwùmí (2021), e aborda a predileção da utilização do sentido da visão, identificando-a como uma característica ocidental. Oyěwùmí (2021) afirma: “O olhar, é um convite para diferenciar”, e identifica no conceito da “cosmovisão” uma abordagem ocidental para compreender a realidade, o privilégio ocidental do visual. A autora afirma que o ocidente tende a privilegiar esse sentido, estabelecendo suas escolhas preferencialmente ao que seus olhos se conectam e desejam ver. Conexão essa que tende a ser estabelecida por meio da semelhança, o que posiciona o diferente, como inadequado, sem valor. Já as nações Iorubá, localizadas no sul do continente africano, origem da autora, procuram entender o ambiente, por meio da “cosmopercepção”, abordagem que se permite sensibilizar e recrutar outros sentidos, e combiná-los de maneira dinâmica ao se relacionarem com situações diversas, o que permite uma amplitude e riqueza nas reflexões.

A consolidação do paradigma da afrocentricidade se deu por meio do professor Molefi Kete Asante nos anos 1970, na sua publicação: “Afrocentricidade: a teoria da mudança social”, no entanto, os diálogos pertinentes ao tema, já apareciam nas pautas de Kwame Nkrumah e do próprio Asante desde 1960. (Ribeiro e Moreira, 2019)

O paradigma afrocêntrico propõe uma reorganização desse estado, e estabelece suas investigações, sob a proteção e defesa dos valores, e elementos culturais africanos. Posicionando a humanidade daquele indivíduo, no qual o mesmo é amparado por uma série de direitos que garante a sua agência com um interesse genuíno sobre suas particularidades, como inegociável. O indivíduo lúcido de suas especificidades e valores, se distancia da situação de vulnerabilidade e inferioridade herdados da colonização (Asante, 2014). O autor destaca a importância da integridade do sujeito no processo de interações sociais que estabelecerão o seu desejo e conduzirão a agência, e Diop (2014) apresenta a consciência acerca da contribuição social da população da qual este sujeito se origina para dar um suporte consistente na constituição desta integridade. Quando a conexão ancestral proposta por Diop (2014) é estabelecida, a mesma posiciona os valores civilizatórios do indivíduo para que seus desejos e ações sejam coerentes com a sua integridade.

De acordo com Ribeiro e Moreira (2019), o paradigma da afrocentricidade, é uma estratégia de enfrentamento desenvolvida pelo filósofo e professor estadunidense, Molefi Kete Asante, para lidarmos com a constante recusa de epistemologias que não sejam legitimadas pelo crivo europeu. Ao se conduzir por esta perspectiva, o pesquisador se aproxima de ferramentas mais compatíveis para reavaliar as trajetórias de grupos historicamente inferiorizados. Sob uma proposta de reintegração e realocação dos povos africanos, o paradigma da afrocentricidade vem para proteger os valores de uma sociedade, e posicionar seus integrantes como agentes, como indivíduos aptos a atuar, produzir, se relacionar, liderar, através de seus próprios interesses.

Para Asante, a afrocentricidade é definida da seguinte forma:

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (Asante, 2014, p. 93).

E ao perceber o presente debate, ao acessar a perspectiva afrocêntrica, entendo que o mesmo se encontra para além de questões hierárquicas ou de disputa,

características coloniais enraizadas em nossa sociedade, pois a partir do momento que a presente perspectiva acessa a condição humana em todas as populações, as narrativas de supremacia racial se colocam como frágeis.

Ao tentar resgatar os momentos de convivência em espaços educacionais diversos, como a escola regular ou até mesmo os locais que ofereciam atividades extracurriculares, como escolas de dança, alcanço memórias relacionadas com concepções universalistas e com pouco ou nenhum espaço para a apresentação de saberes que contestassem os conteúdos propostos, fazendo do ambiente de ensino um local de assimilação forçada. A teoria da afrocentricidade parte de uma premissa contrária às qualidades identificadas no contexto ocidental, admitindo um diálogo horizontal com outras perspectivas sem a necessidade de consolidar uma verdade absoluta (Lima, 2023). Esta conduta parte dos valores civilizatórios das populações africanas, que se estabelecem tanto em relação à própria teoria da afrocentricidade, quanto em qualquer debate trazido por indivíduos divulgadores da mesma.

Sendo assim, encontro na referida teoria o sentido almejado para conduzir minhas reflexões, recorrendo à sua qualidade de circularidade africana, que recebe, envolve, protege e flui, de maneira contínua e livre. Orientando meu percurso pela teoria da afrocentricidade, me conecto com meus interesses, colocando-os em evidência e movimentando as minhas relações em função da preservação destes valores (Asante, 2014). Podemos nos aproximar da teoria da afrocentricidade por meio das próprias palavras de Asante:

No interior da proposta afrocentrada não há sistemas fechados, ou seja, não existe ideias vistas como absolutamente fora dos limites da discussão e do debate; [...] o emprego da afrocentricidade na análise ou na crítica abre caminho para o exame de todos os temas relacionados ao mundo africano (Asante, 2009, p. 95).

Para refletirmos sobre alguns componentes propostos por Asante (2009) relacionados ao arranjo da teoria da afrocentricidade, compartilho a seguir um recorte do contexto no qual eu estava inserida ocorrida em um ambiente escolar, quando aos quatro anos de idade tive meu cabelo penteado, esticado e preso pela diretora da escola. A citada situação permanecera adormecida por muitos anos, não me lembro nem de ter mencionado o acontecimento aos meus pais, no entanto, atribuo às experiências como

essa, o direcionamento de minhas atenções às referências estéticas eurocêtricas, sobretudo o balé clássico, que apresenta essa exata estética nos cabelos das bailarinas.

Muito embora a presente estética dialogue com os diversos aspectos culturais que compõem tal manifestação (localização geográfica, estereótipo genético, exigência da execução técnica dos movimentos, intenção de se manter o corpo de baile heterogêneo), a presente conduta, que entendo hoje como violência, expõe uma gama valores sociais degradantes estruturados em relação à estética e à expressão da população negra. Responsáveis por atingir profundamente a auto percepção de uma criança e não apresentando nenhuma lógica na reprodução na imposição dos mesmos costumes em populações extremamente diferentes. Apresento essa confissão, apesar de, no momento ocorrido, não apresentar uma resistência exterior em minhas ações, me despertou um desconforto tal que me impulsionou na busca do entendimento desses comportamentos.

Foram situações como essa que despertaram minha atenção em relação aos aspectos trazidos por Asante (2009), partindo da reflexão do indivíduo acerca de sua centralidade/marginalidade; localização psicológica, social e cultural; e agência (Lima, 2023). Expressar minhas particularidades estéticas me posicionavam às margens dos interesses da sociedade, estabelecendo uma localização psicológica distante dos meus interesses, o que ocasionou momentos de desorientação para a minha agência. Ou seja, a minha subjetivação fora atravessada por uma perspectiva que não é compatível com os valores civilizatórios dos povos africanos, e demonstra que a maioria de minhas experiências foram ditadas por direcionamentos que muito provavelmente não teriam sido tomados, se não fosse pela imposição violenta da cultura eurocêntrica.

No caso do presente relato ser interpretado sob uma perspectiva universalista, na qual transmita a equivocada crítica acerca do consumo e divulgação de culturas diferentes, Nascimento (2019) ressalta a importância do indivíduo se relacionar de maneira intercultural, se expor, conhecer e se relacionar com culturas diferentes, e como experiências diversas podem ampliar os debates e enriquecer o existir do mesmo. No entanto, com a premissa que essas trocas sejam realizadas de uma maneira satisfatória para ambos nas quais os envolvidos estejam conscientes e valorizem os feitos das culturas em questão. Ao contrário do contexto supremacista proposto pela cultura ocidental que identificamos até os dias atuais.

Sendo assim, ao considerar o indivíduo como sujeito, e não como objeto, evidenciando sua centralidade, as possibilidades de agenciamentos do mesmo permanecem ampliadas. Adicionar o questionamento sobre a localização, favorece o acesso de informações com um teor mais lúcido para direcionar este indivíduo em suas reflexões. Posicionando – o assim, em um contexto compatível a sua identidade, cuja cultura é rica e milenar, fundada sob aspectos de cidadania e humanidade, afastando - o da atmosfera de desorientação, descentramento e falta de agência negra, proposta pelas perspectivas ocidentais (Nogueira, 2012). Tais reflexões só foram possíveis após um restabelecimento da minha centralidade, conseqüentemente localização psicológica, resultando na estruturação de uma agência que dialoga com os interesses que estruturei a partir da consolidação desta centralidade.

O paradigma afrocêntrico propõe, então, uma reorganização do indivíduo, e estabelece suas investigações, sob a proteção e defesa dos valores, e elementos culturais africanos. Posicionar a humanidade do indivíduo, sendo ela amparada por uma série de direitos que garantem a sua agência através de um interesse genuíno sobre suas particularidades, como inegociável. O indivíduo lúcido de suas especificidades e valores, se distancia da situação de vulnerabilidade e inferioridade herdados da colonização. (Asante, 2014)

O conceito da perspectiva afrocêntrica, aparece em minha trajetória por meio da arte, a dança, outro potente componente da filosofia africana. Logo, é possível compreender como esta ferramenta foi capaz de me posicionar como centro de minhas próprias questões, mantendo-me focada, e ao desempenhar, entre outras, a função de escudo de proteção para as mais pesadas manifestações do racismo que o mesmo venha a sofrer. Podendo contribuir assim para identificar e nutrir os aspectos que compreendem a aquisição, ou o esboço de um posicionamento seguro e potente de quem por ela passa, frente ao potencial criativo e expressivo que podem ser desenvolvidos, vislumbrando a apropriação e valorização de narrativas, ao entender durante o processo, a importância de recrutarmos nossas histórias e posicionar nossos interesses no centro das relações.

Ressalto que o presente capítulo não pretendeu desvalorizar todos os avanços alcançados pelos movimentos negros, ou qualquer indivíduo, pois nossas manifestações culturais cercam cada canto de nossa sociedade e destaco que não nos entendemos como

um povo inferior, temos consciência de nossas potências e do nosso pertencimento em nossas comunidades. Fato é, que ainda demanda resistência constante para que a população negra não seja silenciada e suas manifestações culturais diluídas nas apropriações ainda observadas em uma sociedade ainda imersa em sua herança colonial.

Compartilhar minha história é um posicionamento político. E me calar não é compatível com a potência da oralidade africana, que carrega os segredos dos caminhos nas histórias, é uma fala estratégica, uma fala que nutre, que salva. Aqui eu celebro minha importância primeiramente para a minha ancestralidade, lugar onde nem sempre soube da sua existência consciente, porém senti sua força todas as vezes que alguma situação do contexto desfavorável imposto pelo recorte racial insistia em aparecer: “Nossos passos vêm de longe” (Evaristo, 2009).



Capítulo 2

“Essa menina tão pequenina
quer ser bailarina” -

SEM LUGAR NO BALÉ CLÁSSICO
E MEU REENCANTAMENTO
PELAS DANÇAS AFRICANAS



CAPÍTULO II – “Essa menina tão pequenina queria ser bailarina” - SEM LUGAR NO BALÉ CLÁSSICO E MEU REENCANTAMENTO PELAS DANÇAS AFRICANAS

2.1 “Essa menina tão pequenina quer ser bailarina” - Movimento, dança e seus caminhos pela história

No capítulo anterior nos encontramos com os conceitos de agência, no qual pudemos compreender como a mesma está fortemente relacionada às experiências do indivíduo, tanto em comunidade, quanto como nos organizamos frente a situações diversas. Seguiremos conduzidos por estes conceitos para refletir sobre o querer, o desejo. O título do presente capítulo é parte da poesia de Cecília Meireles (1964), “A bailarina” publicado em 1964 no livro “ou Isto ou Aquilo”, que ambientado na simplicidade e na ingenuidade da infância, vai ao encontro com o conjunto de questionamentos que me acompanham por muito tempo e fazem parte desta pesquisa, sendo um deles, elucidar a origem de meu desejo em me tornar bailarina. Como este desejo foi capaz de conduzir grande parte de minha vida até se tornar minha profissão e também minha forma de expressão em sociedade ao longo dos últimos anos?



Espetáculo de Dança 2012 – Arquivo pessoal. Fotógrafo: Haroldo Xavier.

Hall (1997), nos direciona a partir dos estudos culturais a entender como parte da constituição do indivíduo, o circuito cultural, um conjunto de processos ou práticas que perpassam sua trajetória e se associam com a sensação de pertencimento, e como esta está relacionada com a construção de uma identidade. Sendo assim, o presente campo se mostra como fértil para mediar reflexões acerca das problemáticas do discurso hegemônico contido nas manifestações artísticas eurocêtricas, frente ao evidente desequilíbrio ao que concerne à legitimação de outras narrativas.

A partir deste cenário, este capítulo tem a finalidade de localizar os entendimentos de dança disponíveis na literatura, expor reflexões acerca do lugar desta arte na sociedade brasileira, apresentar concepções acerca da história do balé clássico, das danças afro e afro-brasileiras, e como estas vertentes se encontram na minha jornada, sob os desafios em se constituir como uma menina negra no estado do Mato Grosso do Sul. Questões estas, que impulsionam a experiência de campo que será relatada nos capítulos seguintes, pois após questionar a distância de outras manifestações artísticas que não fossem compatíveis com a cultura ocidental, em busca de me entender como parte deste meio, vejo nesta proposta uma maneira de reverter este panorama e reencontrar minha ancestralidade. Apresento a seguir como as categorias mencionadas acima dialogam com a presente pesquisa.

O movimento é uma das expressões mais primitivas da humanidade. Antes mesmo da chegada da escrita, na pré-história, o gestual tem sido empregado para diversos fins, entre eles, na intenção de comunicar algo, nas manifestações de devoções religiosas, como respostas ao ritmo das próprias emoções e reações diversas ao ambiente (Amaral, 2009). Sendo assim, podemos entender que, movimento e dança, em seu estado experimental/inicial, se fundem (Franco; Ferreira, 2016). Silva (2019), também situa o movimento como um aspecto cultural, social e político. Reconhecido como um expressivo meio de comunicação com a natureza, no anseio de prosperidade nas colheitas de alimentos e na proteção dos fenômenos climáticos, que se pode entender como práticas religiosas, posteriormente, com o surgimento do cristianismo, foi retirada dos cultos sendo posicionada como prática pagã, o que a conduziu apenas para o entretenimento, por meio de espetáculos cênicos (Amaral, 2009). No entanto, para culturas organizadas fora da doutrina cristã, como a cultura africana pré-colonização, as danças permaneceram em seu lugar máximo de expressão e também devoção religiosa.

2.1.2. Os pés no chão das Danças Afro e seus desdobramentos na dança afro-brasileira

Quando decidi acessar as danças africanas como recurso pedagógico que iria conduzir os debates raciais, sociais e de gênero que a presente pesquisa pretende lidar, eu não tinha dimensão da quantidade de manifestações diferentes que podiam existir. E após pesquisar, me relacionar com algumas danças e me deparar com tamanha riqueza de possibilidades, sejam elas da própria África ou na diáspora brasileira, fiquei por um bom tempo me questionando qual ou quais seriam as escolhidas para apresentar as minhas participantes de pesquisa.

Acogny (2022) entende a dança africana como uma arte fundamental da cultura, pois a mesma tem a capacidade de representar o indivíduo de maneira completa, integral, seus desejos e experiências, a partir de um gestual que simboliza, codifica e conta suas histórias. A autora também posiciona a dança como potente ferramenta para regulação emocional e consequentemente grande aliada nas relações interpessoais, pois a partir da mesma pode-se lidar com questões particulares antes de reagir. Estabelecendo primeiro um contato consigo mesmo e depois com o meio, enfatizando a importância de conhecer-se e celebrar-se. Logo, a dança é um componente vital da filosofia africana que somado a outros fazeres e vivências, tornou-se um meio de resistência de suas memórias (Dias, 2021).

Com suas expressões direcionadas a diversos fins, o dançar da cultura africana foi se movimentando e, ao se conectar com novos fazeres e propósitos já em diáspora, deu-se origem às danças afro-brasileiras (Dias, 2021).

Dias (2021), aponta o surgimento das danças brasileiras a partir do encontro de diversas etnias no território brasileiro. A autora reflete acerca das múltiplas possibilidades que compreendem esta manifestação, pois as danças afro-brasileiras abarcam uma diversidade de expressões emergidas de povos e lugares diferentes. Sendo assim, a ideia de definir e identificar as danças de matrizes africanas em sua totalidade é deveras desafiadora pela grande quantidade de etnias que foram trazidas de maneira forçada para o Brasil, sendo necessário indicar, situar e explicar sempre, qual dança afro-brasileira está se referindo (Monteiro, 2011).

O termo danças afro-brasileiras tende a sinalizar qualquer fenômeno relacionado às danças da diáspora africana, porém é importante entender que cada vertente possui sua própria singularidade, e embora as citadas expressões tenham se constituído

majoritariamente por experiências e símbolos africanos, estas manifestações carregam os atravessamentos destes corpos pela cultura europeia. Ou seja, ao passar por experiências de domínio, rapto, sequestro e o existir forçado em terras estrangeiras, pode também ter incitado novos significados para suas expressões originadas em sua terra de origem (Monteiro, 2011). A autora também afirma que anteriormente, as danças afro-brasileiras geralmente se restringiam somente às manifestações populares, festejos e rituais de um determinado grupo, no entanto, com o passar do tempo passaram a se movimentar pedagogicamente para serem transmitidas em espaços educacionais e se tornaram matéria prima de espetáculos teatrais. Tendo seu início datado na década de 1950 e entendida como sendo os primeiros passos da dança moderna brasileira (Monteiro, 2011).

O emprego do termo danças afro-brasileiras, ao longo desta pesquisa, ocorre devido a características pontuais deste estudo, presentes na delicada situação em que a educação para relações étnico raciais se encontra no Mato Grosso do Sul. Logo a presente forma de comunicação foi escolhida para favorecer as aproximações com a direção da escola, que por ser um espaço regulado pelos valores hegemônicos continua a desenvolver estratégias de controle de condutas autônomas dos povos subalternizados, simula a aceitação e o duvidoso estreitamento de laços com certas manifestações, entre elas as danças afro-brasileiras, como o samba, o maracatu e o frevo (Sabino; Lody, 2021). Sendo assim, como foi o termo apresentado durante a divulgação das atividades e nos diálogos com as participantes da pesquisa e seus responsáveis, julgamos apropriada a sua permanência.

Quando a dança afro-brasileira se entende como produto das artes da cena, ela passa a se posicionar como dança negra. Expressão oriunda dos Estados Unidos - *black dance*, na década de 1920, quando os artistas brancos da região reconheceram a importância da linguagem artística negra e resultando no reconhecimento da sociedade e o prestígio de suas produções negras (Monteiro, 2011).

Uma das precursoras da dança negra brasileira direcionada aos palcos foi Mercedes Baptista. Artista reconhecida mundialmente, com uma trajetória desafiadora iniciada nos anos 1950, a bailarina após anos se relacionando com os mais renomados artistas e intelectuais como Katherine Dunham, Alvin Ailey e Abdias Nascimento, desenvolveu um trabalho artístico inspirado nos terreiros de candomblé, com as danças dos orixás. No qual a linguagem corporal de cada divindade e sua conexão com a natureza é reproduzida e reformulada para os palcos (Dias, 2021).

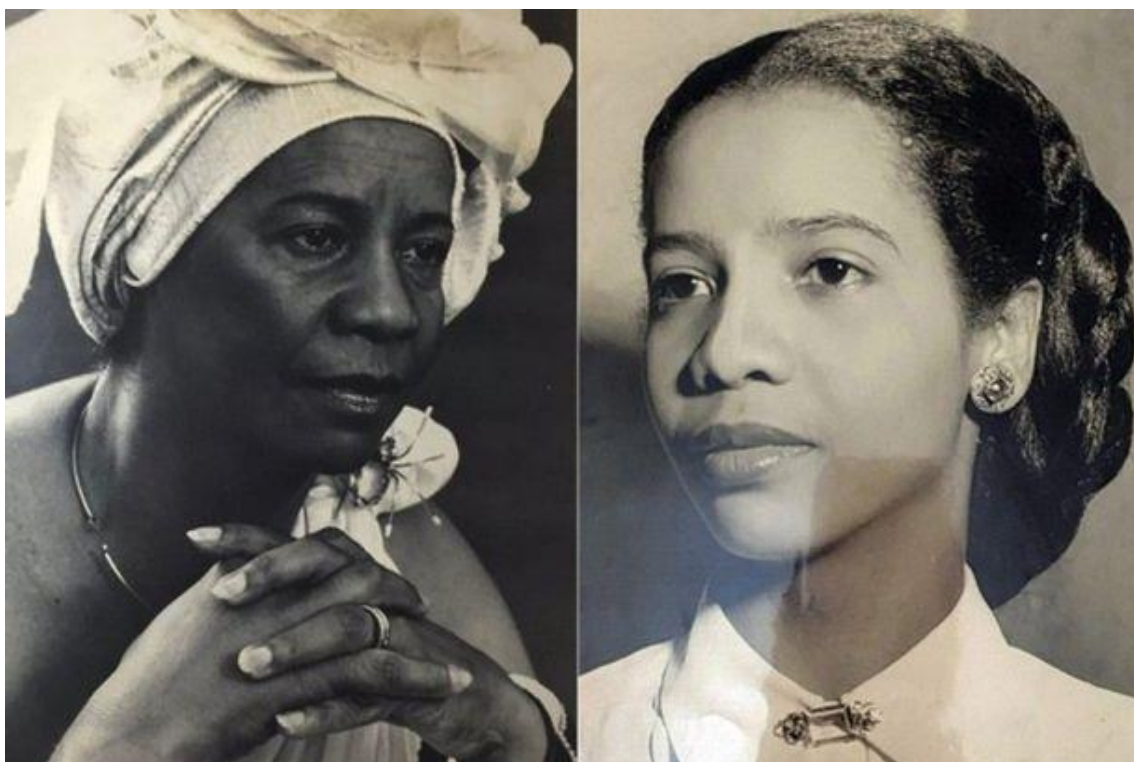


Imagem de Mercedes Baptista Fonte: <https://campos.portaldacidade.com/>

O presente evento se configura como um significativo movimento de descentralização, a quarta parede dos terreiros se abre nos espetáculos de Mercedes, conferindo à mesma um lugar de destaque na dança moderna brasileira e a cultura africana o reconhecimento e legitimação à altura.

Em virtude da alta concentração de pessoas negras, Monteiro (2011) destaca o Rio de Janeiro como responsável por sediar a origem de grande parte das danças negras, entre elas as danças tradicionais, o jongo, a dança primitiva, a dança dos orixás de Mercedes Baptista e hoje o funk carioca, o que posiciona os grandes centros como um espaço potente para a divulgação e consumo da cultura afro-brasileira. No entanto, nós aqui do centro-oeste não compartilhamos da mesma experiência. Durante minha infância, nos anos de 1990 nesta região, o acesso ao consumo cultural estava restrito somente às oficinas e espetáculos de danças ocidentais, e assim como Guedes (2016) apresenta em sua pesquisa, ainda encontramos poucas referências acerca da história da dança no Mato Grosso do Sul, sendo que os poucos registros se concentram em matérias de jornais e acervos pessoais.

Pode-se confirmar as preferências do estado pelas práticas eurocêntricas no trecho a seguir, quando Guedes (2016) destaca as vertentes dançantes ocorridas no MS

no início dos anos 1970: “As características práticas do Ballet Clássico, do Jazz e do Ballet Contemporâneo se fizeram presentes na concepção de cultura do estado desde os primórdios da década de 1970.” (Guedes, 2016 p. 37). Seguido dos nomes identificados por ela, por meio da publicação “Vozes da Dança” lançado em paralelo com um documentário em 2008, pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Tive a oportunidade de me encontrar com as práticas pedagógicas da maioria artistas mencionados abaixo, e reconheço o balé clássico e o jazz como principal condutor de suas composições artísticas.

São artistas que compõem o quadro de maior propagação cultural nos principais festivais de dança do Brasil e do Mundo, sendo eles: Beatriz de Almeida, Blanche Torres, Célio Adolfo, Chico Neller, Edson Clair, Gisela Dória, Jair Damasceno, Léa Magrini, Márcia Rolon, Maria Helena Pettengill, Marilu Guimarães, Neide Garrido, Rodolpho Leoni, Rosana Cintra, Sandra Maria Gomes, Sarah Figueiró, Sônia Rolon e Suzana Leite (Guedes, 2016, p.37)

Já na adolescência e até na vida adulta, no início dos anos 2000, não tive conhecimento de aulas, oficinas ou espetáculos artísticos que envolvessem conteúdos da filosofia africana, nem antes na capital, muito menos hoje em dia no interior, onde vivencio um cenário não muito diferente dos anos 1990.

Observo a partir de minhas aproximações com o ambiente escolar por aqui, que apesar dos avanços dos movimentos negros com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) por meio da Lei 10.639/03 (Gomes, 2017), a imposição em fomentar a cultura afro-brasileira é acatada de forma superficial, pois, frente as inúmeras demandas que o sistema escolar apresenta aos professores, que se encontram em constante pressão para cumprir com os assuntos de interesses do Estado, os conteúdos referentes a história africana, são passados de forma rasa e pontual, restringindo-se às datas comemorativas e eventos, sem nenhum compromisso legítimo com o currículo ao longo do ano letivo, condutas que não abrem espaço para debate e reflexão que a problemática exige.

Almeida e Sanchez (2017) atribuem a dificuldade da implementação da lei, tanto a formação de professores que parece não disponibilizar programas consistentes que abordem os desafios para a educação das relações étnico raciais, mas sobretudo as estruturas do sistema educacional que foi fundamentado e ainda opera por perspectivas racistas. O que me remete a minha primeira experiência com a intolerância religiosa em 2023, durante a semana da Consciência Negra, durante dois eventos idealizados pela gestão municipal, que um grupo musical afro-brasileiro do qual participava. Após receber o convite para se apresentar nas comemorações passou por sérias restrições

acerca do repertório, que não deveria contemplar os orixás em suas letras, principalmente o orixá Exú, solicitando que somente tocássemos os instrumentos. Logo não tinham nenhum compromisso em valorizar os saberes africanos, apenas precisavam sustentar uma imagem positiva da gestão frente à população.

Bhaba (1998), confirma as barreiras encontradas pelas minorias sociais, ao esperar alguma mobilidade social por meio da validação de sua produção cultural presentes em momentos históricos relevantes. As complexas articulações, protagonizadas pelo poder hegemônico, no entanto afastam e retardam qualquer possibilidade de ascensão ou reconhecimento. Freire (2021), aponta os meios de produção cultural como responsáveis (não somente) pela divulgação distorcida sobre as histórias dos povos africanos. Conduta inaugurada pelo processo colonial que impôs o afastamento, apagamento e difamação das manifestações da cultura africana, para naturalizar a aquisição e divulgação dos seus costumes. Sendo assim, a sociedade se habituou a consumir e celebrar a cultura eurocêntrica sem sequer questionar os motivos imperialistas e segregadores ali contidos.

No entanto, é comum encontrarmos grandes apreciadores de expressões artísticas com sua origem autorizadas para serem africanas, como o carnaval, danças urbanas, a culinária, experiências turísticas, ou em momentos mais emotivos até admitem ter algum traço hereditário negro. Mas nenhuma dessas conservadoras aproximações, podem ameaçar o conforto da norma, com a mais remota possibilidade em sofrer os percalços de um existir às margens. Gonzales (1988) reflete acerca do “véu ideológico”, que a proposta de branqueamento lançada à cultura africana liderada pelo ocidente, e que ocasiona imensa confusão em quem descende da mesma ao reduzir as contribuições das civilizações africanas.

Zenicola (2020), discute a influência das áfricas nas manifestações artísticas brasileiras e no consumo das mesmas. Reflete sobre a ocupação do corpo político dessas manifestações, que apresenta uma certa liberdade no consumo, sob um aparente desconforto em assumir, validar e difundir essas experiências. A autora identifica na cultura brasileira, ricas e diversas manifestações como a capoeira, o maculelê, o maracatu, o frevo, o samba de roda, entre outras, que com raízes africanas, ou dos povos originários brasileiros, essas expressões carregam em sua identidade, um vibrante convite para nossa validação e regeneração cultural.

Maracatu e Frevo - Ao passo do reencontro

Como já relatei anteriormente, esta pesquisa também é composta por uma fase de campo na qual desenvolvi uma proposta de vivências artísticas dançantes conduzidas pelas danças afro-brasileiras para meninas negras de uma escola municipal do interior de Mato Grosso do Sul e que será detalhada no próximo capítulo.

A princípio, a ideia era de fundamentar as atividades das vivências no método de Mercedes Baptista, com as danças dos orixás, em razão da proximidade de nossas jornadas, ambas mulheres negras com seu início no balé clássico, que vivenciaram barreiras permeadas pela raça e pelo gênero e tendo nas danças afro um reencontro com os saberes ancestrais e a validação de uma cultura. No entanto, diante da situação delicada apontada pela localização geográfica na qual me encontro, chegamos à conclusão que propor uma atividade em que a vertente das danças afro-brasileiras escolhida fosse as danças dos Orixás poderia colocar o exercício pleno desta pesquisa em risco. Sendo assim, recorri à popularidade do Maracatu e do Frevo como representantes da cultura nordestina, não somente a cultura negra, e suas expressões festivas e carnavalescas como favoráveis à aceitação da direção da escola, pelos responsáveis e pela sociedade como um todo.

Logo, a escolha por conduzir as oficinas a partir das manifestações culturais mencionadas, se apresenta como uma estratégia para incentivar o interesse dos alunos, obter-se o apoio da família e assim preservar a execução e a permanência das oficinas. Conforme um relato anterior, acerca das particularidades da localização geográfica na qual estamos, identifica-se que ainda reverberam crenças degradantes associadas ao povo negro, por meio de um grande preconceito aos componentes filosóficos africanos, principalmente a religião, por relacionarem qualquer movimento, toque musical ou vestimenta africana aos seus aspectos religiosos. Nogueira (2023) destaca que apesar da garantia de liberdade de crença estar explícita na Constituição de 1988, conferindo tal responsabilidade à agência de cada indivíduo, estando assim garantida e protegida legalmente, a conduta da sociedade não se encontra alinhada com o proposto no documento. Durante a apresentação dos dados, no capítulo final desta dissertação, descrevo com mais detalhes os eventos ocorridos durante as oficinas que sustentam esta estratégia. Conheceremos a seguir um pouco de cada vertente.

Monteiro (2011) destaca os primeiros registros de danças afro-brasileiras a partir do Maracatu feitos no ano de 1642, composto por cortejos que acompanhavam a coroação de reis africanos, escolhidos nas comunidades negras que ali viviam e que simbolizavam a também coroação do Reis do Congo. No entanto, Lima (2014) considera o surgimento desta arte o resultado de constantes adaptações e recriações de práticas antigas, não sendo possível determinar o seu começo. A evidente agência identificada nestas manifestações que enaltece a autoimagem do negro, adicionada à popularidade do maracatu na cultura brasileira, foram pontos relevantes na escolha desta dança afro-brasileira, como uma das manifestações que envolvem minha prática pedagógica.



Imagem de Divulgação Grupo Maracatu Nação Pernambuco². Fonte: Pinterest.com

² O Grupo Maracatu Nação Pernambuco foi criado no final dos anos 1980 pelo dançarino do Balé Popular de Recife, Bernardino José. Em 1992 criaram o primeiro espetáculo "Batuque da Nação", contando a história do maracatu em Pernambuco. A partir de então o grupo permanece transmitindo as histórias das danças populares negras em espetáculo por todo Brasil (<https://www.mercadanca.com.br/>)



Imagem de Divulgação do Grupo Maracatu Nação Pernambuco. Fonte: Pinterest.com

Segundo Lima e Guillen (2018), o maracatu nação possui uma jornada atravessada pela tentativa de marginalização de sua prática até alcançar o posto de patrimônio cultural brasileiro no ano de 2014. Hoje referência da cultura pernambucana, caminha ao lado do frevo e é responsável por abrir o desfile dos blocos no carnaval pernambucano.

Oliveira (2018) relata que podemos encontrar diversas expressões do maracatu, entre as mais populares estão o maracatu nação, ou de baque virado e o maracatu rural ou baque solto. A autora posiciona o surgimento do maracatu nação como anterior ao maracatu rural, sendo o primeiro relacionado a expressões relacionadas a coroação do rei do Congo e o segundo as brincadeiras da zona rural. Sendo assim, também são considerados por seus praticantes como um brinquedo, e Lima (2014) os aponta como “fenômeno sócio-histórico-cultural presente nas cidades do Recife, Olinda, Jaboatão e Igarassu, localizadas na região metropolitana da capital pernambucana (Lima, 2014 p. 303). O autor que se declara como uma pessoa branca, enfatiza a importância em reconhecer tal manifestação como de origem negra, tendo este recorte também em relação a maioria de seus participantes, apesar de também ser vivenciado por pessoas não negras.

Vejamos abaixo como Lima (2014) conceitua esta arte:

O maracatu³ pode ser definido como uma manifestação cultural dotada de elementos diversos. Dispõe de dança, canto, fantasias e estilo musical próprio. Um maracatu é definido por sua música, cantada em geral por um mestre, que é acompanhado de batuqueiros, tocando afaias (os tambores), caixas, taróis, mineiros (espécie de ganzá) e gonguês (instrumento de ferro com uma campânula, percutida por um pedaço de madeira) (Lima, 2014 p. 308).

Assim sendo, a expressão definida para observarmos mais de perto foi a do maracatu nação. Lima (2014) apresenta a forte relação de alguns maracatus-nação com as religiões de matriz africana, como candomblé, se estendendo também para umbanda, o que evidencia a representação de divindades indígenas, além dos orixás, como por exemplo mestres e mestras, caboclos e caboclas, índios e índias, pretos e pretas velhas, exus e pombagiras. A citada expressão ganha forma por meio de vários grupos desfilando no carnaval, constituídos de um cortejo real, acompanhados de um conjunto de percussão, mais conhecido como batuque. O autor aponta que: “suas músicas, também conhecidas por toadas, são estruturadas em um verso constituído de uma chamada, a primeira voz, feita pelo mestre, e a resposta, a segunda voz, normalmente entoada pelos demais integrantes do maracatu (p.308).”

Segundo Lima (2014), esta expressão apresenta o desfile dos componentes de uma corte. Com rei, rainha, príncipe e princesa, duque e duquesa, vassalos, escravos, lanceiros, baianas e por fim as damas do paço, que são responsáveis por levar nos braços a boneca calunga, um símbolo diretamente relacionado com a ancestralidade e os saberes culturais africanos. A movimentação é feita em forma de cortejo, no qual cada personagem realiza movimentos característicos de sua personalidade, de forma espontânea sem a necessidade de uma coreografia sincronizada. O autor também destaca que os desfiles ocorrem em sua maioria no carnaval, porém não se restringem somente a esta época do ano, podendo fazer aparições em eventos particulares e de fomento cultural fora de época.

Após tantos anos me relacionando com manifestações culturais eurocêtricas, sobretudo o balé clássico, me deparei com o maracatu nação, que assim como o balé clássico, admite ter suas origens associadas com festividades da corte real de suas

³ Podemos conhecer a estética do Maracatu Nação por meio deste vídeo do grupo Maracatu Quilôa, sediado em Santos – São Paulo, no ano de 2016: <https://www.youtube.com/watch?v=YN2IsDLkCYw>

regiões. Com propostas diferentes, o maracatu representa os integrantes da corte e suas particularidades, é considerado uma manifestação popular com suas apresentações ocorrendo nas ruas da cidade e se colocando aberta para a apreciação de todos, já o balé clássico retrata contos e histórias diversas direcionando seus primeiros espetáculos para o entretenimento da corte real e é realizado em um teatro fechado, restringindo-se a um público seletivo.

O apontado distanciamento sustentado pelo balé clássico, adicionados de sua precoce sistematização e metodologia estruturados de acordo com os modelos de validação da sociedade, leva Silva (2019), por meio dos trabalhos de Y.V. Mudimbe: “A invenção da África” (1988) e “A ideia da África” (1994), a elaborar esta situação, se referindo às danças ocidentais, por meio do termo “os mesmos”.

Os mesmos ocupam a posição do clássico, do modelo, do aceito, produto do supremo saber europeu/ocidental, restrito apenas a uma pequena parcela da população, os que estão no poder. E para representar as práticas artísticas dançantes que se referem às manifestações divergentes, oriundas de produções tidas como opostas, produzidas por corpos dissonantes, linguagens e sistematizações acessadas pela comunicação oral, portanto, marginalizados, o termo “as outras”. O que “os mesmos” não reconhecem em si, desejam afastar, logo não devem ser acessadas, e nem poder acessar, não são dignas do diálogo, nem da partilha do prestígio.

Já o frevo⁴, manifestação presente em território pernambucano desde a colonização, é caracterizado por ser uma dança pulsante, repleta de vigor que representa o combate e a alegria dos povos negros que ali resistiam. Composto por ritmos diversos como a polca, a marcha, a quadrilha, o maxixe e o dobrado, tocados por banda militares e civis que desfilavam pelas ruas nordestinas, o frevo é compreendido como uma expressão urbana, praticada tanto por organizações, como individualmente por foliões caracterizados com as indumentárias coloridas e a popular sombrinha⁵ (Geheres e Brasileiro 2014).

⁴ O grupo Sombrinhas no Ar de Pernambuco - Recife nos apresenta um pouco do Frevo pelo vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=Vjy5D4RZ_yw

⁵ Sarmiento (2010) compreende a utilização da sombrinha, confeccionada nas cores verde, vermelho, amarelo e azul, simbolizando a bandeira pernambucana se inicia a partir da proibição da capoeira pelo

Geheres e Brasileiro (2014) atribuem a escolha do nome frevo aos momentos de encontros de bandas, quando os ritmos se misturavam e se aceleravam, em uma disputa sonora que provocava um verdadeiro fervor⁶ nos participantes. Já a dança está relacionada com os movimentos da capoeira, que acompanhava as bandas e abria passagem para as mesmas, fazendo um tipo de escolta de cada grupo, a expressão em questão proporciona um encontro da dança com a luta, fluindo de certa forma que se tornava impossível diferenciar o final de uma, para o início de outra. Esta transição de luta para dança é o resultado das estratégias dos grupos em diminuir as perseguições policiais que os mesmos sofriam em virtude dos jogos de capoeira.



Imagem de Divulgação de dançarinos executando passos de frevo. Fonte: Pinterest.com

Souza e Mello (2022) destacam o frevo como uma das mais potentes expressões culturais pernambucanas. Ocupando um lugar relevante na construção da identidade social da cidade, esta arte motivada pela movimentação social envolvendo as causas abolicionistas e a garantia dos direitos dos trabalhadores de Recife, é coreografada por meio de diversos passos que trazem em seus nomes e na sua execução em forma de luta, sua origem na capoeira, como “dobradiça”, “alicate”, “martelo”, “parafuso” entre

Estado, a mesma tinha a função de continuar a abrir o espaço para a locomoção do grupo como também na defesa de embates mais próximos dos grupos rivais.

⁶ A observada alteração na expressão de fervo para frevo, se explica pela linguagem desenvolvida pelos negros escravizados, o pretoguês como conceituou Gonzales (1988), que criaram uma nova forma de comunicação atravessada por suas linguagens de origem africana, seu caráter tonal e rítmico com a fusão forçada com a língua portuguesa, do colonizador.

outros. Composto por música, dança e as vestimentas características, durante o desfile apresentam o flabelo, um tipo de estandarte levado estritamente pelas damas.



Imagem de divulgação de um Desfile de Frevo pelas ruas de Pernambuco - Recife, Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/259097784798833177/>

E assim como o maracatu nação que conhecemos anteriormente, parte das periferias, recebe o reconhecimento e o valor dos centros, e com seu surgimento no início do século XVII no carnaval de rua, vai ao encontro com uma das características desta festa que tem o poder de estabelecer relações interculturais de caráter festivo e pacífico entre diferentes classes sociais durante sua performance. Os autores destacam o reconhecimento do frevo na década de 1980 como patrimônio cultural pernambucano, o que proporcionou a divulgação deste símbolo sob as mais diversas formas como telefones públicos, cartazes, posicionando-o assim como importante movimento de resistência social, político e cultural das populações afro-brasileiras.

Maracatu e frevo expressões nascidas em solo brasileiro, gerados no ventre africano, que ao atravessar o atlântico carregados pelas águas agitadas e potentes de uma ancestralidade, hoje banham, renovam e consagram as contribuições dos saberes africanos por meio dos encontros, descobertas e trocas dos primeiros passos desta pesquisa.



2.2. Nenhum fio de cabelo fora do lugar⁷

Minha formação profissional foi constituída por boa parte das vertentes de dança pertencentes ao modelo hegemônico. O balé clássico, dança moderna, jazz, dança contemporânea, e o flamenco, e foi justamente por meio do balé clássico, uma forte referência artística eurocêntrica, que me profissionalizei e atuei pela maior quantidade de tempo como professora. Sendo que somente mais tarde, em uma pós-graduação em dança e consciência corporal, fui ter o meu primeiro e único contato, até então, com a dança afro e suas epistemologias. Diante do exposto, abordaremos agora os contextos e localização do surgimento e estruturação do balé clássico com o objetivo de refletir

⁷ Imagem da bailarina Ingrid Silva. Fonte: <https://www.alovocemagazine.com/>

acerca do constante consumo e divulgação de manifestações culturais completamente distantes dos valores civilizatórios de grande parte da população brasileira.

O balé clássico é uma arte conhecida pela sua tradição e requinte, tendo o seu início nas cortes europeias em meados do século XV (Guarato, 2019). Pode-se encontrar dois registros relacionados à origem da palavra *ballet*, posicionando-a como de origem italiana, *ballet* da palavra *ballo*, e também de origem francesa. Ballet é uma palavra francesa derivada do italiano “ballare” com os mesmos significados, termos estes presentes nas referências de dança da época como bailes coreografados, um pequeno baile, podendo conter momentos de dramaturgia (Couto, 2022).

Divido sob as categorias de balé clássico, balé romântico e neoclássico (Amaral, 2009), o balé parte das expressões culturais consideradas eruditas, como a música clássica e as artes plásticas renascentistas, são heranças coloniais, que ocupam uma posição de prestígio no imaginário coletivo, com a autoridade e valor, que outras manifestações artísticas não acessam. Este evento aparentemente natural, e inofensivo, sustenta a crença que o acesso a vivenciar esta dança, é destinada somente aos que seguem a reproduzir os moldes de vida das cortes do século XV (Anunciação, 2019).

Segundo Couto (2022), os primeiros registros sobre a expressão artística que viria futuramente se tornar o balé clássico, são identificados ao longo do século XVII, com o nome do *Ballet de Cour*[2]. A autora afirma que mais adiante, o libreto do *Ballet Comique de la Reine*[3] (1581), de *Balthasar de Beaujoyeulx* (1535-1587), eleva o status do balé a um gênero específico de espetáculo coreográfico, passando a ser visto agora, pela sua complexidade de regras e composição, como arte.

Seguindo com as etapas da trajetória do balé clássico, Sampaio (2013) fala sobre a estruturação das cinco posições do balé clássico, base dos pés, na qual se inicia e se finaliza qualquer movimento desta dança. As cinco posições foram idealizadas por Lully, um coreógrafo e músico italiano, responsável por liderar a primeira apresentação em um “palco italiano[4]”, no Gran Palais, em Paris, sob o consentimento do Rei Luís XV. Segundo Amaral (2009), as cinco posições básicas dos pés, foram criadas por Pierre Beauchamps (1639-1705), e remetem às posições dos pés na esgrima, voltados os dedos para fora, chamado de “en dehors” (em francês).

As posições em questão permitiriam aos bailarinos movimentarem-se, rapidamente, em qualquer direção com segurança, tal qual o esgrimista, sempre de lado, e supostamente também possuem tal característica, pois virar-se de costas para o rei era proibido. Algumas exigências técnicas que são utilizadas até hoje, como a de manter os joelhos sempre esticados, foram determinadas, pois como o figurino daquela época era muito pesado e volumoso, logo, quanto mais alongado o corpo, mais fácil era a passagem entre os corpos durante as coreografias, sem quaisquer atritos, ou acidentes.

“Cesare Negri, que em 1604 havia escrito um tratado sobre dança intitulado *Grazie d'Amore*, onde aconselhava que os joelhos dos bailarinos fossem mantidos esticados e com os pés virados para fora, para que dessa forma ficassem mais elegantes. Descobriram que, se virassem os pés dos bailarinos para fora, teriam mais estabilidade e poderiam passar uma perna pela frente da outra sem tropeçar. Estava inventado dessa maneira o *en dehors*, princípio básico para a proposição das cinco posições dos pés, base onde se construiu toda a técnica e estética do balé clássico.” (Sampaio, 2013 p. 25)

Sampaio (2013), aponta Luís XIV, o Rei Sol, assim chamado por ter representado o papel de "sol" no *Ballet de la Nuit* (Balé da noite) como uma personalidade considerada por muitos, o pai da dança clássica, criou a Academia Real de Dança. Com as performances teatrais, poesia, pintura e dança do *Ballet de Cour*, passando por pertinentes adequações e mudanças, seguido pelo *Ballet Comique de la Reine*, e com sua estruturação, organização pedagógica, sistematização de vocabulário e técnica refinadas Lully, chega – se em um esboço do balé clássico que vem a se tornar aos que se apresentam nos dias hoje (Couto, 2022). Após passar por modificações conduzidas pela sua expansão para diversos locais do mundo, esta arte segue a ser ensinada a partir de diferentes métodos, que foram se construindo de acordo com as necessidades e particularidades das regiões. Entre os diferentes métodos de ensino podemos destacar, o método inglês, o italiano e um dos mais conhecidos, o método russo (Amaral, 2009).

Embora a dança se fizesse presente em minha vida desde muito pequena, por meio de aulas de jazz e dança contemporânea, minha trajetória no balé só foi se iniciar aos 13 anos, contrariando a idade proposta para adentrar aos estudos da técnica clássica indicada a partir dos 7 anos de idade (Castilho, 2024). Em virtude das atribuições identificadas nesta vertente, como a delicadeza, a classe entre outras questões exigidas ao gênero feminino, a citada atividade continuava, assim como em seu surgimento, essencial para meninas de classe média alta, para que as mesmas desenvolvessem tais

características e se exercitassem de maneira compatível com o gênero. Logo as barreiras sociais encontradas pela raça me posicionaram por muito tempo como a única negra da escola.

Passar pela adolescência seguindo a afirmar os valores estéticos distantes de minhas características, buscando uma uniformização a partir dos trajes específicos, penteado, e formas de agir, me trouxe uma sensação de insuficiência, que hoje permeia momentos em que meu pertencimento se sente fragilizado. Pois, foram tentativas exaustivas de me encaixar em um padrão estético e não encontrar outros corpos negros como suporte, companhia e referência nessa área. Onde estavam as manifestações afro-diaspóricas brasileiras? Quais são as histórias das bailarinas negras, como Dolores Browne. Que foi a primeira Bailarina do breve *New York Negro Ballet* e Raven que se apresentou no corpo de baile do *Ballet Russo* de Monte Carlo entre os anos 50 e 60 (Deans, 2001). E, a brasileira Mercedes Baptista, primeira bailarina negra a compor o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1948? Como seria meu desenvolvimento durante este momento tão desafiador da vida de uma pessoa se pudesse reconhecer em mim possibilidades diversas de protagonismo?

Associei os traços hegemônicos característicos do balé clássico e a experiência de não identificação, com os diálogos de Ennes e Marcon (2013) sobre o processo de localização social, e a proposta de localização psicológica conceituada por Asante (2014). Ambas reflexões se fazem pertinentes ao que concerne à relevância contida em situações de pertencimento para a sustentação digna de sua agência e consequentemente sua constituição como indivíduo.

Como expus no capítulo anterior, Asante (2014) destaca que para que a agência se movimente livre das tutelas ocidentais, precisa estar-se consciente das contribuições de seu povo para a sociedade. Ao refletir sobre a grande parcela que o balé ocupa em minha formação, localizei nos espaços educacionais, a expressiva presença das referências ocidentais e todos os seus esforços em manter os conteúdos ali divulgados, sobre uma perspectiva única, de caráter hegemônico, que contribui para a desorientação dos interesses das populações de origens plurais, submetidas à saberes universais (Njeri 2019). Mas onde o balé se encaixa? O que ele poderia me proporcionar, que as outras danças não alcançavam?

Ao deliberar sobre as possíveis causas, chego a forma que os adultos se relacionavam comigo na infância. Uma memória muito presente foi no dia em que fui para a escola de cabelo solto, uma menina negra com cabelos soltos, até nos dias de hoje em dia é um ato de coragem. A diretora se sentiu à vontade para prender o meu cabelo em um coque muito, mas muito apertado. Ação esta que caminhou junto comigo até que eu encontrasse uma maneira de precisar trazer aquele penteado para a minha vida de forma constante.

Após adentrar o balé, talvez não considerassem meu cabelo desarrumado, estaria sempre preso em um coque, sem nenhum fio fora do lugar. Este é apenas um exemplo de como o ambiente escolar se apresenta de forma extremamente nociva para a população negra, pois posiciona suas condutas ainda sob as perspectivas universais do colonizador, sem espaço para celebrar e compreender as diferenças, pois ao invés de desfrutar das ricas vivências e impressões que poderiam surgir, o que resta para esta população é suportar este período ou contribuir para as estatísticas de evasão escolar.

Notei também, que de alguma forma, eu experimentara uma resposta diferente tratando-se das minhas manifestações de sensibilidade, fragilidade e apego. Não entendia o porquê que outras meninas recebiam olhares mais acolhedores quando demonstravam alguma necessidade, ou, por simplesmente existirem. Encontro no balé uma estratégia de ser considerada pela perspectiva de mulher segundo o ocidente, por meio de uma expressão estruturada em torno de uma estética que remete à fragilidade e beleza, e apresenta a mulher como um ser que requer cuidados. Tal padrão era o reflexo do que se esperava de uma mulher naquele contexto histórico, no século XIX em Paris. Uma idealização feminina que nos acompanha até a atualidade (Anjos; Oliveira; Velardi, 2015).

Sobre o exposto, Davis (2016) nos chama a atenção sobre o tratamento que a mulher negra recebera através dos tempos, como a não diferenciação em relação ao gênero masculino e as características de força e vigor físico correspondentes à estrutura corporal masculina. Sendo assim, entendi cedo que a minha vulnerabilidade, fora do contexto familiar, era muitas vezes invisibilizada por algum aspecto que, em função da idade não me era permitido entender, mais adiante venho compreender ser pela cor da minha pele. Ao analisar o presente cenário, Castro (2019), apresenta estar de acordo com o relato de Davis (2016), quando menciona o estereótipo da força do corpo negro

feminino, ideia preconceituosa e equivocada, alimentada pelo imaginário popular que contribui com a impunidade de desrespeitos e violações disparados à mulher negra, afastando-a o direito do sentir.

Sendo o Brasil, reflexo de sociedade construída sobre o trabalho árduo de pessoas escravizadas compostas, principalmente, por pessoas negras, e concentrada em manter suas estruturas hegemônicas e elitizadas, desenvolveu-se um senso comum acerca da identidade das pessoas negras, posicionando-as sob um suposto *déficit* cognitivo. A presente crença se estrutura a partir das inúmeras barreiras que a população negra enfrenta desde seu sequestro no período escravocrata, pois a mesma foi sujeita a lidar com valores diferentes dos seus e uma língua estrangeira, tendo que responder com urgência a uma compreensão que estava muito distante de sua realidade. A notável pressão força o desenvolvimento de uma forma de comunicação diferente, atravessada pelas línguas e valores africanos. Estabelecendo um preconceito sobre as incompatibilidades encontradas em seu modo de expressão que fixou um estigma capacitista nesta população, afirmando que a mesma não estaria apta a desenvolver atividades que exigissem habilidades intelectuais.

Mello (2019), também contribui ao apontar o capacitismo⁸ não somente ao que remete a pessoas com deficiência. Segundo a autora,

O capacitismo também é essa forma hierarquizada e naturalizada de conceber qualquer corpo humano como algo que deve funcionar, agir e se comportar de acordo com a biologia. Nesse sentido, outras categorias de seres humanos também podem ser lidas como “menos capazes”: a mulher frente ao homem; o negro e o indígena frente ao branco; o *gay* e a lésbica em relação ao heterossexual; e a pessoa trans em relação aos cis. (Mello, 2019, p. 136)

Como uma das estratégias para romper com os estereótipos mencionados no parágrafo anterior, recorri ao balé, esta arte fortemente relacionada ao feminino, à beleza contemplativa e ao reconhecimento social, porém, historicamente ocupado por pessoas brancas. Ao identificar no balé, o caminho para visibilidade e a possibilidade de exercer o direito de ser frágil, delicada, justificar minhas dores e pertencer a esse olhar de consideração e acolhimento, entendo esse momento como uma estratégia de resistência (Passamani; Vasconcelos; Rosa *et. Al*, 2020). A postura de resistência,

⁸ O termo capacitismo se refere à naturalização e hierarquização das capacidades corporais humanas (Mello, 2019, p. 136).

pode ser exemplificada por meio da contribuição de Foucault e Butler, para quem “a constituição do sujeito emerge através de estratégias de resistência para lidar com o contexto normatizado por convenções sociais hegemônicas” (Foulin 2013, p. 396).

Pela urgência ao enfrentamento das questões que invisibilizam os aspectos humanos da população negra e ao consenso que a define em posição de menos valia, ora esquecidas, ora ocultadas da memória nacional (Rufino, 2019), recebi como responsabilidade [re]conhecer as manifestações dançantes afro-brasileiras para assim, ao entrecruzar estes registros com as trajetórias de outras mulheres negras, poder encontrar como se dá o exercício de suas agências. Manifestações estas, que apesar dos seus apagamentos na história como um todo, se fizeram presentes mediante o poder que a ancestralidade emana, se fazendo resistência por meio de suas performances, pela potente presença de seus corpos pretos na sociedade, até mesmo nos palcos das elites.

Sendo assim, assumo a urgência em legitimar seus feitos e suas histórias, dar visibilidade, notoriedade e inspirar outras meninas negras a poderem também se entenderem como parte desse espaço, a dança e as experiências que ela proporciona. Principalmente porque, em se pautando em estudos interseccionais, segundo Duque, Oliveira e Becker (2020), nem toda diferença será, linearmente, um marcador que oprime e hierarquiza.

Questionar as obsoletas e segregadoras concepções reafirmadas pelos representantes do balé clássico sobre o ensino e o consumo desta dança, como também os diversos outros espaços que apresentam infinitas barreiras ao acesso dos corpos negros, abarca o desconforto, a sensação de inadequação e a segregação, que essas práticas perpetuam até os dias de hoje. Seja ao que concerne à escolha dos corpos, ou a manutenção deliberada de regras e condutas que não correspondem mais com o contexto histórico que vivemos. No entanto, apesar do cenário de exaustão que muitos de nós se encontra, é de grande relevância que as críticas a esse padrão de conduta, sejam devidamente localizadas, incentivadas, validadas e urgentemente transcendidas.

2.3. A firmeza dos pés no chão assegura o deslizar nas sapatilhas

Antes de adentrarmos na temática citada acima, gostaria de propor uma reflexão acerca da utilização do termo clássico e a constituição dos valores universais. Pode observar nos espaços de produção de conhecimentos que o presente termo é atribuído às

manifestações, situações ou eventos de caráter tradicionais, com sentido de permanência e valores específicos às experiências de uma população. No entanto, nota-se a utilização da citada expressão de maneira universalista, ao posicionar a cultura ocidental como centro, e logo, as demais nas margens.

O que posiciona como subentendido que os clássicos, os tradicionais, só são legítimos sob uma perspectiva europeia. Porém, ao impor essa perspectiva às populações não europeias, como a música clássica e ao balé clássico, provocam um deslocamento de identidade e admitem como componentes de uma cultura universal, o que não são. Essa naturalização da divulgação e consumo das culturas ocidentais são um evidente exemplo da sutil, porém nociva presença da colonização na constituição da população brasileira. É pertinente então que, primeiramente identifiquemos as expressões culturais que resistem na nossa sociedade e em paralelo, sinalizemos a origem das outras expressões, como música clássica europeia, por exemplo, para assim atuarmos sob a rica pluriversalidade cultural característica das sociedades (Ferreira e Duarte, 2021).

Quando refletimos sobre o conceito de cultura internalizado em torno da nossa sociedade, podemos identificar um distanciamento entre as perspectivas de cultura e folclore, sobretudo sobre seu valor, reconhecimento e divulgação. No qual a cultura aparece para definir os padrões de uma classe dominante, devidamente preservada, enaltecida, e ligada a conteúdos educacionais. Enquanto o folclore, pertence aos costumes das classes subalternizadas, remetendo as populações periféricas pobres, em sua maioria negra, e ligado a preconceituosa visão do descompromisso da diversão. Identifica-se ainda, a adição da palavra “popular”, após a palavra “cultura”, com o intuito de determinar e reforçar, uma diferenciação pautada na hierarquia entre as linguagens cultas e populares (Cordeiro, 2022).

Williams (2015), localiza a cultura como algo comum, compreendida por aspectos simples e corriqueiros que permeiam a nossa rotina e nossos costumes. O autor reforça, que ela ocorre por meio das interações, das experiências, das descobertas. Sua dinâmica se constrói e desconstrói a cada modo de pensar individual, e se funde novamente, também no coletivo. A cultura abarca aspectos tradicionais e criativos, comuns e refinados. É um fenômeno presente em toda sociedade, constituída a partir de especificidades de caráter popular, que operam de forma dinâmica.

Apesar do imenso esforço feito pela sociedade para posicionar os dois conceitos em forma de disputa, essa ação se apazigua, e nos livramos das correntes deste olhar essencialista colonial quando ampliamos os sentidos para perceber os aspectos dinâmicos e genuínos que compreendem a produção cultural de uma população.

Imersa na reflexão poética de Brandão (1982), conecto meu entendimento de folclore e cultura, como o encontro de vários rios, que trazem folhas, pedras, elementos da natureza que se decompõem, passam por cheias, secas, e se transforma sem se preocupar com quem veio primeiro, quem eram, e como vão chegar em outras águas, seguem o fluxo com confiança e maestria. O folclore pode se satisfazer enquanto um elemento da cultura, folclore e cultura podem se encontrar em similaridades desassociáveis, e as águas da cultura popular, ao se misturar tanto nas águas da cultura, se estabelece como a mesma, a partir de um processo dinâmico, transformador e natural.

Uma sociedade estruturada a partir da invasão, domínio e disputa, não dá conta de elaborar toda essa complexidade, com a leveza da poesia, mas a arte tem a potente habilidade de encontrar brechas para que esses diálogos aconteçam.

Ao localizar estas questões na área das artes cênicas, Silva (2019) ressalta a importância da discussão crítica da diferença, na produção cultural, sobretudo quando falamos de dança. Em meio a um ambiente hostil, artistas negros resistem em sua continuidade por meio de expressões culturais potentes que movimentam pautas sensíveis e urgentes, como a reumanização da população negra por meio da arte, seguida da legitimação de suas epistemologias.

Na intuitiva e vital tentativa de se reencontrar com os movimentos ancestrais, as manifestações artísticas afro-diaspóricas brasileiras, ampliam suas experiências, e se reconectam com os valores de coletividade difundida pela filosofia *Ubuntu*⁹, no vislumbre de subjetivação de uma identidade digna e compatível com sua localização ancestral. Identidade esta, que se estrutura de forma motriz, ativa, que conversa e questiona seus aspectos colonizados. As danças afrodiaspóricas, se apresentam como

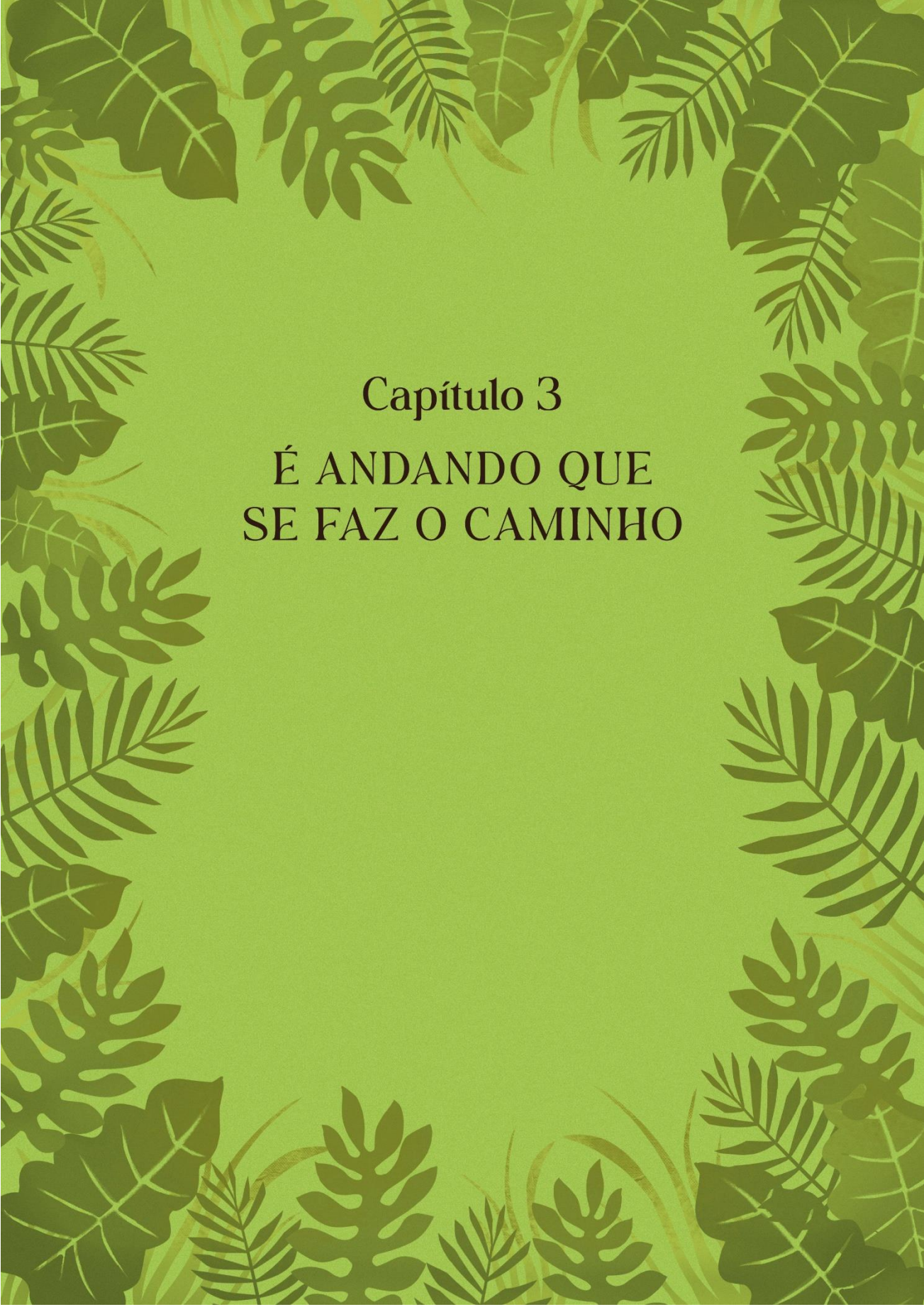
⁹ *Ubuntu*: Raiz da filosofia africana, de origem dos povos *bantus*, compreendida através do significado de comunidade e coletividade, que foi sintetizada para o português pela frase: “ Eu sou porque nós somos. ” O conceito *Ubuntu* procura desenvolver e consolidar os aspetos de humanidade, solidariedade e reconhecimento da importância do grupo para si, e de si para o grupo, como também o zelo aos aspectos da natureza e ambiente em que se vive (Cavalcante, 2020).

um elemento central e estruturante da cultura africana. Na qual estabelece uma relação de presença e comunicação, tanto interna, ao acessar seus pulsares, quanto externa, ao expor suas concepções, que vão além da limitada concepção corporal eurocêntrica. É uma conduta civilizatória, não passível da separação ocidental, composta por movimentos atravessados pela memória e cultura de vários corpos, das particularidades desses corpos em comunidade, e pela complexidade de experiências ali concentradas através dos tempos.

Atravessada pelo debate de Walsh (2016), transfiro grande urgência para os campos dos saberes nos flanares e imergires nos conteúdos adversos ao comum e previsível, para assim, nos possibilitarmos questionar e quebrar padrões hegemônicos há anos estabelecidos, e, sobretudo, nos responsabilizarmos pelo consumo, divulgação e validação de epistemologias diversas. O pesar gerado pela humanidade que nos foi sequestrada, na missão de compor aspectos extremamente estruturantes da sociedade brasileira, não é um evento passível de esquecimento. No entanto, resistimos em honra a nossa ancestralidade, guiados pelos passos firmes das pegadas dos que vieram antes, fruto da sabedoria milenar de um povo. Sentir o chamado para nos desprendermos das armadilhas fantasiosas do olhar, e sensibilizar nosso repertório corporal, ao honrar as pulsões trazidas pela ancestralidade, é ir ao encontro com questões muito íntimas e potentes, que por tempos, fomos impedidos.

Sabendo que, apesar de nossas águas “correrem caladas”¹⁰, nossos passos são firmemente guiados por uma potente ancestralidade, sob o anseio de uma existência digna, que se estabelece à medida que nos imergimos nas revigorantes águas da nossa história. Veremos, então, no capítulo a seguir, como os conceitos apresentados e refletidos anteriormente se organizam nesta fase inicial da elaboração dos conceitos metodológicos responsáveis por sustentar o trabalho de campo da presente pesquisa, etapa que consolida o compromisso dos estudos culturais em entender com proximidade decisivas questões que permeiam as experiências das nossas participantes de pesquisa, viabilizando a estruturação de mecanismos pertinentes para suprir suas necessidades (Baptista, 2009).

¹⁰ Verso da música: “Louvação à Oxum” de Maria Bethânia, 2011.

A decorative border of various tropical leaves, including monstera and palm fronds, in shades of green and yellow, framing the central text.

Capítulo 3

É ANDANDO QUE SE FAZ O CAMINHO

CAPÍTULO III – É ANDANDO QUE SE FAZ O CAMINHO

No capítulo em questão, relatarei os encontros metodológicos ocorridos para a realização deste trabalho, bem como as características da pesquisa, o público envolvido, o trabalho de campo que foi desenvolvido, como foram feitas as análises e os aspectos éticos que o envolvem.

3.1 Caminhos possíveis

A presente pesquisa, caminha sobre os passos da metodologia da escrevivência (Evaristo, 2009). Uma ferramenta desenvolvida a partir das narrativas de mulheres negras com suas experiências carregadas de suas potentes subjetividades que foram fortemente afastadas das validações ocidentais e consequentemente do devido reconhecimento. Saberes orgânicos que sustentam, fortalecem e favorecem nossas trajetórias em busca de um alcance legitimado pelos saberes sintetizados da academia (Bispo, 2023).

Evaristo (2009), conceitua a escrevivência como uma produção de escrita que nasce a partir das experiências de mulheres negras, que ao se encontrar com as narrativas de outras mulheres negras, relacionam suas perspectivas e atravessamentos, que se reconhecem, problematizam e desenvolvem suas questões no coletivo. A presente metodologia tem como um de seus objetivos confrontar os estereótipos divulgados acerca das imagens e das narrativas da população negra, produzidos pela cultura hegemônica. Ao apresentar vivências e personagens negras construídos a partir de suas próprias perspectivas. Identifico então, nos aspectos propostos pela autora, solo fértil para o semear desta pesquisa.

A escolha por apresentar as reflexões aqui presentes por meio da escrevivência, se justifica na possibilidade de experienciar uma escrita livre e com conexão direta com as vivências que desejo compartilhar, pois a presente metodologia nos oferece possibilidades de revisitar legitimamente os nossos contextos de subjetivação (Lima, 2023). O presente método, apesar de ser orientado por perspectivas reais dos autores, cede espaço para ser composta também pelo imaginário e embora apresente um contexto individual de narrativa, aponta para discussões de interesse coletivo (Machado, 2019).

3.1.2 Ferramentas metodológicas acessadas

Entenderemos agora, como cada etapa foi organizada. Primeiramente, foi feita uma revisão de literatura com o objetivo de acessar o referencial teórico pertinente acerca das publicações sobre agência, perspectiva afrocêntrica, danças afro e balé clássico, que são os conceitos e reflexões que estruturam esta pesquisa e que foram ganhando cor à medida que fui me identificando como um corpo negro na dança. Esta revisão se orientou a partir de um estado da arte realizado no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Segundo Barros (2009), a revisão de literatura é considerada como um dos itens fundamentais para a elaboração de um projeto, compreendida a partir de um levantamento exploratório da bibliografia já existente, seja no formato online ou físico. Com esta ferramenta foi possível reunir conhecimentos já validados pela produção científica, com o objetivo de sustentar novas reflexões, e justificar a pertinência de sua pesquisa, elementos apresentados nos capítulos anteriores e que servirão de base para as análises dos dados levantados.

Após estruturar o referencial teórico por meio dos conceitos identificados, reuniu-se um potente arcabouço de possibilidades para reencontrar o objetivo desta pesquisa que pretende compreender as possibilidades de agenciamentos acessados por meninas negras, representadas pelas sujeitas desta pesquisa, como também lidar com as questões do apagamento das manifestações afro-brasileiras, sendo o trabalho de campo, que descreveremos a seguir, o fruto da intersecção dos aspectos aqui emergidos.

3.1.3. De mãos dadas - Quem faz essa roda girar, cuidados éticos e como foram feitas as análises

Ao relacionar as vivências aqui expostas com o referencial teórico encontrado na revisão bibliográfica, apresentamos para esta fase de campo a elaboração e a execução de uma oficina de vivências artísticas dançantes conduzidas pelas danças afro-brasileiras direcionadas para meninas negras entre 10 e 13 anos de uma escola municipal do interior do Mato Grosso do Sul.

Morar em uma cidade do interior nunca esteve em meus planos, no entanto, em virtude de melhores condições para a família, desde o ano de 2020 estamos por aqui.

Uma cidade a aproximadamente 300 km da capital e cerca de 35 mil habitantes, rodeada de rios, cachoeiras, araras, tucanos, uma natureza espetacular. Composta por uma população fortemente conservadora, orgulhosa e vigilante de seus valores cristãos, a cidade demonstra ser um local que ainda entende a infância como um treinamento para a vida adulta, com pouco espaço para explorar, e um cuidado notável com o controle dos impulsos do corpo, tudo deve ser contido, apesar do vasto campo verde, e o convite para as brincar livremente dançando com o vento, os valores da colonização seguem a aprisionar os infinitas e saudáveis caminhos de se reconhecer, pertencer e crescer naturalmente.

A escolha da escola se deu por ser uma instituição com grande número de alunas que se encaixava no recorte racial pertinente à pesquisa. Em relação ao gênero, justificase pelo fato dos questionamentos que impulsionam a presente pesquisa, partirem dos meus atravessamentos como mulher negra nos espaços de produção de conhecimento em que passei. Logo, desenvolver esta pesquisa apenas com meninas está de acordo com o direcionamento das questões a serem investigadas e nas relações estabelecidas em nossas vivências. Já a faixa etária foi definida pelas características desafiadoras que compreendem a pré-adolescência, sobretudo ao que concerne à estética negra. Gomes (2002), relata os esforços de mães de meninas negras e seus diversos cuidados para que suas filhas não sejam alvo de comentários discriminatórios racistas em ambiente escolar.

Com a proposta aprovada pela diretoria, fui em busca das autorizações e adequações solicitadas pelo comitê de ética. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo comitê de ética, sob parecer número: 6.559.028, a escola fez uma divulgação para as séries da faixa etária escolhida e conforme os pais as matricularam, eram adicionados a um grupo de *whatsapp*¹¹, criado pela escola, para facilitar a comunicação. A princípio tivemos 7 matrículas, e as oficinas se iniciaram na segunda semana de abril de 2024.

Na primeira aula tivemos 7 alunas e já neste dia solicitei aos responsáveis que lessem e assinassem os termos de consentimento, para a autorização na participação da

¹¹ Segundo o website da empresa, *whatsapp* é um aplicativo que possibilita a troca de mensagens online, que surgiu para incrementar o sistema anterior de mensagens por celular e agora possibilita o envio de áudios, vídeos, arquivos e vídeo chamadas, tanto pelo disposto móvel quanto pelo computador, com qualquer outro dispositivo que esteja conectado à internet (whatsapp.com, 2025).

oficina, e um termo de assentimento para as crianças, que descreve de maneira simples e direta como será a estrutura das vivências e os direitos das participantes.

Os encontros tiveram duração aproximada de 6 meses com 60 minutos semanais, no período vespertino, período sinalizado pela escola como pertinente, pois aulas de judô também ocorrem no mesmo horário.

A estruturação das aulas foi orientada por grande entrelace pedagógico composto pelo contato com grupo, conceitos da perspectiva Afrocêntrica¹² e o cuidado da ferramenta de análise da Interseccionalidade¹³, com a finalidade de entender as necessidades do público atendido. Desenvolver estratégias que abarquem os aspectos pertinentes aos envolvidos e favorecer uma intervenção eficaz e precisa, estabelecendo assim, como nos inspira Collins (2017), uma ponte entre os saberes produzidos nos movimentos sociais com o suporte e reconhecimento da academia. Ao que concerne aos diálogos entre as demandas sociais e a academia, Collins acrescenta: “Quando mulheres de cor que seguiram engajadas em movimentos sociais entraram para a academia, trouxeram com elas as sensibilidades dos movimentos” (Collins, 2017, p.9). Isso significa dizer que busquei a junção de interesses da pesquisa não ignorando interesses das alunas com participação ativa dentro dos direcionamentos pré-estabelecidos.

Apesar do projeto inicial ter sido direcionado apenas para meninas negras entre 10 e 13 anos, a oficina, por ser realizada no horário de outra atividade oferecida pela escola, despertou o interesse de crianças que não faziam parte do público definido para a presente pesquisa. Até o encerramento das atividades, duas meninas abaixo da faixa etária e um menino ingressaram no grupo, como também tivemos a participação de mais dois meninos que frequentavam as oficinas esporadicamente. A presença destes foi muito bem-vinda, no entanto, no momento de levantamento dos dados específicos da pesquisa, apenas a população previamente estabelecida e que apresentaram autorização para a investigação tiveram suas respostas consideradas.

¹² Paradigma estabelecido por Molefi Kete Asante, em meados dos anos 1960, que reposiciona o indivíduo negro por meio da sua localização e de sua agência. No qual o mesmo identifica e se reconecta com sua história ancestral e entende a sua autonomia, estabelecendo um posicionamento e um diálogo digno com sua condição de humanidade. (Njeri, 2022).

¹³ Ferramenta de análise de múltiplas discriminações que se encontram a partir dos marcadores sociais da diferença. Através da mesma, é possível alcançar maior assertividade em relação às necessidades da população envolvida, mapear as informações pertinentes e traçar uma proposta de intervenção personalizada e eficaz. (Crenshaw, 2000).

3.1.4 Procedimentos de levantamento e análise de dados

Por meio das oficinas pretendi nos envolver em um ambiente de partilha de saberes, nas quais procurei abrir todos os encontros com rodas de conversa, que além de favorecer a conexão com a população comprometida, observei os conteúdos ali debatidos para complementar as discussões suscitadas neste trabalho.

Melo e Cruz (2014), apresentam a roda de conversa como uma metodologia eficiente na interação de temas com conteúdos densos, porém em ambientes informais. Afonso e Abade (2008), afirmam que a presente metodologia tem grande potencial em favorecer reflexões em ambientes escolares, mantendo a descontração característica deste ambiente, para assim estabelecer uma conexão segura, com acessos dinâmicos e produtivos para uma análise futura.

As rodas de conversa foram registradas durante todas as aulas, em um diário de campo, como também fiz duas gravações de áudio das mesmas, para garantir um material expressivo e com palavras utilizadas pelas meninas participantes da pesquisa e não apenas da pesquisadora e mais próximo às realidades para futuras reflexões e análises. Assumindo o constante movimento que marca não somente pesquisas na área da dança. Oliveira (2014) apresenta o diário de campo como um local apropriado para receber as movimentações das pesquisas, “das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram, enfim, do que na escola e comunidade vimos, ouvimos e vivemos” (Oliveira, 2014 p. 71).

Outro aspecto encontrado nesta pesquisa trazido pela autora é a comum utilização do diário de campo para pesquisas autobiográficas, pois em seus registros, o pesquisador pode apresentar tanto as próprias impressões como descrever os ocorridos gerais do ambiente. Sendo assim, nos registros constam as impressões de relacionamentos iniciais, conteúdos abordados que me chamaram atenção por algum motivo, a rotina de um modo geral e demais fatores que minha cosmo percepção¹⁴ captou e estabeleceu como conteúdo interessante a ser apresentado.

¹⁴ A autora nigeriana Oyeronkè Oyewumi reflete em seu livro “A Invenção das Mulheres” acerca da perspectiva ocidental relacionada com o sentido da visão. Ela observa que a visão ocidental aponta o corpo como um evento autoexplicativo, apenas de olhar para ele, já é possível identificar uma série de eventos socialmente contido nesses corpos dos quais deduzimos e reagimos a esses corpos/situações de uma maneira possivelmente natural e inconsciente. E a partir desse olhar, estabelece-se uma diferenciação entre o corpo social e o corpo político. Ela aponta que no ocidente, as percepções e impressões são lideradas, conduzidas e estabelecidas pelo sentido da visão. A expressão cosmovisão é usada para

Tivemos então, dois momentos com as rodas de conversa conduzidas por temáticas previamente estabelecidas, uma no início das atividades, após 4 encontros, no primeiro semestre, e outra ao final das atividades, no segundo semestre. A partir da organização e a análise do material transcrito, nos relacionamos com as principais categorias que emergiram das conversas, para assim, paralelo ao referencial teórico, discutirmos as reflexões e relações mais expressivas. Após a descrição dos caminhos metodológicos que envolvem a presente pesquisa veremos a seguir a estrutura das oficinas que compõem essa fase de campo.

3.2 Estrutura das oficinas: Caminhar, Aprender - Experimentações em danças afro referenciadas

Apresento agora como as oficinas foram estruturadas. Este caminho pedagógico é fruto do entrelace das reflexões emergidas pelo referencial teórico, minhas vivências corporais/meu ser e estar negra, práticas pedagógicas afrocentradas e constante conexão com as respostas trazidas pelas crianças.

Continuamos então na movimentação, mas agora de corpo inteiro. Sendo assim, para que esta prática faça sentido e seja sentida por todas as envolvidas, a partir das práticas pedagógicas citadas anteriormente, fui sendo inspirada e desenvolvi o seguinte caminhar dividido em 4 blocos. Cada bloco teve a duração de 4 aulas, e se propôs orientar o desenvolvimento e aquisições das habilidades e experiências propostas pelas oficinas.

Intenção 1 (primeiro semestre) - Abrindo os caminhos – processo de autoconhecimento e conhecimento do grupo, preparando e sensibilizando o corpo para nossas experimentações em movimento.

Intenção 2 (primeiro semestre) - Aproximação com expressões dançantes afro referenciadas e com nossas guias – apresentação das protagonistas das expressões dançantes negras e contato com suas biografias e metodologias.

condensar a lógica cultural de uma sociedade, o que posiciona o sentido da visão como um privilégio do continente. Já nas nações Iorubá, antiga região do continente africano no qual se localiza a Nigéria atualmente e nacionalidade de Oyewumi, os demais sentidos também são recrutados para compreender a realidade e as diferenças entre as sociedades. O que nos leva ao conceito da Cosmopercepção – abordagem ampla, inclusiva e sensível aos demais sentidos humanos (Oyewumi, 2021).

Intenção 3 (segundo semestre) - Assentamento – Identificação de afinidades e preferências para o desenvolvimento e criação do nosso expressar dançante, individual e coletivo

Intenção 4 (segundo semestre) - Começando os trabalhos - Experimentações em danças afro referenciadas pensadas para apresentar ao público.

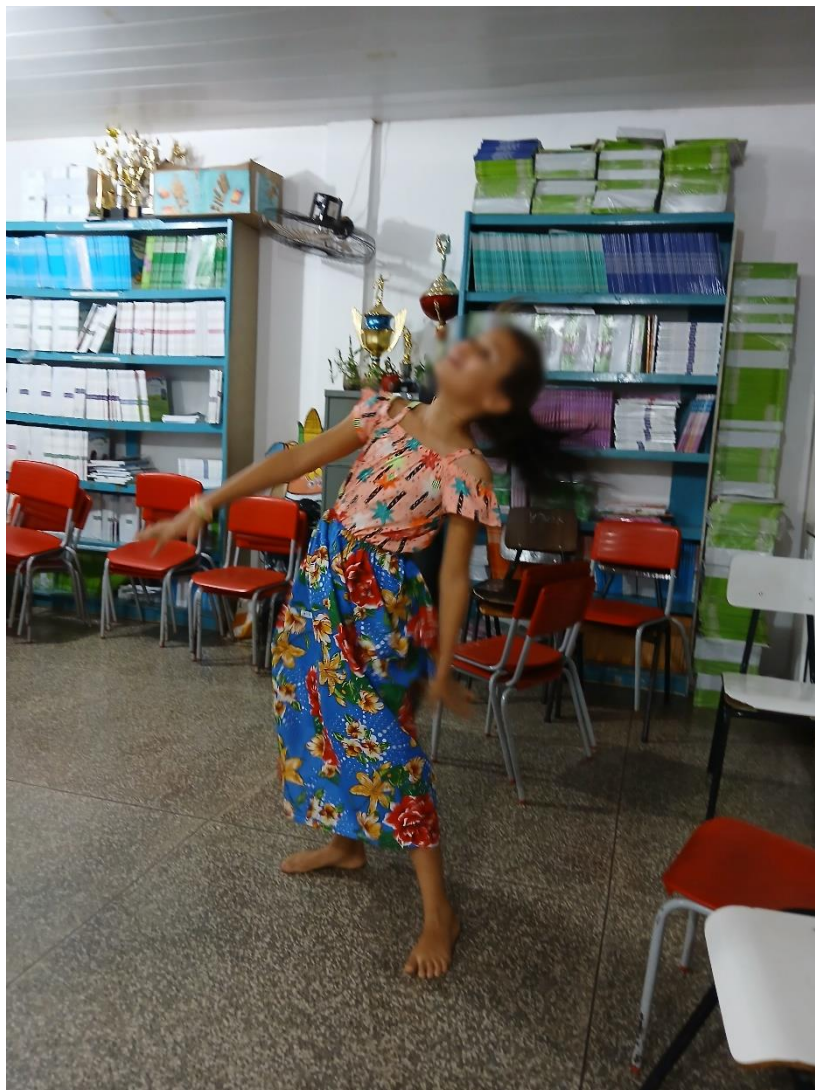


Imagem de participante das oficinas durante a prática da Intensão 3. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem dos participantes das oficinas durante a prática da Intensão 4. Fonte: Arquivo pessoal

É importante acrescentar que a presente divisão serve como ponto principal de cada bloco, tendo seus temas e experiências livres para se locomoverem entre as propostas, sem a obrigação de permanecerem apenas em um espaço, mas sim para que esta intenção seja o objetivo principal de cada período. Por exemplo, quando estávamos na

Intenção 1- Abrindo os caminhos, os passos básicos do Maracatu Rural já foram apresentados, e também desenvolvi atividades de criação coreográfica. Mas o objetivo da fase mencionada foi a ambientação dos corpos naquela nova dinâmica.

Vamos entender agora, o conteúdo prático que compõem a proposta de cada encontro. Sendo que este início se orientou em torno de uma proposta de desenvolvimento da sensibilização corporal, como estes corpos estavam se organizando para entender os impulsos e movimentações naturais que a jornada de cada uma traz e como os movimentos das danças afro-brasileiras reverberaram nestes corpos.

- **Sentir e deixar-se ser - Aquecimento**

Após a roda de conversa, partimos para a parte prática que favorecia uma sequência de exercícios de sensibilização, flexibilidade e mobilidade para que o corpo esteja apto a desenvolver movimentos de maior amplitude, com mais facilidade e segurança.

- **Nossos corpos no espaço**

Nesta parte das oficinas, propus exercícios de locomoção espacial com diversas propostas de movimentos, para que as meninas entendessem a partir da experiência daquele momento, como aquele corpo se locomove, quais são seus recursos mais acessados e como as trocas de experiências ocorrem ali.

- **Danças afro-brasileiras**

Com seus corpos aquecidos, sensibilizados, e um melhor entendimento dos limites e atribuições de suas habilidades, e um equilíbrio das tensões do convívio em grupo, encontro o momento pertinente para receber as técnicas das danças afro-brasileiras. Que para favorecer as expectativas da direção escolar optei a princípio por duas manifestações culturais afro-brasileiras que tendem a ocupar um lugar de prestígio e alegria no inconsciente de muitos brasileiros, o Maracatu e o Frevo.

Ambas as manifestações possuem grande complexidade técnica, e requerem anos de prática para a consolidação técnica dos movimentos, sendo escolhida para esta experiência os passos básicos tanto do Maracatu Nação¹⁵ e do Frevo¹⁶ para transmitir

¹⁵O Maracatu Nação é definido por Lima (2014) como uma complexa manifestação cultural afro-brasileira originada em Pernambuco na época colonial. Sustentada por todo arcabouço filosófico africano e composta por diversas expressões artísticas entre elas a dança, o canto, o toque dos instrumentos, carrega em sua representação histórias que simbolizam um cortejo real durante a coroação do Rei do

para as meninas. Usamos este momento também, para conhecer importantes mulheres referências nas danças negras, entre elas Mercedes Baptista, já mencionada no capítulo II, Inaicyra Falcão, Ingrid Silva, entre outras.

- **Aconchego** – Reencontro em roda

Para que nossos corpos se recomponham após tamanha entrega que as propostas anteriores demandaram, voltamos à roda, para nos concentrarmos na nossa respiração, nos sinais que nosso corpo manifestou e a seguir partilharmos as principais impressões proporcionadas pelo encontro do dia.

Compartilhamos a seguir as reflexões do trabalho de campo que compõem esta pesquisa.

Congo acompanhado por personagens responsáveis por celebrar sua ancestralidade, como o príncipe e princesa, duque e duquesa, vassalo, lanceiro, a dama do passo, a boneca Kalunga e as baianas.

¹⁶ Expressão cultural brasileira composta pela dança e pela música, que surge aos finais do século XIX, o frevo recebe esse nome a partir de suas manifestações na cidade de Pernambuco quando ocorria o encontro de dois ou mais grupos musicais aumentando a animação do público que os acompanhava, ocasionando um verdadeiro “fervo” no festejo local (Gehres; Brasileiro, 2014).



Capítulo 4

QUE NOTÍCIAS TRAZEM AS ÁGUAS



CAPÍTULO IV

QUE NOTÍCIAS TRAZEM ÁGUAS

Este capítulo tem o objetivo de apresentar as análises de dados que foram levantados de duas formas, a saber: A primeira, composta por três rodas de conversa realizada com as meninas e com mediação da professora/pesquisadora, a partir de temas previamente elaborados. A segunda, realizada a partir do diário de campo da professora/pesquisadora, no qual foram registrados diálogos, atitudes, percepções da pesquisadora ao longo de todas as oficinas. Assim, apresentaremos as categorias que a pesquisa foi revelando ao longo de sua execução para, então, discutir e relacionar os achados diante dos objetivos da presente pesquisa.

As temáticas de discussão tratados na roda de conversa e nos momentos de diálogos com o grupo foram estabelecidas a partir dos atravessamentos que vivenciei como um corpo negro na sociedade, expostos nos capítulos anteriores, acerca dos meus agenciamentos e negociações que estabeleci para meu acesso e permanência nos espaços hegemônicos, sobre a presença, impressões e possíveis inspirações deste corpo negro, hoje em dia como produtor de conhecimento.

A escolha deste tema se relaciona com o lugar de distanciamento que a sociedade hegemônica posiciona os estudos sobre África, sobretudo ao que concerne aos saberes legítimos produzidos pelas perspectivas de estudiosos africanos. Podemos encontrar no documento Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004) um conjunto de esforços organizados pelos movimentos negros brasileiros através dos tempos (Gomes, 2017), que enfatiza a urgência em divulgar no currículo escolar, as origens culturais africanas pelo viés de resistência e potência que envolvem a constituição do Brasil. Logo, ao incorporar-se estratégias como estas às práticas pedagógicas, pode-se vislumbrar uma aproximação à equidade epistemológica que questionará qualquer informação superficial ou conduta difamatória relacionada às culturas africanas (Noguera, 2012).

Ao iniciar a fase de campo, meu propósito girou em torno de estabelecer uma conexão positiva com o continente africano. Tanto um contato individual, como pesquisadora e pessoa exposta aos desafios da diáspora, como apresentá-lo para as crianças sob uma perspectiva que honrasse os valores culturais que a África compartilha com o nosso país.

Bispo (2023), se refere aos nossos ancestrais como aos que vieram antes, se relacionaram e conheceram os espaços em que hoje pisamos, como geração mãe e geração avó, pois a partir das lutas e estratégias dessas pessoas e seus saberes, temos nossos acessos mais leves e ricos. Então, sob as bênçãos deste importante membro de minha geração avó, Bispo (2023), intitulo o relato da segunda etapa das oficinas, pois o Mestre de saberes ancestrais quilombolas enfatiza que nossa caminhada, nossas contribuições e relações aqui nesta terra não tem fim, elas se confluem, se encontram com outros saberes, outros modos, se reelaboram e permanecem, esculpindo-se em movimento circulares e dinâmicos, que recusa a finitude e nos presenteia com a permanência, a continuidade.

Após 6 meses de convivência e aproximadamente 20 encontros apresentarei a seguir o material reunido ao lado das reflexões e suporte teórico que o envolve. Entre potentes referências e intelectuais que respaldam as discussões aqui compartilhadas, encontrei nos documentos 3 e 5 do livro “*O Quilombismo*”¹⁷ de Abdias Nascimento (2023), potentes posicionamentos que foram de grande auxílio na intensa elaboração que demandou esta sessão.

4.1 - O circular das experiências

Mediante a técnica mencionada e com base nos conteúdos reunidos, identificamos como pertinente analisar primeiramente o tema que conduziu nossa roda de conversa inicial sobre os entendimentos do grupo em relação à África, e entre temáticas e conteúdos evidenciados nos encontros, registrados no diário de campo estabelecemos três categorias.

A primeira categoria, denominada **Conhecimentos e Impressões sobre o continente africano**, foi composta pelos questionamentos a seguir: **1 - Vocês sabem onde fica a África? 2 - Vocês sabem o nome de algum país africano? 3 - Como são**

¹⁷ Oliveira (2019) descreve o Quilombismo como uma expressão de uma filosofia política afro-brasileira (afroperspectivista). Pois, visto que a população negra, ao longo da história, tem sido vítima de um sistema político que a posiciona nas margens dos acessos mais fundamentais para uma vida digna, o sistema hegemônico segue a estabelecer barreiras para seu silenciamento. A presente proposta surge, então, para reorientar e legitimar a agência, a memória cultural, intelectual e política da população negra. O filósofo apresentou estas diretrizes em um livro que teve sua primeira edição em 1980, e justifica as estratégias ali compartilhadas nas experiências de negligência para com a população negra propondo condutas de enfrentamento elaboradas a partir dos valores civilizatórios africanos e suas experiências desenvolvidas na diáspora.

as pessoas na África? 4 - Vocês gostariam de compartilhar algo que conhecem sobre o continente africano, 5 - Vocês conhecem alguma personalidade Negra? E 6 - Qual a cor da sua pele?

A segunda categoria, sob o título: **Vamos dançar! E assim a agência acontece**, se refere ao conceito principal desta pesquisa, a agência, conduzida pelo cenário que envolve esta experiência, a dança. As perguntas que compõem esta categoria são: **1- Mas não é balé? 2 - Quais as diferenças entre balé e as danças afro-brasileiras? 3 - O que vocês acharam dos meses que passamos juntas? 4 - Como foi se apresentar para escola? E, por fim, a 5- A gente combinamos de não morrer.**

A terceira categoria surge de uma impressão pessoal ocorrida fora do ambiente das oficinas, em nosso grupo do whatsapp, referenciada aqui como **Crenças e a Cosmovisão ocidental**, na qual uma mãe de aluna expôs sua insatisfação diante dos símbolos e músicas africanas, pois os mesmos a remetiam às referências da umbanda, categoria esta que se constituiu a partir de perguntas direcionadas às participantes e pela descrição de situações pertinentes ao debate. Sendo estas: **1- Sob as armadilhas do olhar, 2- Isso é Macumba? 3 - As danças dos Orixás e 4 - Sobre ser Invisível.**

A seguir, apresentaremos a análise detalhada dessas categorias, em paralelo com o referencial teórico estabelecido. Para preservar a identidade das crianças participantes, utilizamos nomes fictícios em toda a pesquisa.

4.2 Conhecimentos e Impressões sobre o continente africano



Imagem das participantes da pesquisa em uma roda de leitura sobre o continente africano. Fonte: Arquivo pessoal

Durante os quase dois anos fazendo parte de coletivos e grupos de pesquisa direcionados a investigar as filosofias africanas, encontrei pelo caminho diversas pessoas que assim como eu, apresentam amargas experiências no ambiente escolar, somos constantemente bombardeados com mensagens degradantes relacionadas à cultura negra, localizando-a apenas no período escravocrata.

É evidente o esforço em apagar nossas resistências pré colonização e nossos feitos anteriores, e ao reforçar apenas as narrativas de vitória e sucessos das populações não negras, provocam concepções degradantes sobre nosso próprio ser, afastando-nos do desejo e orgulho em produzir conteúdos com autonomia e valorizar nossa cultura, incentivando uma deslocada identificação com os valores que prezam pelo desaparecimento de nossas experiências. Confesso ainda, que somente ao iniciar minhas pesquisas na pós-graduação, senti a necessidade de buscar novamente o mapa e direcionar ao continente africano, o olhar de pertencimento e celebração ao conhecer cada país ali localizado.

Sendo assim, surgiu a necessidade de compreender em que momento o grupo com o qual trabalhei estava em relação a sua proximidade com o continente, por meio da pergunta trazida no início desta análise: *Vocês sabem onde fica a África?* A primeira resposta trazida foi de Ayana: “*Fica mais ou menos ao lado do Polo Norte*” os demais participantes do grupo pareceram estar de acordo com a localização proposta pela colega. Partindo da premissa que o grupo em questão está situado em uma faixa etária que ainda não recebe conteúdos formais da disciplina de Geografia, vamos nos concentrar em outros aspectos que não juízos de valor acerca dos conteúdos escolares.

O encontro com esta resposta suscitou uma reflexão a respeito de aspectos associados à distância, quando crianças muitas vezes nos expressamos desta forma, “longe igual ao Polo Norte”, ou “lá no Japão”. Muito embora o distanciamento geográfico entre o Brasil e o continente africano seja legítimo, esta expressão também por ser lida pelo viés do distanciamento cultural, tornando evidente o sucesso experimentado pelo ocidente em suas tentativas de romper os laços da população africana com o seu berço civilizatório.

O que destaca que o horror causado pela separação física, geográfica e cultural experienciada por nós negros durante o período escravocrata permanece até os dias de hoje, sendo que para confrontar estruturas tão robustas se faz urgente o incentivo ao debate dessas questões ao lado da disponibilização de referências afrocentradas tanto nos currículos escolares, como nos núcleos familiares, para que estas se façam conhecidas, consideradas e divulgadas nos diversos ambientes da sociedade (Noguera, 2019).

Mazama (2019), aponta o desinteresse das instituições de pesquisa em investigar as barreiras vivenciadas pela população negra estadunidense ao que concerne a seus interesses e desafios educacionais. A autora ressalta que os dados apresentados nas pesquisas são obtidos apenas sob a perspectiva da população branca, o que posiciona o negro como um mero reprodutor dos interesses e costumes desta cultura hegemônica. O presente cenário evidencia os esforços na manutenção de uma supremacia, ao limitar-se a envolver-se somente com conteúdos pertinentes às suas preferências, desconsiderando as especificidades das demais populações que também constituem e contribuem para o desenvolvimento da sociedade.

Carone e Bento (2002) relatam a grande dedicação da sociedade em estruturar um cenário para dissimular que esforços estão sendo feitos, e assim garantir a manutenção dos acessos e benefícios da sociedade hegemônica. Pois organiza os

espaços com tamanha escassez e submissão, reforça o status de dependência da população negra e permanece com sua imagem de bem feitoria inquestionável. A partir do desenvolvimento de políticas públicas, que além de não abarcar questões fundamentais para o avanço digno da população negra, como saúde e educação, ainda oferecem barreiras para que a mesma se distraia e se perca em meio de tantos símbolos e exigências que os afastam de suas reais necessidades, sob a condição de obter míseras migalhas de aceitação e respeito.

Para entender este distanciamento resolvi continuar com questionamentos para entender os encontros de cada um com a África, por meio da seguinte questão: *Quem sabe o nome de algum país africano?* Ayana, responde: “Roma e Grécia” como países africanos. Confusões na diferenciação entre países e capitais, à parte, o que me chamou a atenção neste retorno pode ser considerada uma consequência do afastamento cultural mencionado no relato anterior. A aproximação excessiva da cultura eurocêntrica, que permeia o subconsciente da nossa população.

Sabendo que muitas dessas perspectivas são legitimadas pelo ambiente escolar, este ambiente se revela como um espaço hostil e problemático, sobretudo por receber diariamente incontáveis crianças negras, expondo-as a conteúdos fundamentados em uma perspectiva distorcida das contribuições africanas para as sociedades, com o objetivo de legitimar “a brancura como norma ideal universal” (Mazama, 2019, p. 38).

Os nomes citados não demonstram um conhecimento em geografia, como já foi apresentado pelo período escolar, entretanto, demonstra que as palavras que permeiam os contextos em que as meninas estão inseridas repetem nomes de cidades e países europeus a ponto de elas memorizarem e reproduzirem quando questionadas. Assim, as informações que circulam em espaços diversos (família, mídia, amigos) e são legitimadas e consolidadas por estes, favorecem o distanciamento e apagamento de informações relacionadas à cultura africana, estão para além de conhecimentos em geografia. Podendo ser facilmente identificado nas falas das meninas, quando elas nos trazem os nomes de países ou localidades do continente europeu, sem ter entrado em contato ainda com este conteúdo na escola. Logo, as compartilhadas informações circulam em espaços diversos (família, mídia, amigos) e são legitimadas e consolidadas por estes, favorecendo o distanciamento e apagamento de informações deste caráter, porém relacionadas à cultura africana.

Sobre esta questão, podemos constatar como a localização psicológica da população negra se encontra, ainda ao considerar somente expressões de ser

eurocênticas, perde-se de conhecer as riquezas de outras experiências de vida, que poderiam ser muito ricas neste momento de subjetivação situado na infância. A agência provocada por esta perspectiva única conduz a população negra a constantemente movimentar seus interesses em relação à cultura ocidental, como por exemplo, expressar curiosidade em conhecer pontos turísticos como a Torre Eiffel, ao invés de países africanos (Mazama, 2019).

Biko (1990) reflete acerca deste empenho que a sociedade eurocêntrica tem reunido através dos tempos no objetivo de arruinar qualquer expressão da população negra, sobretudo as que resistem em manter os laços com o que puderam preservar de sua cultura. Adicionada a esta conduta, o autor também relata as investidas em estimular um ambiente de rivalidade entre os próprios negros, por meio da falsa aceitação de certos grupos, dissimulando uma integração que só é aplicada ao que lhes convém, jogando-nos uns contra os outros e estabelecendo uma confusão que contribui para o exercício de uma agência desorientada, como se o indivíduo fosse uma extensão de seus interesses e ambições, mas sem a permissão de usufruir dos benefícios alcançados. Portanto, a localização psicológica do indivíduo é responsável por conduzir suas ações, sem a necessidade de qualquer dependência ou tutela de sua performance, ocorrendo em prol e a favor de sua autonomia (Asante 2014).

Lembrando que não estou problematizando ou querendo concentrar os desejos da população negra somente em suas manifestações, o que questiono é a expressão de escolhas evidentemente induzidas por uma série de opressões e imposições partidas da cultura eurocêntrica facilmente identificadas ao longo da história.

Ocorrência constante quando se questiona os conhecimentos da população em geral acerca do continente africano, a associação a animais selvagens e ao primitivo também se confirma no trabalho de campo. A questão apresentada foi: *Como são as pessoas na África?* Jamla responde: *“Acho que as pessoas usam saia de folha”*, Nala complementa: *“Eu acho que a roupa deles é feita de pêlo de animal”*, seguido da Dandara: *“Eu acho que é pele de animal”*.

Mudimbe (2013) aponta as associações da população africana ao primitivo durante o iluminismo, quando diversas correntes científicas como a antropologia e a sociologia se encontraram na missão em estabelecer uma referência de comparação intelectual para contrapor suas experiências, localizando o que não fosse compatível com as práticas ocidentais neste termo. O relato acima se encontra primeiramente com

as reflexões de Mbembe (2001) quando o autor relata o estigma e o essencialismo no qual posicionam as complexas manifestações filosóficas africanas, e seus agentes, mencionando a constante tentativa de aprisionar tais saberes no lugar do folclórico, exótico, específico.

No entanto, é importante também trazer ao debate as referências de animalização que acompanharam as populações negras para justificar as atrocidades cometidas com as mesmas as custas de sua desumanização. Biko (1990) destaca as distorções a respeito das histórias e narrativas das populações negras encontradas nas perspectivas ocidentais, incentivando assim desgastes profundos na imagem destas pessoas e justificando a posição de desconfiança e dependência com as mesas. Sobre esta visão primitiva e selvagem, nas palavras do autor:

Deliberadamente eles paralisaram nossa cultura no estágio tribal, para perpetuar o mito de que os africanos eram quase canibais, sem ambições autênticas na vida, e preocupados apenas com sexo e bebidas. (Biko, 1990, p. 89)

Logo, não é de se espantar que em meio a ações como estas, nossas crianças instintivamente prezem em se proteger e se afastar de serem relacionadas com estas imagens, e com quaisquer referências que as relacione com esta degradante perspectiva. Circunstâncias que merecem as devidas releituras e atenção para que estas concepções sejam urgentemente reestruturadas a partir das reais vivências dos próprios representantes desta cultura, para que estas narrativas sejam divulgadas, reconhecidas e validadas pela sociedade.

As categorias de análise foram revisitadas em distintos momentos das oficinas, permitindo uma abordagem mais profunda e abrangente do tema, a partir de diferentes perspectivas. O processo em questão foi igualmente registrado em um diário de campo e quando rodas de conversa, registro de áudio seguido de transcrição. Sendo assim, no mesmo campo de seus entendimentos prévios acerca da localização geográfica do continente africano, países, distância, etc, apresentei o seguinte questionamento: “ *Vocês gostariam de compartilhar algo que se lembram sobre o continente africano?* Para entender, assim, a intensidade da presença das representações africanas em seus imaginários. A presente questão aparece agora, após participarem das oficinas de danças populares brasileiras, sobretudo as danças de matriz africana, será que elas se lembravam de algo mais sobre o continente?

Badu disse: “ *África é muito longe e o Maracatu que aprendemos vem do Nordeste.* ” Ainda envolvidas com a mesma distância geográfica que apresentaram no início dos nossos encontros, e apesar das dádivas referências acerca das origens do Maracatu e os motivos mercantis que levaram a maior ocorrência da população negra na região nordeste, as informações estereotipadas se mantêm.

As danças, as músicas, a culinária, os costumes, as vestimentas e diversas condutas da população brasileira fazem parte do espectro ritualístico das culturas africanas no Brasil, no entanto, a questão que parece assombrar o caráter hegemônico é o receio que tanto sentido e coerência presente nesses saberes atraíam adeptos e incitem questionamentos que venham a desequilibrar as forças supremacistas (Nascimento, 2023). Logo, para o devido reconhecimento da importante relação existente entre o continente africano e o Brasil, que questione crenças estrategicamente consolidadas, é necessário um posicionamento responsável da comunidade escolar, que considere a problemática aqui citada como insustentável e busque de fato estratégias efetivas para sua superação.

A notável criação de estigmas e a consolidação de perspectivas difamatórias que provocam esta desorientação que pudemos observar em Badu acerca das informações associadas ao continente africano, apesar da devida referência às origens e aos agentes destas manifestações terem sido salientadas durante nossos encontros, são aspectos que demonstram a fragilidade de esforços individuais, o que torna a mudança da concepção necessária mais distante da realidade.

Ao acessarmos outras condutas determinadas a fomentar o acesso às informações autênticas e de caráter afirmativo sobre o continente africano, também nos deparamos com o mesmo senso comum relatado no início das análises, do primitivo, do selvagem e distante.

Salerno e Santos (2025), ao proporcionarem momentos em suas aulas de educação física que contemplaram experiências com os jogos africanos, descrevem que durante uma conversa prévia para compreenderem o posicionamento da África nos imaginários das crianças, de faixa etária entre 7 e 10 anos, estas se baseiam nas notícias que circulavam nas mídias de comunicação, sobretudo televisão. Que se organizavam em torno da falta de recursos como água potável e condições de vida sub-humana, falta de alimentos e saneamento básico, sendo que a única informação não relacionada com

meios deploráveis de existência, se localizava nos personagens do filme *Madagascar 3*, que estava em evidência nos cinemas no ano de 2012, ano em que a pesquisa foi realizada. Ou seja, os esforços em consolidar as imagens do continente africano nas diferenças culturais que foram interpretadas e estigmatizadas em atraso, submissão e ignorância permanecem e se reestruturam com o passar dos anos sem maiores problemas.

A partir das perspectivas acima compartilhadas, que posicionaram o continente africano como um lugar distante, sem relações próximas com a dinâmica cotidiana das participantes da pesquisa, busquei conduzi-las a identificar personalidades e referências negras brasileiras ou fora da diáspora africana, que elas tinham alguma afinidade, admiração.

Concepções que confrontassem este cenário e contribuíssem com a desvinculação da população em questão, do selvagem e primitivo apresentado no início das atividades, este questionamento foi feito a partir da pergunta: “*Vocês conhecem alguma personalidade negra? Da TV, música, internet?* ” Badu respondeu: “*Gilberto Gil, Pelé, Zumbi dos Palmares.* ” As demais participantes lembraram das bailarinas que conhecemos durante as oficinas, mas não os nomes de Mercedes Baptista e Ingrid Silva. Badu localiza suas referências nas artes e no esporte, sendo todos do gênero masculino, e devido a esta roda de conversa ter sido realizada no mês de novembro, a menção do Zumbi dos Palmares se faz oportuna, já que na escola estavam começando as propostas referentes à semana da “Consciência Negra”.

A partir desses relatos pude identificar duas questões. A primeira se evidencia devido a necessidade de interpretação por meio de uma análise interseccional, devido às complexidades particulares pertencentes em cada marcador, que para esta discussão acessamos a raça e o gênero. A raça é mobilizada pelas poucas referências trazidas pelas meninas, consequências fortes do apagamento e difamação direcionada aos feitos africanos, elucidado nos parágrafos a seguir, pelo intelectual Abdias Nascimento.

Nascimento (2023) descreve os primeiros esforços dos colonizadores portugueses para sumir com os registros sobre a chegada dos negros no Brasil. Como incêndios e os desaparecimentos de documentos importantes, com o objetivo de esconder o notável caráter criminoso dessas operações que capturaram pessoas negras do continente os fazendo passar por desumanas condições, desde o transporte até a

chegada sendo recebidos por péssimas condições de sobrevivência. O autor denuncia também a doentia conduta em se abster das narrativas influentes que essas populações tiveram e têm sobre a construção do Brasil, omitindo fatos e personalidades importantes. Que deveriam estar presentes nos conteúdos escolares.

O negro não tinha permissão para uma presença digna dos bancos escolares nem como aluno muito menos como sujeito protagonistas de diversos feitos históricos a perspectiva do colonizador é a única que deve ser divulgada a imagem de submissão gerada pelo período escravocrata que colocava o negro como incapaz de se defender e pela omissão de seus momentos de resistência foi amplamente divulgada e legitimada retratando - os como incapazes de articular se em direção à sua liberdade, portanto então merecedora deste destino deplorável.

Em janeiro de 2003, quando o governo sancionou a lei 10639/03 (Brasil, 2003) que determina a obrigação do ensino da cultura africana nos conteúdos educacionais, uma notável esperança tomou conta daqueles que há tempos já desenvolviam estratégias sofisticadas para a divulgação de seus valiosos saberes. Apesar deste progresso, a história nos mostrava que as implementações dessas diretrizes não seriam facilitadas pelos órgãos reguladores apesar da necessidade e presença de uma lei. São diversas questões e interesses das instituições de ensino e da sociedade que orientam a circulação desses conhecimentos, que por questões já discutidas nesta dissertação, não são do interesse do sistema hegemônico.

Ainda nos debruçando sobre a análise interseccional proposta, acessamos o gênero feminino que tende a estar mais suscetível a esquecimentos e submissões, que apareceram nos relatos por meio da discreta menção das bailarinas negras que estudamos. Apesar de serem nomes constantemente presentes nas aulas, eles não foram lembrados. Akotirene (2020), descreve a constante esquiva ocidental para considerar as identidades negras, que interseccionada com a herança patriarcal atinge sobretudo as mulheres. No entanto, apesar dos nomes não terem alcançado as lembranças próximas das meninas, pode -se perceber um tensionamento na tentativa de pagamento dessas epistemologias. Oportunizado por este breve espaço onde pudemos nos encontrar com debates que envolvem as questões étnico raciais.

Observamos então que a presença do desconforto relacionado a consciência racial é uma evidência no cotidiano da população negra, e comigo não foi diferente. A questão despontou em minha vida de fora para dentro, e infelizmente, naquela época eu

não estava blindada pelos caminhos potentes das populações negras, seus saberes, conquistas, desafios e resistências. A cor de minha pele mobilizava a ambição e crueldade da sociedade ocidental, com olhares que em um vasto imaginário social, tentavam me posicionar e determinar minhas aspirações.

Conclusões acerca de minha personalidade, classe social, instrução educacional e vislumbres futuros relacionados ao mercado de trabalho. Ouvi diversas vezes de colegas próximas durante a infância: “*Você nem é tão negra.*” Apesar do mal-estar que se instaurava em mim após falas preconceituosas como essas disfarçadas de elogios, as relações continuavam sustentadas pelas migalhas de aceitação. Perspectivas intrusivas que me conduziram e traçaram um caminho que me distanciou de saberes civilizatórios valiosos e fundantes. Já estava tudo pré-estabelecido, e a mim caberia me ajustar.

Dialogar sobre Cor/Raça não é uma tarefa confortável para pessoas negras, mesmo porque, se estamos marcados, se aparecemos geralmente não é para sermos reconhecidos como agentes. É uma conduta carregada de estigmas e defesas instauradas em nossa sociedade. Para Nogueira (2023), a categorização dos seres humanos conspira a favor do fortalecimento dos interesses etnocêntricos das civilizações dominantes.

A convivência prolongada com o grupo propiciou um espaço para reflexões mais aprofundadas sobre a temática cor/raça, no qual pudemos ampliar coletivamente nossos entendimentos e posicionamentos acerca destas questões. E apesar de reconhecer os desafios, fui adiante para entender as perspectivas das participantes desta pesquisa, meninas negras do interior de Mato Grosso do Sul, acerca desta temática. Iniciei a conversa questionando sobre a cor de suas peles, ponderei sobre a diversidade de tonalidades, compartilhei minha experiência na infância quando consideravam o lápis na tonalidade salmão como sendo cor de pele, subtraindo qualquer outra possibilidade legítima fora da branquitude, e fui escutando suas contribuições. Estariam elas fortalecidas e conscientes acerca da questão da raça? Da cor de sua pele? Quais eram suas percepções?

Badu iniciou falando da cor de seu pai, “*Meu pai é negro*”, disse ela. Nala afirmou “*ser mesclada.*” Questionei o que seria mesclada e ela falou que era misturada, nem branca nem negra e com tonalidades do corpo mais claras ou mais escuras, como o interior de nossos braços, exemplificou ela. Após esta constatação todas as demais se declararam mescladas, menos Dandara, que disse não saber o que era. Jamla disse nunca ter pensado nisso, e também não sabia. Zuri não falou qual cor era, mas relatou haver

encontrado com pessoas com manchas brancas no rosto. Me coloquei por último para não tendenciar nenhuma resposta, me declarando negra.

Para compor este momento e torná-lo mais confortável, após cada uma se expressar inicialmente, abrimos uma roda de leitura com o livro “ Nossas Cores - Celebre o ser único que você é” (Rivera, 2022). O livro é uma tradução da editora Happy Books , que apresenta um conteúdo lúdico, interativo sensorial, visual e também uma linguagem que incentiva o diálogo e a reflexão. A publicação em questão apresenta falas que dignificam as particularidades e diferenças de cada um, de modo que a criança se sinta única, importante e contemplada pelas descrições e ilustrações ali dispostas. Características que incentivam sensações de autonomia e pertencimento, práticas que não me foram apresentadas nos bancos escolares durante a infância. Após cada uma identificar as cores de suas peles no livro, entre outras diferenças, Dandara se sentiu à vontade para se posicionar, e falou eu sou pretinha, pretinha, esticando os braços, olhando para si.



Imagem dos participantes da pesquisa durante a roda de leitura do livro “ Nossas Cores - Celebre o ser único que você é”. Fonte: Arquivo pessoal.

Asante (2009) nos ajuda a refletir acerca dessas questões a partir da categoria localização psicológica, encontrado na obra Afrocentricidade: A teoria de Mudança Social, citada no primeiro capítulo desta dissertação. Ponto este que discute as questões ambientais que envolvem a subjetivação do indivíduo negro. As influências de situações diversas e perspectivas em sua existência e se estas estão operando a favor de sua autonomia, ou o distanciando dela, se seus interesses estão no centro, ou às margens.

Sendo assim, me propus a entender quais questões mobilizadas pela raça estariam emergindo em suas experiências, como elas estão posicionadas neste contexto.

Apesar de ser um conteúdo denso para adultos que já enfrentaram diversos incômodos permeados pela discriminação racial, as perspectivas das crianças podem nos apresentar possibilidades mais suaves e aconchegantes, sem desconsiderar possíveis angústias que podem envolver esta temática. Badu, uma menina negra de pele clara, reconheceu em seu pai a raça negra, mas não em si.

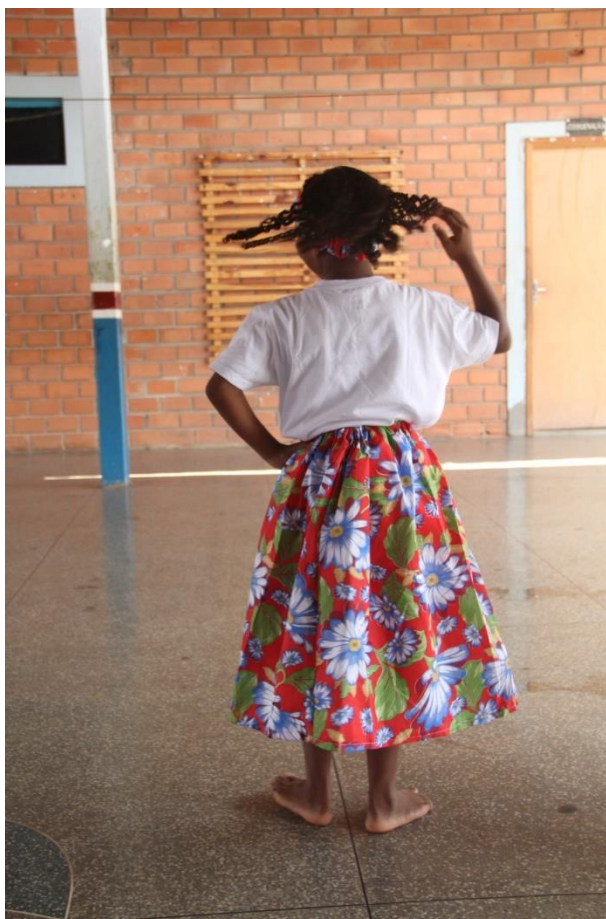


Imagem de uma participante do grupo durante nossa sessão de fotos. Fonte: Arquivo pessoal.

Fotógrafa: Jaqueline Coelho Castro

Asante (2009) aborda a importância do lugar epistemológico da população negra. Badu apesar de reconhecer seu pai como negro, e ter traços fenotípicos compatíveis com a raça em questão, não se entende como parte. E este evento se dá devido ao afastamento das populações afro-brasileiras de suas histórias, de suas agências, de suas imagens e símbolos valiosos. Somente associados ao contexto de submissão a escravidão, pois nem os momentos de resistência como a história do quilombo dos Palmares, modelo de civilização afro diaspórica que se organizou e triunfou durante um século, não nos é apresentada. Logo, por uma questão de

permanência minimamente digna, ser identificado como negro pode ser motivo de orgulho (Nogueira, 2023).

No entanto, entender-se como pessoa negra está para além da aparência e do histórico envolto por crueldades e violências, a presente noção se instala quando o indivíduo percebe as manobras da sociedade que favorecem a sua submissão em paralelo com um falso pertencimento elaborado pela dissimulação de referências fragmentadas para manutenção destas respostas alienadas (Souza, 2021). Ao contrário da descrição de Nala sobre ser mesclada, que estabelece a agência de nomear-se e ir contra o sistema eurocêntrico que identifica, classifica e segrega. Não é morena, nem mulata, para ela é mesclada.

Jamla tem fortes traços indígenas, e admitiu nunca ter se questionado sobre o assunto. Na publicação as crianças notaram uma ilustração de uma menina com vitiligo o que confirmou a fala de Zuri sobre as pessoas com manchas brancas no rosto. Dandara é uma menina negra, retinta, que até o momento dizia não saber que cor era, ao final demonstra orgulho pertencimento ao se declarar negra. Souza (2021) destaca a importância em se apropriar de suas características, sejam potencialidades ou aspectos a se elaborar, mas que esteja envolto de si, de suas perspectivas de seu discurso. Logo, ao entender-se como pretinha, ao olhar-se para si com tal estima, se fortalecem as estruturas para o enfrentamento dos que não estiverem de acordo com tamanha autonomia.

4.2. Vamos dançar - Mas não é balé? E assim a agência acontece

O início de nossas aulas aconteceu a partir de uma roda de conversa, e em um dia em especial me interessei em entender como aquelas crianças receberam a notícia que a escola ofereceria aulas de danças afro-brasileiras. Nala disse que a diretora entrou na sala e fez a seguinte pergunta: “*Quem gosta de dançar?* ” E, segundo a aluna, todas as meninas responderam que sim e se empolgaram. A diretora as entregou um bilhete com as informações e ao lerem que seriam danças afro-brasileiras, a animação deu lugar ao estranhamento e poucas meninas resolveram se inscrever para participar das oficinas. Perguntei para elas qual motivo elas atribuem o afastamento das meninas a esta atividade? Badu relatou que as meninas estavam esperando que as oficinas fossem de balé.

Como debatemos no capítulo 2, a nossa sociedade está habituada a valorizar as manifestações culturais eurocêntricas, no entanto, associo também este desejo apresentado pelas meninas às experiências que são negadas a certas classes sociais, pois o balé está associado a escolas privadas, acessadas por famílias que dispõem de uma situação financeira robusta, não associada à realidade das crianças de escolas públicas. Assim, ao ter uma oportunidade de iniciativas sociais ou de melhora nas finanças, os pais tendem a investir e proporcionar estas vivências sob a crença de estarem pertencentes a um grupo seletivo, especial, valorizado.

Motta (2021) mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Brasília (UNB), pesquisadora intensamente presente nesta dissertação devido a semelhanças em nossas trajetórias identificadas pela raça e pelo ingresso em uma escola de balé durante a infância fundamentada no mesmo método de ensino em que me especializei, por exemplo, compartilha o objetivo de sua mãe ao colocá-la nas aulas de balé para que sua filha acessasse as qualidades de prestígio social relacionadas com a modalidade e estava constantemente vigilante acerca de suas condutas e modo de se portar em público. A autora relata que sua mãe dizia: “ Já é preta, não pode dar motivos para ninguém falar” (Motta, 2021, p. 10).

Diante do exposto, fiquei inclinada a entender então, o que moveu as meninas que estavam ali a se posicionarem de maneira diferente, apesar das aspirações de notoriedade e mobilização social depositadas no balé clássico. Ayana, então, falou que como não conhecia este tipo de dança gostaria de passar pela experiência, já Hanna disse que queria conhecer e que precisou insistir para mãe autorizar, pois as aulas foram no mesmo dia da igreja e outros compromissos, mas ela conseguiu.

A partir deste relato entendemos que o exercício da agência negra pode ser identificado nas diversas experimentações e vivências culturais, seja de movimentação em grupo ou individuais, quando os corpos e corpas, centralizam seus desejos e expressões e se posicionam como protagonistas nos mais diversos espaços. Ao assumir a descrita conduta e ao se relacionar com as situações externas a partir de sua própria perspectiva, o indivíduo/coletivo não permite mais ser nomeado e definido pelo imaginário que as noções eurocêntricas os colocam, o que favorece e fortalece o acesso e a ocupação de espaços dignos com trocas culturais significativas (Motta, 2021). Percebe-se, assim, o esforço e o sucesso de Hanna ao ter seu desejo considerado por sua mãe.

Compreende-se, então, a partir de Motta (2021), que por exercício de uma agência satisfatória para a população negra, entende-se que a mesma deve estar conectada com os valores filosóficos das suas origens, que orientam, incentivam e protegem os seus de acordo com os caminhos ancestrais acerca do que contribuiu para a permanência digna do grupo em questão. Resultando, assim, em uma perspectiva que envolva seus interesses, sem a interferência de quaisquer influências de caráter impositivos que violam a autonomia, questionando a humanidade dos mesmos. Nas palavras da autora segue o importante trecho abaixo:

Agência diz respeito ao uso dos potenciais intelectuais, psicológicos, sensíveis e culturais para que a sujeita/o sujeito seja capaz de agir e transformar realidades, influenciando ativamente em contextos singulares e sociais (Motta, 2021, p. 2813).

Diante do exposto, podemos observar que a decisão destas meninas em ultrapassar as barreiras impostas pelo ocidente, tanto por ir contra ao senso comum que valoriza apenas as culturas eurocêntricas, a constatação notável de agenciamentos que se apresentam por meio da auto permissão em conhecer e experimentar algo diante da oportunidade e também nas negociações com os pais para se entender parte das manifestações afro-brasileiras.

Mantendo o fio condutor desta experiência, a dança, agora em diálogos após o início das atividades, inseri no debate a seguinte questão: *“Por que vocês acham que morando no Brasil, nós que somos descendentes dos indígenas e dos africanos também, os povos originários do povo brasileiro, não conhecemos muito as danças destas populações, sobretudo as danças das populações africanas? Por que vocês acham que isso acontece?”* Ayana disse: *“Eu acho que eles não pesquisam muito isso na internet. A gente não pesquisa. Porque a internet só posta coisa brasileira. Aqui é o Brasil.”* Badu diz: *“Eu não sei muito, mas eles são um pouco distantes de nós. Eles são como os ciganos. Eles não são muito próximos a nós. A África, ela fica também um pouco longe daqui. E eles não têm muito contato com o Brasil. Então, não tem como muito.”*

A partir de Nascimento (2023), o presente relato salienta a autoridade das barreiras construídas pelo processo colonial para afastar o Brasil do continente africano, as violentas estratégias para dissociar a própria população negra de suas origens e conexão com África demonstra a eficácia deste projeto composto por constantes investidas no esvaziamento da autonomia de pessoas que já estavam devidamente fragilizadas por todo o processo de escravização.

Com o objetivo de distanciar-se do caráter submisso e desumano deste período, as referências anteriores relacionadas ao surgimento da humanidade e aos grandes feitos das civilizações africanas dão lugar um buraco, um abismo. Esta lacuna só pode ser preenchida pelo pertencimento, pela legitimação como ser, que é rapidamente substituída pela imposição das intenções e valores do colonizador, que as estabelece como norma, como condição para este reconhecimento. O que segue a impedir bloquear os acessos necessários para esta aproximação e reconhecimento cultural.

No início das oficinas, questionei a turma em relação a experiências dançantes anteriores, quais elas já teriam. Conforme o relato das análises anteriores, a maioria relatou já ter feito aulas de balé e que esperavam que estas oficinas de dança fossem contemplar esta vertente. Após alguns meses as envolvendo somente em conteúdos referentes às danças de matriz africana, resolvi apresentar uma aula de balé, para verificar quais as suas proximidades com esta dança. Trouxe movimentos básicos de aquecimento e alongamento, alguns de locomoção, como corridas e giros, para desafiar alguns saltos e finalizei com um momento de dança livre com músicas instrumentais de orquestra europeia.

Após esta aula quis saber quais diferenças elas perceberam entre as danças afro-brasileiras e o balé clássico. Badu disse: *“As danças afro-brasileiras têm mais toque na música, tambor, batidas e o balé é mais clássico. Os movimentos são mais calmos, concentrados.”*

Completo dizendo: *“As danças afro trazem vários movimentos diferentes. Como é que eu posso falar? São vários movimentos que quase a gente nunca vê. São culturas. Culturas diferentes. Músicas diferentes. Tem muitas culturas que dançam isso, mas que a gente não é muito próximo.”* Segui a conversa com a pergunta: *“E vocês acham que o balé é mais conhecido que as danças africanas?”* Badu diz: *“Sim. Sim. O balé aparece mais que as danças de outros países, danças africanas. É por isso que a gente não conhece muito, porque a gente presta mais atenção no balé.”*

Nogueira (2023) apresenta a reflexão de Carvalho (1997) que enfatiza o empenho etnocentrista que elege uma norma sociocultural e se dedica a reduzir e dizimar diferentes culturas. Logo, a familiaridade das crianças e minha também, com uma manifestação tão distante de nossas origens, se torna natural e muitas vezes inquestionável. Prestamos mais atenção nos conteúdos determinados pelo sistema.

Para ter um retorno acerca de suas expectativas associadas às oficinas, perguntei então o que elas acharam desses meses que passamos juntas, dançando. Jamla disse, “A

dança é demais. Mudou a postura, a autoestima. Maravilhoso. Eu posso mostrar isso para o mundo inteiro e para os meus irmãos”. Ayana disse no começo ser difícil, mas depois começou a pegar o jeitinho, e que ficou bem mais fácil e que a dança proporcionou respiração e concentração.

Podemos considerar o corpo como principal meio de experimentações e acessos pelos quais nos comunicamos, seja com nós mesmos, seja com as vivências exteriores. Ele nos aproxima por nos fornece experiências diversas que serão agregadas ou não ao nosso comportamento. Sendo responsável por identificar momentos de rejeição ou pertença que irão sustentar e constituir nossas ambições futuras (Sabino; Lody, 2021).

Ayana relatou que achou interessante e que nunca soube que esta cultura existia. *“Achei legal, ”* disse. Ayana está no 5º ano do ensino fundamental, e provavelmente só se relacionou com as narrativas degradantes associadas à escravidão da população negra. Mesmo durante o período de cativo, a cultura, os saberes e momentos de alegria foram determinantes para a permanência digna desta população, mas esta perspectiva não é devidamente relatada dentro da escola. Nogueira (2023) aborda o conceito do racismo epistêmico, no qual saberes que não correspondem aos objetivos de dominação da cultura hegemônica, são apagados e afastados dos espaços de divulgação de conhecimentos.

Outro momento marcante foi a apresentação que fizemos para os alunos da escola na semana da criança. Foi uma oportunidade de levarmos um pouco da cultura afro-brasileira para os demais alunos da escola. Quis saber então delas, como elas se sentiram se apresentando em público.

Dandara falou que sentiu vergonha, que ficou com medo de errar, mas que quando ela viu já havia terminado. Perguntei se elas gostariam de se apresentar novamente e Ayana sugeriu levarmos nossa apresentação para outras escolas e Jamla disse que deveríamos ir para fora do Brasil, pois outras pessoas também iriam aprender, achar interessante e que a música era alegre.

O receio de Dandara pode ser relacionado aos modelos rígidos exigidos pela cultura ocidental e quem envolve grande parte das instituições de ensino. Não há espaço para dialogar com as adversidades, para se relacionar com o inesperado e, como ensina um conto de Exu, orixá relacionado à aspectos de comunicação, muita ação energia de troca, transformar o erro em acerto (Rufino, 2019).



Imagem das participantes da pesquisa no dia da apresentação na escola. Fonte: Arquivo pessoal

É curioso como o ocidente se relaciona com o tempo. Na idade adulta, o momento presente tende a representar sensações de desconforto e insatisfação constantes, sempre em busca das qualidades de êxito e sucesso habitadas no futuro. Bem longe dali, e que poderiam de repente, serem obtidas com o abraçar da presença e do contemplar que o agora pode nos proporcionar. Urgências e antecipações que nos impedem de entrar em contato com grandiosas simplicidades do presente, como o de experimentar ser o que se é naquele momento, sem muitas pretensões, livre para experimentar e se conhecer.

Na infância, um período em que muitos de nós, quando com nossos direitos garantidos, pudemos vivenciar, sem preocupações, os momentos de brincadeira, estudo, sono, guloseimas e carinhos, assim que demonstramos alguma afinidade com as atividades do mundo adulto, nossa aparente tranquilidade chega ao fim com o questionamento: “*O que você quer ser quando crescer?*”. A minha resposta estava sempre na ponta da língua: “*Escritora e modelo*”.

Escritora por ter criado o hábito desde que fui alfabetizada a registrar minha rotina em um diário. Tive inúmeros até a idade adulta, colocava tudo no papel, até o que

não fazia parte da realidade, mas quando eu relia, sentia como se fosse. Mas e modelo? Bom, os anos 1990 não são para amadores, não é mesmo? Ainda longe da estratégia de utilizar o balé clássico para me moldar em uma figura com maior aceitação pela sociedade, conforme descrito na experiência de Motta (2021), o que eu percebia que recebia a validação, o acolhimento e o pertencimento que eu tinha somente em casa, mas não correspondia com os olhares de fora, era a beleza. Mal sabia eu, das rígidas exigências que balizariam meu ingresso para este seleto grupo. Eu poderia emagrecer, alisar o cabelo, colocar lentes, fazer tratamentos estéticos, mas a minha cor chegou primeiro e quando não fechava as portas, deixava entreaberta para os olhares perversos que muitas vezes me davam esperança.

Resolvi então, ao início de nossas atividades questioná-las sobre suas aspirações futuras, com profissões que se identificavam. E as respostas ficaram em torno do ofício de policial, quase de forma unânime. Em uma escola pública da periferia, a maioria das crianças, que em sua maioria são negras, vivenciam situações de insegurança e violência que impulsionam um senso de responsabilidade precoce, um desejo pelo poder, pela ordem, pela resolução que está altamente relacionada com o ofício de policial.

A partir daí pude observar que algumas crianças negras, talvez em posições de maior vulnerabilidade social, acreditam que, ao alcançarem esta profissão, poderão proteger os seus, protegerem a si mesmas. Rogero (2024) aborda a história do surgimento das primeiras organizações policiais, ainda no Brasil colônia, que foram estruturadas para perseguir e prender os escravizados que resistiram por meio de fuga e para dispersar dos locais elitizados das cidades, as pessoas negras livres que estavam buscando por uma ocupação que os garantisse o sustento. Uma profissão criada para perseguir as pessoas negras como principal opção de ofício para crianças negras. Parece um absurdo, mas não é. É um plano genocida sofisticadamente elaborado para nos dizimar, nos transformando em nossos próprios algozes, nos alienando, ou seja, tirando de fato nossas vidas.

Vidas que até pouco tempo eu não me importava. O embranquecimento foi eficaz por boa parte de minha vida, mas apesar de eu não saber a minha cor, à quem interessava estava claro, eu era o alvo. Como apesar dos diversos sinais emitidos pela sociedade acerca da minha cor, e o lugar que esperavam que eu me reduzisse, me entendi como mulher negra há pouco mais de 8 anos, entender como as participantes da pesquisa elaboravam sua negritude foi um dos temas de nossa roda de conversa.

Outro questionamento que revisitamos foi em relação à profissão. Perguntei então a elas: “ *Com quais profissões vocês se identificam? São as mesmas no início do ano?* ” Badu respondeu: “*Tipo assim, eu tenho duas. A primeira opção e a segunda opção. A primeira opção é médica e a segunda opção é modelo.* ” “*Eu quero ser estilista e modelo*”, disse Ayana. Dandara quer ser artista. Artista. E modelo. Nala quer ser caminhoneira e policial. Muito bem. Na nossa última conversa tinha um monte de policial. Acho que só tinha policial. Agora temos modelo, artista, médica, caminhoneira, acrescentei. Ayana falou: “*Eu apenas estou seguindo o que o meu coração está mandando. Porque eu queria várias coisas, mas as coisas quase não são do jeito que nós queremos. Aí eu estou seguindo o que o meu coração está falando para mim.* ”

Com o intuito de reunir registros de qualidade para apresentar nesta pesquisa, compor meu portfólio profissional e presentear as meninas para que elas pudessem guardar de lembrança nossos momentos nas oficinas, chamei uma fotógrafa para registrar nossa coreografia. Esta experiência, proporcionou na turma a sensação de reconhecimento, de serem vistas, notadas e consideradas durante a seção de fotos. Foi um momento único para todas elas, que estava ali em evidência no pátio da escola sendo prestigiadas, assim como durante a apresentação na semana da criança. Estabelecendo uma conexão com meus anseios profissionais na infância, ser modelo para ser vista, considerada, admirada, mas desta vez posicionadas de acordo com sua própria autonomia, seus próprios interesses e herança cultural.

Nossos encontros forneceram repertório para que pudessem primeiramente encontrar com as potencialidades culturais africanas, e ao passo que também olhavam para si, puderam se conectar e estabelecer novas perspectivas. Nogueira (2023) salienta a importância do contato com epistemologias afro referenciadas, pois este fortalece e amplia as perspectivas e previne a aquisição de condutas submissas e acríticas. Posteriormente a experiência das oficinas, podemos observar um aumento no panorama de identificações, relações e crenças do que se é pré-estabelecido para essas meninas, para futuras mulheres negras.

Após tanto tempo recebendo informações balizadas pelas perspectivas culturais ocidentais, é compreensível que algumas condutas associadas às formalidades das celebrações por esta legitimadas estejam presentes em nossas expectativas. Ao final das atividades, no dia de nossa última roda de conversa, preparei uma singela celebração composta pela entrega de certificados, uma foto de nossa apresentação em grupo e um lanche. Para que eu pudesse ter esse contato com toda a turma e ninguém ficasse de

fora, enviei um comunicado ao grupo enfatizando para que se organizassem e comparecessem. Mencionei que entregaria o certificado de participação e teríamos uma gravação do nosso último encontro.

No dia marcado para o nosso encontro, ainda pela manhã recebi uma mensagem de áudio de Dandara, perguntando se aquele seria o dia da formatura delas. Este questionamento repleto de entrega, consideração e significado me conscientizou da importância que essas meninas concediam aos nossos encontros. Quando pensei em entregar-lhes um certificado, considerei o gesto como uma lembrança, para que não esquecessem de todas as questões que ali foram mobilizadas e que o conteúdo com o qual nos envolvemos ali era precioso e potente. Mas Dandara me mostrou com sua fala, os seus interesses, a sua validação, a sua agência. Durante as oficinas meu objetivo era envolvê-las com as narrativas das populações negras, com suas concepções, costumes, estratégias, seus tesouros e também fragilidades. No entanto, cada uma possui os seus propósitos, o seu modo de conduzir e compreender e assim como eu, futuramente de passar a diante.

Evaristo (2015), nos presenteia com suas expressões carregadas de significados verdadeiramente presentes nas vidas da população negra. Entre elas a seguinte: *“Combinamos de nos matar. A gente combinamos de não morrer* (Evaristo, 2015, p.99).” A presente citação, encontrada no livro: *“Olhos D’Água”* que além de desaguar narrativas impactantes, porém necessárias, em nossos corações, demonstra em sua subversão a norma da escrita, o encontro de diferentes perspectivas: A do colonizador, que hoje é representada pela classe dominante, que regula nossas práticas e dita a norma adequada de comunicação, e a perspectiva das classes subalternizadas, que determinaram não sucumbir.

E à sua maneira, a partir de sua forma de comunicação, se desprendendo das rédeas do que está certo e o que está errado segundo a norma. Esta frase se aproxima muito desta situação ocorrida ao final de nossas atividades, situação esta que confirma a presença, a autonomia, a agência. Mostrando que a presente pesquisa movimentou os objetivos e conquistas de todos que dela participaram, de maneira coletiva e individual. De maneira fluente e circular. Sem quebras, quinas ou lados, todos foram contemplados nos encontros, desencontros e descobertas.

4.3 Crenças e a Cosmovisão ocidental

Apesar da maioria dos conteúdos aqui relatados possuírem sua maior concentração no momento das oficinas, as atividades ali desenvolvidas reverberam no dia-dia de todos envolvidos nesta dinâmica. Logo, a situação que será exposta a seguir, ocorreu fora da sala de aula, e a sua inserção na dissertação se justifica por aquilo que vai além da ação de introdução de uma prática em uma escola comum, partindo do olhar da pesquisadora. Ao iniciar as aproximações com a escola, família e componentes do grupo, a diretoria da escola sentiu a necessidade de criar um grupo de *whatsapp* para divulgar questões pertinentes às oficinas e estreitar a comunicação com os responsáveis pelas crianças. Como não me envolvi com a abertura do grupo, apenas fui inserida, fiquei distante de preocupações relacionadas às configurações do grupo, como permissões de acesso, inserção de imagens do perfil do grupo, entre outros.

Até então, era um grupo que todos podiam adicionar pessoas e alterar a imagem e a descrição do grupo. Como o grupo não tinha uma imagem, certo dia surgiu uma colocada por um aluno, menino que solicitou participar das oficinas e foi autorizado ainda que não se enquadrando como participantes da pesquisa. Eu achei muito interessante esta iniciativa, pois ele trouxe uma imagem da internet com as cores e símbolos africanos, demonstrando assim seu envolvimento com a temática proposta pelas oficinas, no entanto, não reforcei a atitude, só observei.



Imagem ilustrativa para exemplificar o texto acima. Fonte: Pinterest.com

Semanas depois o mesmo aluno alterou a imagem para outra parecida, eu segui a não me incomodar, pois percebi que as oficinas estavam se fazendo presente para além dos momentos com o grupo, fazendo-o pesquisar e buscar por referências.

No entanto, recebi no grupo uma mensagem de uma mãe falando que não havia gostado da imagem, alegando entender os limites que envolvem minha (pessoal da professora/pesquisadora) autonomia religiosa, mas que a representação não a agradava, seguido da desaprovação das músicas utilizadas, na qual ela identificou, em ambas expressões, uma similaridade com as características encontradas em religiões de matriz africana. Como a divulgação da cultura africana envolve fortemente esta proposta, nossos encontros são realizados em uma sala na qual funciona a biblioteca com a porta aberta, para que mais pessoas possam, mesmo que passivamente, participar da aula, assistir, observar, e neste mesmo raciocínio, autorizo o registro das crianças em seus celulares e peço que disponibilizem no nosso grupo para que todos possam apreciar, logo esta mãe assistiu ao vídeo e apresentou esta série de descontentamentos.

É interessante como a sociedade, aqui representada pela mãe, se sente no direito de manifestar opiniões pessoais relacionadas a religiões de matriz africana. Muito embora no presente contexto eu não evidencie nenhuma informação sobre esta crença, a filosofia africana é composta e se expressa a partir desses elementos, que não podem ser separados ou maquiados para serem aceitos como na época da colonização e do sincretismo religioso. O ritmo, os batuques, o tambor são parte da cultura, eles estão presentes nos eventos desta população, sejam eles religiosos ou não, assim como os símbolos e o estereótipo que ela pode ter relacionado aos “bonequinhos”, expressão que a mãe da aluna se referiu acerca da figura que representava pessoas do continente africano tocando o atabaque. Tal evento sinaliza a importância dessas expressões se tornarem cada vez mais presentes em espaço escolar, pois a partir desta divulgação e afirmação, poderemos enfrentar estas ideologias constituídas superficialmente que estruturam nossa sociedade, entendendo tal cultura como parte, e que a expressão e o consumo da mesma podem e devem existir ao lado das demais.

A criança, filha da mãe em questão, é uma menina de traços indígenas, povos que estão fortemente presentes na umbanda e suas ramificações, a própria menina já afirmou na aula várias vezes o reconhecimento e celebração de sua origem. O que me remete ao conceito de localização psicológica proposta por Asante (2014), que embora tenha sido mencionada na primeira categoria aqui descrita, é importante que entendamos o impacto deste conceito para as populações negras, a partir desta, o autor identifica a notável confusão que permanece na subjetivação, que distancia o indivíduo

das contribuições do seu próprio povo e o incentiva a vigilância e difamação de culturas não hegemônicas.

Nogueira (2023) relata as experiências violentas regularmente sofridas pelas religiões de matriz africana. Como já tratamos anteriormente nesta seção, a cultura ocidental segue na tentativa de impossibilitar qualquer contato das populações africanas com os valores que fundamentam suas expressões, com o propósito de ampliar seu território de domínio para além do corpo, e as demais estruturas que este transita, o desejo é alcançar o ser. Esta conduta nos ajuda a entender porque que com as Comunidades Tradicionais de Terreiro¹⁸ (CTT) não é diferente. São nesses espaços que os laços com o continente puderam ser minimamente mantidos, são ressignificados e reestruturados, por meio de comemorações, rituais, festas, práticas religiosas, que por serem diferentes das entendidas como norma pelo crivo do ocidente, na fantasia desta civilização, coloca em risco a vigência dos seus mecanismos de controle.

A situação apresentada e refletida aqui não se encontra somente sob responsabilidade da mãe da aluna, devemos entender que estes valores deturpados que nos rodeiam e se fazem presentes e são validados por tanto tempo, muitas vezes podem atravessar nossas ações sem que percebamos. Porém, tais atitudes necessitam primeiramente serem admitidas como um problema de fato, sem moderações ou distrações concentradas apenas na inocência e falta de informação dos envolvidos, ou dando esses casos por encerrados após descomprometidos pedidos de desculpas. Condutas como estas devem ser, primeiramente, nomeadas devidamente como racismo religioso, visto que lidar com as diferenças não deve ser um esforço a ser tolerado, seguido de propostas e estratégias de erradicar comportamentos desta natureza, adicionados a medidas de punição legal para quem ultrapassar estes entendimentos.

Conforme relatado no capítulo que apresenta a metodologia desta pesquisa, no início do trabalho apresentei à minha orientadora a proposta de levar as danças dos orixás para as oficinas, devido à minha grande dedicação e especialização em danças eurocentradas. Aquele abismo ocasionado pela falta de pertencimento, me frustrava muito.

¹⁸ Espaços dedicados a manutenção da memória ancestral e culto religioso, desenvolvidos por pessoas e comunidades negras, na qual estas procuraram se envolver com seus próprios aspectos culturais, proporcionando, vivenciando e consolidando os valores da família africana entre pessoas que se identificam e buscam esta aproximação e legitimação, não tendo necessariamente um laço sanguíneo entre elas (Nogueira, 2023).

No entanto, imaginando o contexto desafiador que eu encontraria em uma escola municipal do interior do Mato Grosso do Sul, ela me sugeriu que repensássemos esta decisão para que barreiras relacionadas ao preconceito e racismo religioso não inviabilizassem nossa pesquisa. Sendo assim encontrei no Maracatu a oportunidade de contemplar a resistência e o protagonismo africano e também as movimentações dos orixás que são expressadas no Maracatu Nação por meio das representações ancestrais homenageadas em festividades das comunidades que naquelas regiões resistiam.

Então, na busca por referências práticas que sustentassem a minha prática pedagógica durante as oficinas que participei de dois cursos de danças populares brasileiras, um oferecido por uma professora que se ateu à exposições genéricas, com o foco somente no nome das danças e algumas movimentações, sem referenciar as origens daquelas manifestações e os protagonistas, criadores das mesmas e outra oficina de um professor que foi pelo caminho oposto. Na oficina, "Dança Afro-Brasileira na Cena Artística", oferecida pelo Sesc Cultura de Campo Grande -MS, conduzida pelo Mestre Evandro Passos¹⁹.



Imagem do fotógrafo Raylson Chaves, registrada da Oficina "Dança Afro-Brasileira na Cena Artística", oferecida pelo Sesc Cultura de Campo Grande –MS. Fonte: Arquivo pessoal

¹⁹ Professor e coreógrafo de Danças Afro, Mestre em Artes pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), fundador da Companhia de Dança Afro Bataka (Passos, 2011).

Passos (2011) identifica sua aproximação com as danças afro a partir do ano de 1975 quando a cidade em residia na época, Diamantina, Minas Gerais (MG), foi locação para as filmagens do filme “*Chica da Silva*” protagonizado por Zezé Motta, consagrada atriz brasileira.

O protagonismo negro identificado por representações repletas de autonomia despertou no coreógrafo aspirações de pertença no campo artístico. Encantado com as personalidades negras parte do elenco, Mestre Evandro até participou das figurações do filme. Mais adiante, já fazendo parte do cenário acadêmico, ingressou nas atividades do Movimento Negro Unificado (MNU) que o proporcionou ampliar suas perspectivas acerca das relações étnico raciais. Ingressa na Academia de Dança Afro Marlene Silva, em Belo Horizonte (MG) e dá início a sua carreira de bailarino que o conduziu a sua posição de destaque e grande relevância para as Danças Afro.

Autor dos livros, “*Dança Afro Brasileira: Identidade e Ressignificação Negra*” (2022), fruto de sua dissertação de mestrado em 2011 e inspiração para o livro dedicado ao público infantil de Nilma Lino Gomes, *O Menino Coração de Tambor*” (2021) Mestre Evandro durante nossas trocas em seu curso, também criou um grupo de whatsapp no qual periodicamente nos envia referências, sugestões de leitura e oportunidades de trabalho. Ou seja, honrando as perspectivas dos agentes destas culturas por meio das condutas de ensino apontadas pelos caminhos que estabelecem a educação afrocentrada, entre elas a continuidade das tradições pela oralidade, reconhecimento e referência às populações responsáveis pelas manifestações e a constituição de um ambiente de troca, reflexão e estratégias para o fomento cultural das manifestações negras.

Sendo assim, movida pelos exemplos acima relatados, após relatar esta experiência para minha orientadora, decidimos que apresentar as danças dos Orixás para as participantes desta pesquisa, seria uma oportunidade de manter a roda de saberes girando, apesar dos riscos que sabia estar correndo.

O objetivo de compartilhar com pais e alunos os conteúdos com os quais iríamos nos envolver nesta próxima etapa, divulguei em nosso grupo do whatsapp um vídeo de divulgação da oficina que participei, a oficina: “ Dança Afro-Brasileira na Cena Artística”, com o Mestre Evandro Passos, relatada anteriormente. Foram divulgadas imagens das danças que aprendemos e um depoimento meu falando da importância de iniciativas como aquela, e minhas perspectivas relacionadas à experiência. Deixei explícita minha empolgação em dividir aquela experiência com elas. Ao retomar as

atividades após as férias de julho, notei que duas alunas não retornaram. E em uma de nossas rodas de conversa, Niara relatou que Hanna, Dandara e Nala teriam saído porque íamos começar a ter aulas de dança de macumba.

Aproveitei para conversarmos sobre, e eu tentar entender quais eram suas impressões acerca desta expressão que possui tantos estigmas negativos em nossa cultura. Badu trouxe para o grupo que macumba era um instrumento musical. Niara questionou se seria verdade macumba fazer mal e que sabia de histórias de pessoas que “faziam macumba” para prejudicar as outras, escrevendo o nome da pessoa em um papel, colocando dentro da boca de um sapo e amarrando-a.

Conforme discutimos na primeira etapa das análises, apesar da compreensão que as danças, músicas, culinária, costumes, vestimentas e diversas outras condutas da população brasileira estão contidas no espectro ritualístico das culturas africanas, o presente evento não posiciona a pessoa que participa dessas manifestações como adepto e submisso às crenças e conduta religiosas desta matriz. Da mesma forma, que quando ao final do ano, alunos das redes públicas e privadas de ensino são incentivados a celebrar as festas cristãs, pintar desenhos e presentear colegas e professores, não seja considerado uma ameaça para os que não partilham desta fé, entende-se que tais celebrações fazem parte da matriz cultural brasileira e seguem sem ser questionadas.

Nogueira (2023) aponta a posição vulnerável vivenciada por aqueles que são orientados por uma crença não hegemônica, sobretudo as Comunidades de Terreiro. São organizações extremamente complexas, com rituais de iniciação, assim como os presentes no cristianismo, que partilham de algumas similaridades como a constituição hierárquica e seus simbolismos e culto aos ancestrais. Tanto a religião, como os demais espaços de convívio afrocentrado, são espaços nos quais a população negra pode-se reunir-se com os seus, preservar o que trouxeram em seu corpo e memória para assim reelaborar e agregar o que cada povo trouxe. Nesses espaços se encontravam nações, legitimam-se seus hábitos e costumes e se construía forte proteção contra o projeto genocida do colonizador (Nascimento, 2023).

Contudo não usufruem da mesma legitimação, sobretudo ao que concerne a integridade dos rituais e dos acessos. Para que qualquer pessoa se relacione com as religiões de matriz africana, como também se aproxime da ritualística ali envolvida, é necessário se dedicar aos estudos desta e ter conhecimento das diretrizes e da permissão de seus sacerdotes. Porém o senso comum foi levado a crer que este acesso além de irrestrito, está diretamente relacionado aos movimentos de crueldade humana. “

Estigmatizar é um exercício de poder. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio (Nogueira, 2023 p. 35).

Porém, após uma semana, Dandara e Nala retornaram, não as questionei sobre o ocorrido para evitar constrangimentos, já que os debates permeados por crenças religiosas são regados por uma série de preconceitos que podem estar sendo somente reproduzidos pelas meninas, tanto que elas permaneceram. Mas Hanna não voltou, e quando nos encontramos no corredor da escola ela me olhou com uma expressão de pesar, cerrando os lábios e abaixando a cabeça, ela não podia falar. Então eu falei: “*Tudo bem Hanna, eu entendo.*” E pela sua expressão de silenciamento, parecia que ela também entendia.

“Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (Souza, 2021, p.45)

Antes de iniciar as oficinas nas quais pude transmitir as características e movimentações dos Orixás²⁰ aprendidas no curso do Mestre Evandro Passos, designada para nomear divindades ancestrais africanas que têm suas qualidades e concepções filosóficas relacionadas a expressões da natureza. Tais características e valores conduzem o ser e estar de seus devotos preparando-os e posicionando-os para aos desafios da vida na terra (Sabino; Lody, 2021). Ogun, Oxum, Oxóssi e Iansã, fizemos uma roda de leitura com contos africanos, os *itans*, que traziam as histórias de cada divindade. Utilizei o livro “Omo- Obá: Histórias de Príncipes e Princesas”, coletânea ilustrada por Ayodê França, e escrita por Kiusam de Oliveira que reconta mitos iorubás de princesas e príncipes africanos -- conhecidos, no Brasil, como orixás. Durante as leituras, Badu sempre se disponibilizava a ler, e Jamla se identificou com a princesa azul, Yemanjá. Dandara queria ser a princesa vermelha, Iansã e as demais também se reconheciam ali naquelas páginas. Nascimento (2023) salienta a importância de o negro conhecer sua identidade, assim se fortalece, se afirmar e é reafirmado entre os seus, não sendo determinante sua prosperidade, a validação de fora. Esta organização reúne significado e nutrição para não se alienar com as constantes investidas das narrativas hegemônicas.

²⁰ Orixá é uma palavra na língua iorubá composto pelas palavras *Orí* – cabeça e *Xá* - Dono. Aquele que irá te orientar sua jornada na terra. Para Prandi (2001), essas divindades são um canal de comunicação com a espiritualidade responsáveis por potencializar a energia vital, o axé e assim conduzir seus filhos ao destino com o qual se comprometeram.

Desde o início da fase de campo, ao apresentar esta proposta para a direção da escola, evidenciei meu interesse em tornar a comunidade escolar, sendo os demais alunos, professores e funcionários participantes ativos de nossas oficinas, por meio de nossas apresentações em momentos oportunos para a escola. No entanto, como a dinâmica de uma instituição de ensino pública é composta por diversos atravessamentos que estão além de nossos planejamentos, não tivemos a oportunidade de partilhar nossas composições como gostaríamos.

Aproveitei o evento da semana da criança para levar nossa criação coreográfica para a comunidade escolar, e para este mesmo dia marcamos a sessão de fotos para registrar esse evento tão aguardado por nós. Mas infelizmente a fotógrafa não pode registrar naquele dia e marcamos para outro dia a sessão de fotos. Já conformada de que não teríamos outra ocasião por hora, marcamos outra data apenas para a realização do ensaio fotográfico. Foi um dia muito especial que nos reunimos, nos maquiemos e registramos várias imagens do nosso trabalho, senti que elas estavam se sentindo contempladas por estarem lá, reconhecidas, vistas.

No entanto, um dia após a sessão de fotos, soube pelo perfil de *whatsapp* da escola, que a direção promoveu uma celebração do Dia da Consciência Negra, da qual não fui informada. Nesta situação me frustrei e vivenciei de perto as dificuldades que perpassam as iniciativas de professores que são ativos na divulgação dos saberes negros.

Entre desencontros e os esforços das instituições em controlar os conteúdos que devem ou não adentrar os muros da escola e as possibilidades de autogerenciamento das populações negras, não se pode analisar tal evento de maneira superficial. As informações que circulam no ambiente escolar são favoráveis ao controle da população que ali se constitui e confrontar conhecimentos e saberes que estão fora deste escopo auxilia na prevalência dos conteúdos pertinentes à quem está no controle (Nascimento, 2023).

Nogueira (2023) reconhece as sofisticadas práticas de nossa sociedade relacionadas ao domínio de autoridade. Sendo que estas nem sempre estão associadas a aspectos violentos. Não se trata apenas de aprisionar ou impedir fisicamente, utilizando a força física, mas também adentrar aos imaginários com suas próprias concepções.

Isto posto, observei ao longo desta passagem pela escola, a partir de relatos de colegas e como mãe com crianças na idade escolar, que geralmente os conteúdos apresentados pelos professores durante a Semana da Consciência Negra (e as demais datas determinadas a reconhecer alguma questão cultural definida pela legislação), estão

concentrados em práticas coreográficas, desenhos estereotipados, entre outras atividades de caráter pontual e acrítico. O que concentra o debate apenas naquele evento, não sendo suficiente para abranger e conhecer as perspectivas das populações negras a partir de suas próprias perspectivas.

Ou ainda como relata Pio (2022), quando algum profissional se dispõe a ir além e apresentar ações e conteúdos mais reflexivos e profundos, se este professor é negro, o mesmo já é posicionado como responsável por esta missão, e caso não seja, é considerado como militante, simpatizante ou envolvido na causa, dando esta questão como resolvida e justificando o afastamento dos demais professores pois “Fulano que trata “dessas coisas”, ou seja, isso não é meu. ” (Pio, 2022, p.95). Colaborando com o reforço de crenças que afastam a comunidade escolar do precioso contato com suas potentes referências.

No entanto como nos descreve Soares, Carneiro e Portella (2023):

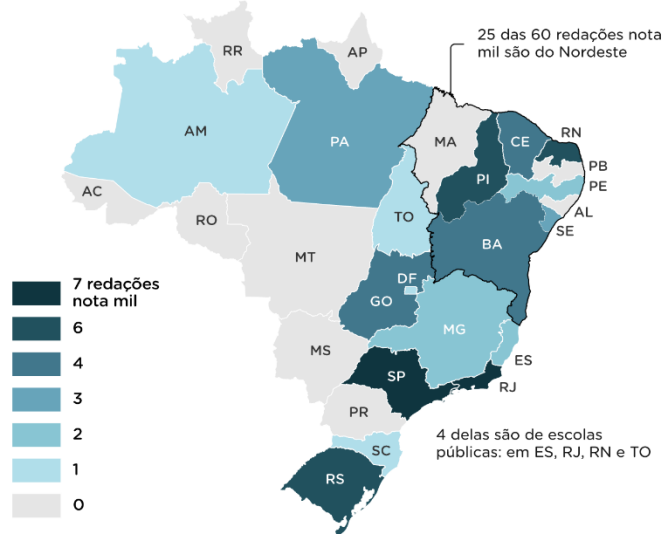
“É dever dos órgãos executores, como as Secretarias de Educação estaduais, municipais e distrital, induzir, orientar, estabelecer unidades programáticas, acompanhar e supervisionar se as práticas escolares e as ações para os conteúdos são realizadas plenamente, com qualidade e periodicidade como os demais saberes de matrizes indígenas, asiáticas e europeias, conforme determina a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP 01/04), em consonância com as diretrizes estabelecidas pelo Parecer CNE/CP 03/04. Essa medida busca evitar abordagens resumidas e superficiais, que reforcem visões estereotipadas, folclorização, hierarquizações e discriminações ou que se transformam em tarefas personalizadas que não são incorporadas à vivência escolar (Soares, Carneiro e Portella 2023, p. 47) ”

Porém o caminho ainda é longo. Um exemplo que comprova o reflexo da insuficiência da implementação da lei 10.639/03 nas escolas de Mato Grosso do Sul é a nota que os candidatos ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio do ano de 2024) deste estado, alcançaram em comparação com os demais do país. O exame teve como tema de sua redação "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil", que ao contabilizar a quantidade de notas máximas por região, posicionou a região centro-oeste, localização do MS em penúltimo lugar. Tendo a região nordeste alcançado o 1º lugar com 874 candidatos com notas entre 980 e 1000 e o centro-oeste 194.

Já se tratando da nota máxima, 1000, segundo o portal do governo federal, foi alcançada por 12 inscritos, porém nenhum no Mato Grosso do Sul. Posicionando o melhor desempenho nos estados de Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Número de redações nota mil no Enem 2023

Por unidade federativa



Fonte: Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

NEXO

Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2024/01/17/notas-enem-2023-por-area>

A presente temática que exige que os candidatos relacionem os conteúdos abordados na escola com suas perspectivas de sociedade e apresente estratégias para esta superação. Mas como pudemos perceber diante dos relatos das participantes da pesquisa, os acessos a esses conteúdos não estão sendo apresentados de uma maneira efetiva. Lembrando que esta não é uma responsabilidade individual do professor, visto que constatamos que apesar dos esforços de muitos de nós, não alcançamos as camadas reguladoras que devem organizar, propor, divulgar e sobretudo verificar as realizações o aproveitamento dessas ações pela sociedade.

Soares, Carneiro e Portella (2023) apresentam em sua pesquisa que busca compreender como se encontra a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, ou seja como a implementação da lei 10.639/03 tem sido garantida nas escolas. E durante os resultados da pesquisa constatou-se que os professores ou equipe pedagógica que entendem a importância da temática e buscam absorver esses conteúdos em suas práticas e mobilizar os currículos escolares relatam a falta de apoio.

Sendo assim, podemos admitir que apesar da constante discussão da temática, apresentando pesquisas e presenciando esforços que vão além dos atributos profissionais de cada um, parecemos não sair do lugar. É imprescindível então, pensar

estratégias que provoquem o devido desconforto nas instituições que de fato possuem acessos e decisões para engajar todo o sistema e consequentemente a sociedade.

NÓS E OUTROS RIOS - A GENTE SE FORTALECE



NÓS E OUTROS RIOS - A gente se fortalece

“Negras e negros estão na universidade e me parece que ainda precisamos pedir licença para uma tradição embranquecida, dentro de um país que se diz diverso. Quando olhamos para as (os) autoras(es) de maior aceitabilidade, a pele delas(es) tem cor (Lima, 2023 p.19)”



Participantes da pesquisa em nossa sessão de fotos. Fonte: Arquivo pessoal. Fotógrafa: Jaqueline Coelho Castro

Pés no chão, entrelaçadas, abastecidas de si, cheias de esperança no que está por vir!

Por muitos e muitos anos fui orientada pelas qualidades de controlar, separar, isolar, que o balé clássico me solicitava. O corpo foi forjado para que cada parte se movimentasse e comportasse de maneira independente. Esse foi um dos pedaços que o

ocidente educou. Logo ao me reencontrar com as danças afro-brasileiras, precisei sensibilizar o corpo ancestral, para que o movimento encontrasse também sua maneira de fluir, novamente. Mas com as palavras, com a escrita, sinto que ela sempre dançou livre, e durante o processo da escrita e organização acadêmica fui desafiada mais uma vez pelo ocidente, a separar.

Assim como Lima (2023) educador negro, também celebro a conquista em ocupar com muita alegria territórios que antes negavam sua existência. Essa celebração me remete à diversas ocasiões nas quais precisei diminuir minha espontaneidade por julgarem inadequado. Falando em inadequado, a pesquisa acadêmica é um lugar de adequações. Não estou falando que algumas diretrizes são desnecessárias, mas sabemos que a divulgação do nosso trabalho neste espaço será conduzida por meio da manutenção de algumas condutas, entre elas a permanente utilização e encaixe de alguns autores e estéticas de escrita.

Logo, a ousadia de não apresentar a perspectiva de alguns autores eleitos pelo cânone e conduzir a presente pesquisa sustentada em outros pouco citados, me proporcionou muitas noites em claro, entre outras somatizações. Acerca deste relato, encontro nas palavras de Felisberto (2020) uma aproximação com minhas impressões.

Não é fácil se libertar das amarras das estruturas acadêmicas internalizadas que apontam sistematicamente para ‘regras’ que, no momento de produção de um texto, se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma, ponto recorrente de desqualificação, o que me conduz, com frequência, a titubear, e em alguns momentos engessam a minha capacidade criativa (Felisberto, 2020, p. 165).

No entanto, no que pudemos, resistimos e compreendi que ao favorecer o fluxo de escrita, as fundamentações teóricas pertinentes foram se estabelecendo de maneira fluída, afastando também quaisquer desentendimentos e equívocos na interpretação e relações com os conceitos explorados.

Acessar a metodologia da escrivência na presente pesquisa, busca ultrapassar seu impacto inicial de subversão frente às narrativas hegemônicas, firmar e honrar os saberes ancestrais por meio do reconhecimento da mulher negra na formação do pensamento histórico social brasileiro (Bartholomeu, 2020) e pretende sobretudo trazer ao conhecimento popular a permanência de registros partidos da população negra, assumindo-os como parte legítima de nossa sociedade, a ponto que seu volume se

amplifique tanto que nossos valores culturais acessem o lugar e a divulgação à altura da grandiosidade dos seus feitos na civilização. A presença da escrevivência, então, reforça a adesão de um protocolo político-estético no qual a minha narrativa como mulher negra é posicionada sob a perspectiva de um protagonismo que estremece as exigências da escrita acadêmica.

Também gostaria de compartilhar os sentimentos de desafio e a responsabilidade que estruturar e conduzir esta prática me proporcionou. Perceber o corpo como produtor de conhecimento, que carrega em si a sabedoria dos caminhos percorridos pela ancestralidade, sabedoria essa que perpassa pelas complexidades de existências e re-existências anteriores, levezas, adversidades, prazeres, simplicidades, impressões que são absorvidas e passadas, pegadas que são deixadas com o compromisso de iluminar, conduzir e favorecer quem vem atrás.

Esse corpo desenvolve marcas, desenvolve e as recebe, vem de dentro e vem de fora, são escrituras de uma trajetória que é movimento e só movimento, pois até quando estática, o sentido flui (Machado, 2019). O objetivo desta pesquisa é alcançado pois ao me deparar com os agenciamentos das participantes, pude restaurar minhas crenças e sobretudo usufruir da atmosfera de proteção e autonomia que criamos juntas, a partir de nossas relações mediadas pela dança. Minha agência agora não se sente mais só, muito menos desorientada, ela flui e encontra, se encontra com outras agências que foram narradas aqui. Está sendo intenso. Está sendo, pois não para por aqui, segue, seguimos.

Esta partilha de saberes que resultou em nossa prática (minha com o grupo) e vem sendo construída a cada encontro, presa por uma forma de comunicação que posiciona a consideração pelo outro, por sua história, suas potencialidades e fragilidades como fundamental para que as trocas de saberes aconteçam. Próximo a encerrar acesso Motta (2022), por sua reflexão sobre o Maracatu Nação:

O Maracatu Nação ao estreitar nossas práticas, carregam ampla significância, pudemos agenciar identidades, lugar étnico-racial, localização epistêmica, política, social, afetiva, comunitária e considerar uma gama de significados e sentidos conectados aos diversos saberes negros diaspóricos brasileiros como impulsos potentes para atuações artísticas (Motta 2022, p.2811).

Uma metodologia Caminho - Experiência que foi se desenhando com os encontros de caminhares individuais que se multiplicam em um caminhar coletivo, entrelaçando experiências para o surgimento de uma rota composta pelas pegadas de todas. De maneira circular, no sentido dinâmico e horizontal que as relações são

vivenciadas, o corpo é o grande condutor desta experiência (Machado, 2019). Este caminho ficará marcado, carrega o sentido e o sentir deste coletivo, mas não indica que seja fixo. Os caminhos estarão abertos, ansiando por novas pegadas.

Como descrito ao longo desta pesquisa, a partir dos meus questionamentos acerca do consumo e divulgação das manifestações afro-brasileiras e meu encontro com o paradigma da afrocentricidade, pude repensar meus processos e práticas pedagógicas e reestruturá-las inspirada por este paradigma. Motta (2022), reforça a urgência de propostas no âmbito artístico que apresentem os saberes africanos como caminho pedagógico, pois a partir desta conduta será possível compor experiências pluriculturais sustentadas por conhecimentos ancestrais responsáveis por grande parte da cultura de nosso país, no entanto continuam sendo deliberadamente apagadas e difamadas. A autora aborda o grande potencial das danças negras na promoção da agência em diversos aspectos, entre eles, político, ético e estético que sustentam o protagonismo negro na produção de saberes e no trânsito nos espaços de poder, afastando a narrativa da população negra do viés estigmatizado e passivo que o racismo nos proporciona.

Reflito também sobre a importância que a roda teve nesse processo, como símbolo de firmamento, autoconhecimento e confiança, individual e em grupo.

A roda é um posicionamento em grupo que faz um convite ao sentimento de partilha e coletividade, entrar em contato com os outros corpos de uma maneira que estimula a equidade, a consideração pelo lugar de agente/aprendiz de si e do outro, valores que integram a filosofia africana, o saber pelo ser, e não pelo ter. Pimenta, Passos e Silva (2022) destacam as características da circularidade africana:

...a circularidade é sinal de integração das partes ao todo, principalmente no processo de transmissão de saberes, numa pedagogia que tem em sua essência a tradição africana. A roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para o movimento, a renovação, a coletividade, como as rodas de capoeira, de samba e os rituais das religiões de matriz africana (Pimenta, Passos e Silva 2022, p. 169).

Ao longo de todo o processo de construção desta pesquisa, tanto o período em que ingressei na pós-graduação como também os momentos que o antecederam, me preparando para este, são envolvidos pelos atravessamentos que me encontraram na encruzilhada da vida como mulher negra.

E agora uma roda diferente veio em meu encontro. Um posicionamento que antes fazia parte apenas de desenhos coreográficos em que a ordem era despir-se de si e tornar-se homogêneo com o grupo. Na nossa roda foi possível reconhecer a pessoa e nos reconhecer como pessoa. Lá apresentamos nossas especificidades e trocamos com o coletivo. Este pertencer posiciona a pessoa como necessária para todos, e potente para si, sendo que a força motriz desta presença e deste ser e estar, se retroalimenta pela confirmação do todo (Machado, 2019).

Portanto, a sensação de pertencimento que eu procurei e pensava não poder recuperar foi reencontrada. E me associei, então, como condutora desta busca. O impulso para o meu agenciamento, pois esta busca por pertencimento, ao se encontrar ora com barreiras e conteúdos turvos, ora com afluentes potentes e acolhedores, de acesso cristalino e aconchegante veio a se tornar uma forma concreta de comunicação, que neste momento, se apresenta em forma de dissertação de mestrado.

O pertencimento é a sensação que sustenta a nossa autonomia. Ao nos sentirmos parte, ao entendermos nossas contribuições como consideradas, nos entendemos como necessários ao fluir próspero do nosso meio. Aprendemos ao observar, ao realizar, nas Falhas, nos ajustes realizados pelos mais experientes, e no sucesso.

O desejo em pertencer me conduziu ao objetivo principal desta pesquisa, que procurou entender os agenciamentos de meninas negras na dança, da menina negra que fui e como, me fortaleci para permanecer, antes de pertencer. Ao buscar meu pertencimento o encontrei em presenças potentes. O encontrei na expectativa esperançosa de meninas que me deram as mãos para abrimos juntas a nossa roda.

A agência, a autonomia que entende o corpo como um veículo de presença e posicionamento sempre soube onde queria chegar apesar dos caminhos diversos que precisou passar para pisar junto a elas, junto com elas. Desde as gingas e acordos que precisaram fazer com suas famílias para frequentarem as oficinas, da confiança que ali nasceu e oportunizou um espaço confortável para discutir assuntos evitados e silenciados, e o curador encontro de nossas cores.

Cores que encontraram espaço para serem reconhecidas, consideradas, apreciadas, admiradas e também para exercerem o direito de passarem despercebidas. De não estarem sempre na defensiva, o direito de também estar em paz, de descansar,

pois estar em evidência, ser este tipo de alvo é cansativo e pode matar. Começamos as oficinas com 7 meninas, ao longo deste processo três meninas saíram. As causas envolvem compromisso familiar (precisava cuidar da casa e de irmãos mais novos), questões religiosas (deslocamento epistêmico provocado pelo racismo) e dificuldade em comparecer nos encontros pois a responsável era a avó, já sobrecarregada com as demais exigências de uma vida dedicada em cuidar dos outros. São inúmeras questões que não serão refletidas neste momento, mas que evidencia as violências de exaustão que as mulheres negras vivenciam ao longo de suas existências.

Estar de corpo inteiro nesta pesquisa me aproximou de infinitas questões desafiadoras e que nos desumanizam o tempo inteiro. Compartilhamos desta sobrecarga e nada é feito. Pois muito se beneficiam deste arranjo. Assim como a ancestralidade se sustentou pelos seus próximos em suas travessias, tornando momentos tempestuosos em águas calmas e doces, também fui abraçada e protegida pelas minhas companheiras de jornada, nesta travessia. Nossas relações me ajudaram a restaurar o distanciamento que me foi imposto acerca das aproximações afetivas positivas com pessoas negras. Eu não tive amigas negras na infância. Sem espaço para reconhecer o brilho e a beleza dos nossos tons, ouvir histórias de nossos ancestrais, brincar e apreciar nossos cabelos. Mas ali com elas, fui abraçada e me senti em tempo. O nosso tempo. Zara²¹ tempo, tempo zara.

Nós, elas, eu. A agência. A agência sempre esteve e sempre estará, mesmo que a intenção seja que ela não apareça devidamente. Este trabalho assume o compromisso ancestral de considerar, apresentar, legitimar e celebrar as narrativas negras, os nossos saberes. Acredito que esta experiência possa tê-las envolvido como um campo de força compreensão e memórias. O mesmo campo de força que me protegeu, posicionou e me manteve até que essas palavras pudessem chegar até aqui. O suporte ancestral, a bengala do preto velho. Pois ao menor sinal de distrações do turbulento meio em que vivemos, nele elas poderão se apoiar, poderão retornar às suas impressões de nossas experiências, cada uma do seu jeito, cada qual como necessitar.

Para além de sensações vibrantes e de esperança, também há necessidade de nos voltarmos com maior seriedade e compromisso, como comunidade para confrontar esta sociedade de maneira eficaz, exigir movimentações favoráveis das instituições

²¹ Saudação ao Orixá Iroko que representa o tempo e quer dizer: Salve tempo! (Marques; Almeida Alves; Marques, 2017).

reguladoras do conhecimento. Precisamos enfrentar a realidade, já que durante esta pesquisa, não foram observadas qualquer conduta que confrontasse os desafios encontrados no trabalho de campo aqui relatado, ou mesmo no cotidiano.

Durante este trabalho nos sustentamos nas potentes narrativas negras e em seus esforços para levar autonomia ao seu povo. Como também apresentamos de maneira explícita o projeto conduzido pelas intenções coloniais, que buscam o desaparecimento deliberado da população negra. Não bastam leis, diretrizes, ações afirmativas, o que está no papel, está muito bem escrito e bem explicado. É a execução que está comprometida. É preciso mapear, determinar e admitir os pontos frágeis que envolvem as discussões acerca das relações étnico raciais.

Principalmente a responsabilização dos sujeitos identificados como brancos acerca de seus acessos. Ao entender-se parte estruturante dos valores racistas enraizados nesta sociedade, espera-se que os esforços para garantir o fim de condutas envolvidas por esta ideologia partam de suas reflexões. Sob a consciência que haverá resistência e haverá forças conservadoras, mas que estas não possam ser as forças que decidam e regulam os passos da nossa comunidade. O racismo não deve ser uma pauta a ser resolvida por quem sofre por ela e sim por quem a criou.

Os movimentos negros desenvolveram inúmeros tratados e estratégias, os publicou e tudo o que conquistou, é usufruído em forma de comunidade, independentemente de cor e classe social. Necessita-se de políticas comprometidas em fiscalizar a implementação do que já é lei. A proteção de quem está vulnerável, e a garantia de quem já conquistou o seu espaço, em permanecer.

A disputa de narrativas sempre existirá, no entanto, não há muita coerência em disputar sem pé de equidade, pois é o mesmo que falar sozinho. As trajetórias de Consuelo Rios, Mercedes Baptista, Bethânia Nascimento e Ingrid Silva, as bailarinas negras, honradas neste estudo, nos mostram que apesar de tantas conquistas, ainda não conseguimos alcançar a autonomia. Status este que muito embora esteja fortemente reconhecido por nossos pares, não é sustentado ao ponto de podermos usufruir de mudanças estruturais na sociedade. A colonização inaugurou este monólogo e este prevalece, tranquilamente, até quando?

Porém estamos em movimento. Durante esta pesquisa pude ver cores diferentes e potentes, ouvir vozes decididas e destemidas, sentir a vibração e o peso de seus passos

e seus movimentos que deslocaram e mobilizaram este processo com suas reflexões e muito carinho. Estas meninas enegreceram minha imagem no espelho, abriram meus olhos e os meus caminhos. Elas estão prontas, cada uma do seu jeito, de um tamanho que eu nem consigo mensurar, não estão sozinhas, têm suas histórias, suas vontades e seus sonhos. Mas caso, de fato estiverem, se farão maiores. E quando for preciso, irão transgredir, pois desde o começo, o desejo delas de estar ali, prevaleceu. E esta força, eu sei, só cresce.



Imagem do fotógrafo Raylson Chaves, registrada da Oficina "Dança Afro-Brasileira na Cena Artística", oferecida pelo Sesc Cultura de Campo Grande –MS. Fonte: Arquivo pessoal.

REFERÊNCIAS

- ACOGNY, G. Dança Africana. Daniela Maria Amoroso (Org.). Roberta Ferreira Roldão Macauley (Org. e tradução). Editora Gostri, 2022.
- AMARAL, J. “Das danças rituais ao *ballet* clássico”. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, jan-jun, 2009.
- AFONSO, M. L. M. ABADE, F. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.
- ALMEIDA, M. A. B de. SANCHEZ, L. P. Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro. Posições**. V. 28, N.1 (82) |jan./abr. 2017 55-80. e-ISSN 1980-6248
- ALVES, M. C.; JESUS, J. P.; SCHOLZ, D. Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde

mental e racismo **Saúde debate** | **Rio de Janeiro**, V. 39, N. 106, P. 869-880, JUL-SET 2015

ANJOS, K. S. S. dos, OLIVEIRA, R. C. VELARDIA, M. Construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. **Rev Bras Educ Fís Esporte**. São Paulo: 2015 Jul-Set; 29(3):439-52.

ANUNCIAÇÃO, G. O. da. A inserção do corpo negro em companhias de balé clássico no Brasil e Estados Unidos. In: **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA**. Salvador: 2019, pp. 2084-2094.

ARAÚJO, S.C. DICRÓ: UM TESTEMUNHO POÉTICO DO HUMOR NO SAMBA CARIOCA. Tese de Doutorado do Programa de pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília, 2022.

ASANTE, M.K. **Afrocentricidade a teoria de mudança social**. Afrocentricidade Internacional, 2014.

ASANTE, M.K. Notas sobre uma posição disciplinar. In. NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BAPTISTA, M. M. (2009), O que e o como dos Estudos Culturais Cultura: metodologias e investigação, Mais, Ver o Verso Edições. Editado em e-book por Grácio Editor em 2012.

BARROS, J.D'A. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009.

BARTHOLOMEU, J. Escrivências: As contribuições de Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez ao pensamento Social Brasileiro. **Sensata**. V.9/N.2 1 DOSSIÊ 1 DOI: <https://doi.org/10.34024/pensata.2020.v9.11758>

BENEDITO, B. S. CARNEIRO, S. PORTELLA, T. **Lei 10.639/03 : a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira** [organização]. -- São Paulo, SP.Instituto Alana, 2023.

BENEDICTO, R. M. (2019). Educação quilombista: uma proposta de educação afrocentrada no Brasil. **Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE)**, (31), 18–33. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi31.28254>

BHABHA, H. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Ática, 1990.
Cavalcante de Oliveira Leite, V., & Nolasco, E. C. (2019). Conceição Evaristo: escrituras do corpo. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 5(5). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1566>

BISPO, A dos S. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo. Ubu editora/ Piseagrama, 2023.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CASTILHO, T. (2024). Ballet clássico na educação infantil: Diálogos entre Bakhtin e a Sociologia da Infância. **O Mosaico**, 13(1). <https://doi.org/10.33871/21750769.2021.13.1.4143>

CARONE, I. BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Interface – Comunicação, saúde, educação*, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 181-185, ago. 1997.

CASTRO, Giovana de Carvalho. Que força é essa que veem na mulher negra? Leituras de ativismos e opressão horizontal. In: **VI Simpósio Internacional Lavits**. Salvador, 2019. Disponível em : <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/CarvalhoCastro-2019-LAVITS.pdf>. Acessado em 13 de outubro de 2023.

CAVALCANTE, K. L. C. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. **Revista Seminário de Visu**, 2020. Petrolina – Pernambuco

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução: feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **PARÁGRAFO**. JAN/JUN. 2017 V.5, N.1 (2017) - ISSN: 2317-4919.

CORDEIRO, Alberto Alan de Sousa. Interculturalidade e Cultura Popular: Debatendo a Folclorização dentro da educação escolar. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 67, p. 308-324, jul./set. 2022

COUTO, C. R. O balé por escrito: preceitos e regras de composição dos balés de corte na França do Antigo Regime (1581-1682) **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, e113668, 2022.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, pp. 171-188, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>. Acessado em 21 de outubro de 2024.

DAVIS, A (1944). **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo; trad. Heci Regina Candiani, 2016.

DEANS, Joselli. Black ballerinas dancing on the edge: an analysis of the cultural politics in Delores Browne's and Raven Wilkinson's careers, 1954–1985. In: **ProQuest Information Learning**. (Tese de doutorado submetido ao *Temple University Graduate Board*, para obtenção do título de doutor em educação. 2001. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/fe3c038286e0201183a40dc842e232ad/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acessado em 10 de outubro de 2022.

DIAS, F. C. M. As Danças Negras Brasileiras e suas estéticas na cena carioca. **Revista Arte da Cena**, v.7, n.1, jan -jul/2021. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/art> 398. Acesso em 21 de maio de 2024.

DIOP, Cheikh Anta Diop. **A unidade cultural da África negra**. Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Edições Pedagogo, LDA, out. 2014)

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: **Brasil**. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.

DOVE, N. **Mulherisma Africana: Uma Teoria Afrocêntrica**. Tradução: Wellington Agudá. *Jornal de estudos negros*, Vol. 28, No 5, Maio de 1998 515-539

DRAVET, F. M. OLIVEIRA, A. S. de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. *Miscelânea*, Assis, v. 21, p. 11-30, jan.-jun. 2017. ISSN 1984-2899

ENNES, M. A.; MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. In: **Rev. Sociologias**. Porto Alegre, v. 16, n.35, abr. 2014, pp. 274-305. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/jXq5XN7RP3g6wFJqpQqXBTN/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 10 de outubro de 2023.

EUGENIO, N. P. Estética e filosofia da arte africana: uma breve abordagem sobre os padrões estéticos que conectam África e sua diáspora. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 11. n. 2(2020), p. 112-123ISSN 2236-8612doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11i2.53634>

EVARISTO, C. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, 13(25), 17-31. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>

EVARISTO, C. (2015). *Olhos D'Água*. Palhas, Rio de Janeiro, 2015.

FANTINI, W. S. A dança do Rei: O Balé de corte e poder da soberania em FOUCAULT. HOLOS. Departamento de Filosofia-Universidade Federal da Paraíba (UFPB) 2015

FELISBERTO, F. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERES JÚNIOR, J., CAMPOS, L.A., DAFLON, V.T., and VENTURINI, A.C. **Ação afirmativa: conceito, história e debates** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, 190 p. Sociedade e política collection. ISBN: 978-65-990364-7-7. <https://doi.org/10.7476/9786599036477>.

FERRAZ, F. M. C. Danças negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes. In: **Revista Eixo**. Brasília, v. 6, n. 2 (Especial), novembro de 2017.

FERREIRA, Carolina Góis. DUARTE, N. O clássico e os valores universais: uma discussão a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica. **Acta Educ. vol. 43** Maringá 2021 Epub 01- Abril- 2021.

FERREIRA, A. da L. FERREIRA, J.da L.. Mercedes Baptista na educação infantil: relato de experiência de implementação da Lei n. 10.639/03 na Educação Infantil. In: **Rev. ODEERE**. 4(7), 2019, pp. 270-282. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4318>. Acessado em 13 de abril de 2023.

FRANCO, N. ; FERREIRA, N. V. C. (2016). Evolução da Dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema. **Repertório: Teatro & Dança**, 26,266-272. <https://doi.org/10.9771/r.v0i0.17476>

FREIRE D. L. T. (2021). Acontecimento-ÊáËù: a circularidade como trânsito contracolonialista. **RevistaCalundu**, 4(2),20.<https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i2.34752>

FREVO- GRUPO SOMBRINHAS NO AR.
https://www.youtube.com/watch?v=Vjy5D4RZ_yw

FURLIN, N. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395-403, 2014.

GEHRES, A. de F. BRASILEIRO, L. T. FREVO/PASSO – UMA ALEGRIA URBANA E TENSA: COMO ENSINAR? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GRUPO MARACATU QUILOA. Maracatu Quiloa 2016.
<https://www.youtube.com/watch?v=YN2IsDLkCYw>

GUARATO, R. Seduzidos pelo passado: a crítica como fonte para história da dança. **ARS** (São Paulo), 2019-17(37), 227-243.

GUARATO, R. História da dança enquanto arte. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2012. O Culto da história na dança: olhando para o próprio umbigo. VI Congresso ABRACE, São Paulo, 2010.

GUEDES, A. Grupo Camalote e Ginga Cia de Dança: Ritmos e passos da identidade cultural. Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título do Mestre do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, 2016.

GUNLANDA, O. A. C.; ZANELLA, A. V. . Raça, Corpo e Arte: contribuições de artistas negras/os para a reinvenção do mundo : contribuciones de artistas negros para reinventar el mundo . **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.5965/24471267712021068. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19825>. Acesso em: 8 maio. 2023.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 15-46, 1997.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

HUBNER, A. Agência na sociologia: os diferentes usos do conceito de agência em Weber, Giddens e Latour. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 9, n. 2, pp. 86-103, 2021

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Frevo. Dossiê IPHAN 14. Editora: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Brasília: Brasília Artes Gráficas, 2016.

LEITE, V. C. de O. NOLASCO, E. C. Conceição Evaristo: escrevivências do corpo. RELACult – **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 05, ed. especial, mai., 2019, artigo nº 1566 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

LIMA, I. M. de F. GUILLEN, I. C. M. Entre a cultura do espetáculo e a identidade negra: os maracatus-nação do Recife na contemporaneidade p.395. **Cultura negra vol. 1 : festas, carnavais e patrimônios negros** / Organização de Martha Abreu, Giovana Xavier, Lívia Monteiro e Eric Brasil. – Niterói : Eduff, 2018. - 428 p. : il. ; 21 cm. – (Pesquisas, 6a)

LIMA, I. M. F. Maracatu nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e História. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, p. 303-328, jul./dez. 2014. Editora UFPR.

LIMA, M. B. de. ESCREVIVÊNCIAS SOBRE CORPO, DANÇA E(M) EDUCAÇÃO NO CENÁRIO ACADÊMICO BRASILEIRO. v. 28 n. 1 (2023): v. 28 n. 1 (2023): **Dossiê Estética do Corpo e do Movimento: incursões no campo das artes.**

MACHADO, A. F. Filosofia Africana: Ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento. **Problemata**: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2 (2019), p. 56-75 ISSN 2236-8612 doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49118>

MAHMOOD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 121-158, maio, 2006.

MALDONADO-TORRES, N. Pensamento crítico desde a subalteridade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das Ciências Sociais no século XXI. **Afro-Ásia**, 2006, nº 34. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21114>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

MARACATU NAÇÃO PERNAMBUCO. **Mercadança**. Disponível em: <https://www.mercadanca.com.br/artistas-e-companhias/maracatu-nacao-pernambuco>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MARAL, J. Das danças rituais ao ballet clássico. **Revista Ensaio**. Geral, Belém, v.1, n.1, jan-jun|2009.2011.

Marques, J. Almeida Alves, M. R. Marques, R. **A voz do Tempo: os ventos do Terreiro Bandaleongo**. Paulo Afonso-BA: Editora SABEH, 2017.

MAZAMA, A. Educação domiciliar como protecionismo racial nos Estados Unidos. **Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 34-52. DOI:<https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28255>

MBEMBE, A. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos afro-asiáticos**, v. 23, p. 171-209, 2001.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Revista Arte e Ensaio*, ISSN: 2448-3338. Ano 2018

MELGAÇO, P. Mercedes Baptista. **A criação da identidade negra na dança**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MELLO. Anahi Guedes de. Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook. In: PRATA, Nair & PESSOA, Sônia Caldas (Orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019, p.166.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MENDONÇA, É. de S. GOMINHO, A. de C. F. MELO, A. L. C. de. Dossiê: Relações étnico-raciais: práticas e reflexões pedagógicas em contextos, espaços e tempos Inclusão de pessoas negras e de saberes afrodiaspóricos em Universidades brasileiras: a diversidade epistêmica como estratégia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e19393, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa>

MINAYO, M. C.de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MODESTO, H. B. dos S. **QUEBRANDO O ESPELHO DO RACISMO: a construção da identidade e da imagem de meninas negras**. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação: Mestrado em Educação e Docência – PROMESTRE/FaE/UFMG. Belo Horizonte, 2021.

MONTEIRO, M. F. M. Dança afro: uma dança moderna brasileira. In: NORA, Sigrid (org.). **HUMOS** 4. v. 1. ed. 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011, p. 51-59.

MOORE, C. Novas Bases Para o Ensino Da História Da África No Brasil (Considerações Preliminares), 2005.

MOTTA, I. Movências nas rotas de Sankofa: poéticas, agências e corpa/corpo co-movente na dança". In: ANAIS DO VI CONGRESSO DA ANDA , 2021, Salvador. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2021/trabalhos/movencias-nas-rotas-de-sankofa-poeticas-agencias-e-corpacorpo-co-movente-na-danc?lang=pt-br>> Acesso em: 25 Abr. 2024.

MUDIMBE, V. **A invenção da África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2019

NASCIMENTO, A. **Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2019.

NJERI, A. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>

NOGUERA, R. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio/out/2012, p.62-73.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e Educação: os princípios gerais para um currículo afrocêntrico. **Revista África de Africanidades**, Ano 3, n. 11, novembro, 2010. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf. Acesso em 18/06/2024.

OLIVEIRA, S. L. O Quilombismo: Uma expressão da filosofia política afroperspectivista. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 10. n. 2 (2019), p. 128-146 ISSN 2236-8612 doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49174>

OLIVEIRA, M. **DANÇAS INDÍGENAS E AFROBRASILEIRAS**. Salvador: UFBA, Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2018. 74 p. : il.

OLIVEIRA, R.de C. M.de. (ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 2, nº 4, 2014.

ORTNER, S. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. GROSSI, Miriam et al. (Org.). Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Brasília: ABA/ Nova Letra, 2007. p. 45-80.

OYÉWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PASSAMANI, Guilherme R.; VASCONCELOS, Alexandre Meira de; ROSA, Marcelo V. da, et. al. Pobres, pretos/as, periféricos/as, jovens e em escolarização: a constituição dos sujeitos da 18ª parada da cidadania LGBT de Campo Grande/MS. In: **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**. V.11, n. 2, 2020, pp. 57-81, ISSN 2177-2886.

PIO, A. Um Relato Sobre Resistências (Anti)Racistas e Cultura na Escola de Educação Básica. REVISTA VIRTUAL EN_FIL - ENCONTROS COM A FILOSOFIA, v. 1, p. 93-107, 2022.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PIMENTA, R. W. de S. PASSOS, J.C. dos. SILVA, C. A. S. da. A Pedagogia da Ancestralidade no ensino de linguagem a partir da educação das relações étnico-raciais. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 9 (21): 159-172, setembro a dezembro de 2022. ISSN: 2358-5587

PRYSTON, A. Mapeando o pós-colonialismo e os estudos culturais na América Latina. **Revista da ANPOLL**, nº 10, 2001, p. 23-46. Disponível em <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/384>. Acesso em 03 de maio de 2023.

RIVERA, L. **Nossa Cores: Celebre o ser único que você é**. Ilustrações: Eward Miler. Happy Boohs, 2022.

REIS, M. da C. dos; LIMA, C. S. de; NASCIMENTO, E. R. do. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 119-135. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28260>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

RIBEIRO, K. MOREIRA JR., V. D. Análises e reflexões afrocêntricas acerca da educação filosófica. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 87-100. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28258> Acesso em: 03 de maio de 2023.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro. Mórula Editorial 2019.

SABINO, J. L, R. **Danças de Matriz Africana: Antropologia do Movimento**. Editora Pallas, Rio de Janeiro, 2021.

SAMPAIO, F. Balé passo a passo: história, técnica, terminologia. **Paracuru**, 2013.

SALERNO, M. B; SANTOS, A. C. dos. JOGOS AFRICANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: trajetórias e ações. **Entre Rodas e Saberes Insurgentes**, [s. l.], jan. 2025

SARMENTO, L. E. P. **Patrimonialização das culturas populares: visões, reinterpretações e transformações no contexto do frevo pernambucano**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CFCH. Antropologia. Recife, 2010.

SILVA, L. R. A DANÇA DOS OUTROS - IMAGINAÇÕES DIASPÓRICAS PARA INTERPELAR O MUNDO. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, UFPB, v. 10 n. 2, jun-dez/2019, p. 91 a 98

SOUSA, J. R. de; S, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

SOUZA, M. P. F.; MELO, P. F. C. COMPREENDENDO O FREVO: Evolução Histórica e sua Importância para o Carnaval Pernambucano. In: **Turismo & Hotelaria no contexto da experiência II**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022.

TAVARES, J.R. da S. MACHADO, F. C. A Dança Negra de Mercedes Baptista e o gesto cênico. **Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 10, n.1, [18], p. 38 - 53, jan.- jul. 2022. VILLEROY, E. Ballet folclórico Mercedes Baptista: entre brasilidade e negritude no Rio de Janeiro das décadas de 1950 e 1960. In: **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 41, jan./jun., 2021, pp. 110-126. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>. Acessado em 22 de abril de 2023.

VITÓRIA, A. da Silva. O IMPACTO DO UTAMAWAZO OCIDENTAL NA EMOCIONALIDADE. **Diálogos Interdisciplinares**. ISSN2317-3793. Volume 10 Número 1 (2020). Brás Cubas Centro Universitário.

WALSH, C. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: **Candau**, Vera Maria (org.). Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. (p. 64-75)

WILLIAMS, R. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015

ZENICOLA, D. M. (2020). DANÇAS NEGRAS EM AFRODIÁSPORAS. **DANÇA: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Dança**, 5(1). <https://doi.org/10.9771/2317-3777dana.v5i1.42872>